



Tradução e Revisão: Jossi Slavic
Formatação: Ana Claudia Oliveira





O azar é a forma que adota Deus para passar despercebido.
Jean Cocteau

A Manine e a Louis

*No princípio, Deus criou o céu e a terra.
E entardeceu e amanheceu.*

Apadrinhada por Miguel, que a considera a melhor agente da Central de Inteligência dos Anjos, Zofia é convocada ao gabinete do Senhor, recebendo a missão de vencer o mal que impera na Terra num prazo de sete dias. Ao mesmo tempo em que Zofia recebe sua tarefa, Satã dá a Lucas o mesmo período de tempo para erradicar o Bem do planeta. Àquele que conseguir arrastar a humanidade para o seu lado será concedido o poder para administrar o novo mundo. Com São Francisco como teatro de operações, os agentes de elite do céu e do inferno iniciam uma luta sem tréguas, na qual Zofia começa em desvantagem: o Mal está presente em todo o mundo.

Primeiro dia

Lucas, estendido na cama, olhou o pequeno piloto do procura, que piscava freneticamente. Fechou o livro e o deixou a um lado. Era a terceira vez em quarenta e oito horas que lia aquela história, e não recordava nenhuma leitura que o tivesse feito desfrutar tanto.

Acariciou a tampa com a ponta dos dedos. Esse tal Hilton estava a ponto de converter-se em seu autor favorito; alegrava-se de que um cliente o tivesse deixado na gaveta da mesinha de cabeceira daquele quarto de hotel. Tomou de novo o volume e o lançou com gesto decidido para a mala aberta que estava do outro lado do quarto. Olhou o relógio, espreguiçou-se e se levantou da cama. «Vamos, acima e em marcha», disse de bom humor. Frente ao espelho do armário, fez o nó da gravata, vestiu o paletó do traje negro, recolheu os óculos de sol da mesinha que estava junto ao televisor e as guardou no bolso superior. O celular que levava em um bolso da calça continuava vibrando. Empurrou com um pé a porta do armário e se aproximou da janela. Afartou o vidro cinzento e imóvel para observar o pátio interior; nenhum sopro de brisa levaria a contaminação que invadia a parte baixa de Manhattan e se estendia até os limites da TriBeCa. Seria um dia quente. Lucas adorava o sol, e ninguém melhor que ele para saber como era nocivo. Acaso não permitia proliferar toda classe de germes e de bactérias nas terras que padecem secas? Acaso não era pior que a Foice para separar os fracos dos fortes? «E a luz se fez», murmurou enquanto segurava o telefone. Pediu à recepção que lhe preparasse a conta; devia interromper sua viagem à Nova Iorque. Depois saiu do quarto.

Ao final do corredor, desconectou o alarme da porta que dava à escada de incêndios.

Ao chegar ao pátio, tirou o livro antes de desfazer-se da mala atirando-a a um grande contêiner de lixo e entrou a passo ligeiro no beco.

Enquanto caminhava por aquela rua mal pavimentada do SoHo, Lucas observava com deleite um balaústre de ferro forjado que só resistia a tentação de desabar graças a dois rebites oxidados. O inquilino do terceiro andar, uma jovem modelo de peitos excessivamente bem formados, ventre insolente e lábios carnudos, estendeu-se sem suspeitar do perigo, o que era uma situação perfeita. Ao cabo de alguns minutos (se a vista não o enganava, e não o enganava nunca), os rebites cederiam e a beleza se encontraria três andares mais abaixo com o corpo destroçado. O sangue que fluiria desde sua orelha pelos interstícios dos paralelepípedos sublinharia o terror pintado em seu semblante. Seu bonito rosto conservaria essa expressão até que se decompor dentro de uma caixa de pinheiro, onde a família da senhorita a teria metido antes de sepultá-la sob uma lápide de mármore e uns quantos litros de lágrimas inúteis. Uma insignificância que dedicariam no máximo quatro linhas mal redigidas no periódico do bairro e que lhe custaria um julgamento do proprietário do imóvel. Um responsável técnico da prefeitura perderia seu emprego (sempre faz falta um culpado) e um de seus superiores, depois de chegar à conclusão que o acidente poderia ter sido um autêntico drama se o balcão tivesse caído sobre algum transeunte, encerraria o assunto. Depois de tudo, havia um Deus no mundo, e esse, em definitivo, era o verdadeiro problema de Lucas.

O dia poderia começar maravilhosamente bem se no interior desse bonito piso não tivesse tocado um telefone e se o idiota que nele vivia não tivesse deixado seu celular no

banheiro. A estúpida cabeça se levantou para ir buscá-lo; decididamente, tinha mais memória um MAC que o cérebro de uma modelo, disse Lucas, decepcionado.

Lucas apertou as mandíbulas e os dentes lhe chiaram ao mesmo tempo em que os freios do caminhão do lixo que se dirigia para ele chiavam, fazendo tremer a rua. A parte metálica se desprende com um rangido seco e nítido da fachada e começou a cair. Uma parte de corrimão fez-se em pedacinhos e o cristal de uma janela do piso de baixo. Um dilúvio de vigas de ferro oxidadas —habitáculos subterrâneos de colônias de bacilos do tétanos— estava descendo para o pavimento. O olhar de Lucas se iluminou de novo: uma afiada viga de metal caía para o chão a uma velocidade vertiginosa. Se seus cálculos estavam exatos, e sempre eram, não havia nada perdido. Cruzou despreocupadamente o meio-fio, obrigando o condutor do caminhão reduzir a velocidade. A viga atravessou a cabine do caminhão de lixo e se cravou no tórax do condutor; o veículo deu uma terrível inclinação brusca. Os dois lixeiros que foram encarapitados na plataforma traseira não tiveram tempo de gritar: foram engolidos pela boca da caixa e imediatamente triturados por suas mandíbulas, que prosseguiram funcionando, imperturbáveis; o outro foi projetado para diante e aterrissou inerte, no chão. O eixo dianteiro lhe caiu por cima de uma perna.

Em sua carreira, o Dodge se chocou contra uma luz, que voou pelos ares. Os cabos elétricos, já cortados, ficaram a dar rabadas e meter-se na água suja do arroio. Um feixe de faíscas anunciou o tremendo curto-circuito que afetou a toda a porção de casas. Os semáforos do bairro ficaram, em sinal de duelo, mais negros que o traje de Lucas. Já se ouvia ao longe o ruído das primeiras colisões de veículos nos cruzamentos, abandonados à sua sorte. Na intercessão das ruas Crosby e Spring, o choque do caminhão descontrolado com um táxi amarelo foi inevitável. Ao ser acertado de través, o *yellow CAB* se embutiu no edifício Museu de Arte Moderna. «Outra obra de arte para sua cristaleira», murmurou Lucas. O eixo dianteiro do caminhão subiu em cima de um carro estacionado; os faróis, agora cegos, apontavam para o céu. O pesado caminhão se retorceu entre ruídos de chapa rasgados, antes de cair de lado, vomitar as toneladas de detrito que levava nas vísceras e deixar o meio-fio coberto por um tapete de imundícies. Ao estrondo do drama consumado seguiu-se um silêncio mortal. O sol prosseguia tranqüilamente seu percurso para o zênite; o calor de seus raios não demoraria em tornar pestilenta a atmosfera do bairro.

Lucas se ajustou o pescoço da camisa; horrorizava-lhe que lhe sobressaíssem as picadas por cima da jaqueta. Contemplou a magnitude do desastre. Viu que eram nove horas em seu relógio e, enfim, estava começando um dia esplêndido.

A cabeça do taxista descansava sobre o volante e acionava a buzina, que soava ao mesmo tempo em que a sirene dos rebocadores no porto de Nova Iorque, um lugar precioso quando fazia bom tempo, como esse domingo de finais de outono. Lucas se dirigia para ali, de onde um helicóptero o transladaria ao aeroporto de LaGuardia. Só faltavam sessenta e seis minutos para que decolasse seu avião.

O molhe 80 do porto mercante de São Francisco estava deserto. Zofia pendurou devagar o telefone e saiu da cabine. Entreabrindo os olhos por causa da luz, contemplou a cena em frente. Um enxame de homens transportava ao redor de gigantescos contêineres. Os condutores das guas, encarapitados em suas respectivas casquinhas, dirigiam um delicado balé de plumas que se cruzavam sobre um imenso cargueiro com destino à China. Zofia suspirou: até com a mais boa vontade do mundo, não podia fazer tudo sozinha. Tinha muitos dons, mas não o da ubiqüidade.

A bruma já cobria a ponte Golden Gate, cujos pilares logo se sobressaíam da densa nuvem que invadia progressivamente a baía. Em questão de instantes, a atividade portuária

teria que paralisar-se por falta de visibilidade. Zofia, preciosa com seu uniforme de oficial encarregada da segurança, contava com muito pouco tempo para convencer os capatazes sindicalizados que parassem os carregadores que trabalhavam a toque de caixa. Oxalá soubesse zangar-se! A vida de um homem deveria ter prioridade sobre umas quantas caixas carregadas depressa e correndo. Mas os homens não mudam; do contrário, não haveria necessidade que ela estivesse ali.

Zofia gostava do ambiente que reinava nos portos de carga. Sempre tinha muitas coisas a fazer. Toda a miséria do mundo ficava visível à sombra dos antigos portos. Os vagabundos se instalavam ali, protegidos das chuvas outonais, dos ventos gelados que o Pacífico arrastava para a cidade ao chegar o inverno e das patrulhas de polícia, pouco amigas de entrar nesse universo hostil em qualquer estação.

— Maneta, diga que parem!

O homem corpulento fingiu não havê-la ouvido. Estava anotando o número de matrícula de um contêiner, que se elevava para o céu, em um grande bloco de papel de notas que mantinha apoiado contra o ventre.

— Maneta, não me obrigue a apresentar uma denúncia! Use o rádio e ordene que deixem de trabalhar já! —Insistiu Zofia—. A visibilidade é inferior a oito metros, e sabe perfeitamente que deveria estar meio doido o apito assim que desceu.

O capataz Maneta assinou a folha e a estendeu ao seu jovem ajudante. Com um gesto da mão, indicou-lhe que se afastasse.

—Não fique aqui, está em uma zona perigosa. Quando uma carga se solta, não perdoa.

—Sim, mas não se solta tão fácil. Maneta, ouviu-me? —insistiu Zofia.

— Não tenho um olhar a laser, que eu saiba! —resmungou o homem, arranhando uma orelha.

— Mas sua má fé é mais precisa que qualquer telêmetro! Não tente ganhar tempo. Fechemos este porto agora mesmo, antes que seja muito tarde.

—Há quatro meses que trabalha aqui e nunca a produtividade caiu tanto como agora, desde sua chegada. Vai se encarregar de alimentar as famílias de meus companheiros quando acabar a semana?

Um trator estava aproximando-se da zona de descarga. O condutor não via nada e a forquilha frontal evitou por um fio de se chocar contra uma bandeja.

—Vamos. Não vê que está me atrapalhando?

—Não sou eu quem atrapalha, é a névoa. Só o que tem que fazer é pagar de outra forma aos carregadores. Estou certa de que seus filhos se alegrarão mais de ver seu pai esta noite, que de cobrar o seguro de vida do sindicato. Vamos Maneta, dentro de dois minutos envio uma demanda judicial contra você, e irei pessoalmente aos tribunais. —O capataz olhou Zofia antes de cuspir na água—. Não percebe? —disse ela.

Maneta encolheu os ombros, empunhou o *walkie-talkie* e se resignou a ordenar o afastamento geral das atividades. Ao cabo de um instante soaram quatro toques de buzina e imediatamente se paralisou a dança de guias, elevadores, tratores e tudo que podia mover-se nos portos e a bordo dos cargueiros. Ao longe, no invisível, a sirene de névoa de um rebocador respondeu ao afastamento da atividade.

—Se seguimos parando tanto, este porto acabará por fechar.

—Não depende de mim que chova ou faça sol, Maneta. Eu me limito a evitar que seus homens se matem. E não faça essa cara, odeio que estejamos zangados! Vamos, convido-o para um café e uns ovos mexidos.

—Pode olhar tudo o que queira com seus olhos de anjo, mas a advirto, assim que a visibilidade chegar a dez metros ponho tudo em marcha outra vez.

—Assim que possa ler o nome dos navios no casco. Venha, vamos!

O Fisher's Deli, o melhor botequim do porto, já estava abarrotado. Sempre que havia névoa, os carregadores se reuniam ali para compartilhar a esperança de que o céu limpasse e permitisse não perder o dia. Os mais veteranos estavam sentados ao fundo da sala. De pé, na barra, os jovens mordiam as unhas enquanto tratavam de distinguir pelas janelas a proa de um navio ou a pluma de uma grua, primeiros indícios de uma melhoria do tempo. Depois das conversações de praxe, todos ficavam rezando com um nó no estômago e o coração na boca. Para esses operários polivalentes, que trabalhavam tanto de dia como de noite sem queixar-se jamais do óxido e do sal que lhes impregnavam até nas articulações, para esses homens que já não sentiam as mãos, cobertas de grossos calos, era terrível voltar para casa com apenas um punhado de dólares da garantia sindical no bolso.

No bar havia um estrondo de talheres que entrechocavam de vapor que saía assobiando da cafeteira, de copos tirados das bandejas... Os carregadores, sentados em grupos de seis nos bancos, trocavam poucas palavras por cima do estrépito.

Mathilde, a garçonete de figura frágil, com um corte de cabelo estilo Audrey Hepburn e uma blusa de vichy, levava uma bandeja tão carregada que as garrafas pareciam manter-se em equilíbrio por mágica. Com o bloco de papel de pedidos no bolso do avental, ia e vinha da cozinha ao balcão, do bar às mesas, da sala ao balcão dos frios. Para ela, os dias de bruma espessa eram exaustivos, mas dada sua solidão cotidiana, preferia-os aos tranquilos. Com seus generosos sorrisos, suas olhadas de esguelha e suas réplicas mordazes, sempre acabava por levantar um pouco a moral dos homens. A porta se abriu, ela voltou a cabeça e sorriu; conhecia perfeitamente a garota que estava entrando.

— Zofia, mesa cinco! Depressa, quase tive que subir em cima para lhe reservar. Já lhes trago café.

Zofia se sentou em companhia do capataz, que continuava resmungando.

—Levo cinco anos dizendo que instalem um sistema de iluminação de tungstênio. Com isso ganharíamos pelo menos vinte dias de trabalho ao ano. Além disso, essas normas são umas idiotices. Meus moços podem batalhar perfeitamente com uma visibilidade de cinco metros, são todos profissionais.

— Por favor, Maneta, os aprendizes representam o trinta e sete por cento de seus efetivos!

— Os aprendizes estão aqui para aprender! Nosso ofício se transmite de pais a filhos, e aqui ninguém brinca com a vida de outros! O carnê de carregador ganha impulso, e serve sempre, faça bom ou mau tempo!

O rosto de Maneta se adoeceu quando Mathilde os interrompeu para lhes servir, orgulhosa da rapidez que tinha chegado a alcançar.

—Ovos mexidos com bacon para você, Maneta. Você, Zofia, suponho que não quer comer nada, como de costume. De todas as formas, trarei um café com leite, embora nem o tome... Enfim, o pão, o ketchup, aqui tem tudo.

Maneta, com a boca já enche, deu-lhe as obrigado. Mathilde perguntou a Zofia, com voz vacilante, se essa noite tinha algum compromisso. Zofia lhe respondeu que aconteceria procurá-la quando terminasse de trabalhar. A garçonete, aliviada, desapareceu no tumulto do local, cada vez mais cheio. Do fundo da sala, um homem bastante corpulento se dirigiu para a saída. Ao chegar à altura de sua mesa, deteve-se para saudar o capataz. Maneta se limpou a boca e se levantou para falar com ele.

— O que faz por aqui?

— Quão mesmo você. Vim a comer os melhores ovos mexidos da cidade.

— Conhece nosso oficial de segurança, a tenente Zofia...?

— Não temos o prazer de nos conhecer — o interrompeu Zofia, levantando-se.

— Então, apresento ao meu velho amigo o inspetor George Pilguez, da polícia de São Francisco.

A jovem lhe tendeu a mão ao detetive, que estava olhando-a, surpreso, quando o procura que Zofia levava sujeito ao cinturão começou a soar.

— Parece-me que a chamam - disse Pilguez.

Zofia examinou o aparelho que levava no cinturão. O piloto luminoso não parava de piscar sobre o número sete. Pilguez a observou sorrindo.

— Os seus chegam até o sete? Então é que seu trabalho deve ser muito importante. Os nossos não passam do quatro.

— É a primeira vez que se acende esse piloto — respondeu ela, desconcertada —. Desculpem-me, mas tenho que deixá-los.

Despediu-se dos dois homens, fez um gesto ao Mathilde, que não a viu, e se abriu caminho para a porta através da multidão.

Da mesa onde o inspetor Pilguez tinha ocupado seu lugar, o capataz gritou:

— Não conduza muito depressa! Nenhum veículo está autorizado a circular com uma visibilidade de menos de dez metros!

Mas Zofia não o ouviu. Enquanto ia correndo para seu carro, subiu o pescoço da jaqueta de pele. Nada mais fechar a portinhola, fez girar a chave de contato e o motor arrancou imediatamente. O Ford oficial começou a percorrer os moles com a sereia em marcha. A Zofia não parecia lhe incomodar a opacidade da névoa, cada vez mais intensa. Circulava por aquele decorado espectral deslizando-se entre as patas das gruas, sorteando alegremente os contêineres e as máquinas paradas. Bastaram-lhe uns minutos para chegar à entrada da zona de atividade mercantil. No posto de controle diminuiu a velocidade apesar de que, com o tempo que fazia, certamente havia via livre. A barreira de raias vermelhas e brancas estava levantada. O vigilante do mole 80 saiu da guarita, mas lhe resultou impossível ver nada. A gente não via nem sua própria mão. Zofia subia pela rua Terceira bordeando a zona portuária, depois de atravessar todo o bairro chinês, a rua dobrava por fim para o centro da cidade. Zofia conduzia imperturbável, pelas ruas desertas. O procura soou de novo.

— Faço o que posso! — protestou em voz alta — Não tenho asas e, além disso, há limitação de velocidade!

Logo que tinha terminado de pronunciar a frase quando um enorme raio difundiu um halo de luz fulgurante na bruma. Seguiu um trovão de uma violência incrível, que fez tremer os cristais de todas as casas. Zofia abriu os olhos como pratos, sobressaltada, e apertou um pouco mais o acelerador. A agulha se moveu ligeiramente para a direita. Diminuiu a marcha para atravessar a rua Market (já não se distinguia a cor dos semáforos) e entrou no Kearny. Oito maçãs separavam ainda a Zofia de seu destino, nove se resignava a respeitar o sentido de circulação das ruas, coisa que sem dúvida alguma faria.

Uma chuva torrencial rasgava o silêncio nas escuras ruas, grossas gotas se estrelavam contra os cristais fazendo um ruído ensurdecedor, os limpadores de pára-brisas resultavam inúteis para apartar a água, ao longe, tão somente a ponta do último piso da majestosa torre piramidal do Transamerica Building aparecia por cima da densa nuvem negra que cobria a cidade.

Alastrado em seu assento de primeira classe, Lucas desfrutava contemplando pelo olho de boi aquele espetáculo diabólico, mas de uma beleza divina. O Boeing 767 dava voltas sobre a baía de São Francisco, à espera de uma hipotética autorização para aterrissar. Lucas, impaciente, tamborilou com os dedos sobre o procura que tinha pendurado do cinturão. O piloto número sete não cessava de piscar. A aeromoça se aproximou dele para lhe dizer que o apagasse e pusesse o respaldo em posição vertical, porque o aparelho estava realizando a manobra de aproximação.

— Pois deixem de aproximações e tomem terra de uma puta vez! Tenho pressa!

A voz do comandante soou através dos alto-falantes: as condições meteorológicas em terra eram relativamente difíceis, mas a escassa quantidade de querosene que ficava nos depósitos os obrigava a aterrissar. Pediu à tripulação que se sentasse e lhe indicou à chefe de cabine que se dirigisse ao posto de pilotagem. A seguir pendurou o micro. A expressão forçada da aeromoça de primeira classe merecia um Oscar: nenhuma atriz do mundo teria sabido desdobrar o sorriso Charlie Brown que ela estabeleceu na comissura de seus lábios. A anciã que estava sentada ao lado do Lucas, e que já não era capaz de controlar seu medo, agarrou-o pela boneca. Ao Lucas divertiu a umidade de sua mão e o ligeiro tremor que a agitava. Uma série de sacudidas, a qual mais violenta sacudiu a carlinga. O metal parecia sofrer tanto como os passageiros. Através do olho de boi, podiam-se ver oscilar as asas do aparelho, ao máximo da amplitude prevista pelos engenheiros do Boeing.

— Por que chamaram à chefe de cabine? — perguntou a anciã, ao bordo do pranto.

— Para que se tome um gole com o comandante - respondeu Lucas, radiante—. Assustada?

— Mais que isso, diria eu. Vou rezar por nossa salvação!

— Nem lhe ocorra! É você afortunada, assim conserve essa angústia. É muito bom para sua saúde! A adrenalina o limpa tudo. É o êmbolo líquido do circuito sangüíneo, e, além disso, faz trabalhar ao coração. Nestes momentos está ganhando dois anos de vida! Vinte e quatro meses de abono grátis não são para desprezá-los, embora, pela cara que põe os programas não devem ser nada do outro mundo.

A passageira tinha a boca muito seca para responder e se enxugou umas gotas de suor da frente com o dorso da mão. Tinha-lhe acelerado o coração, custava-lhe respirar e uma multidão de estrelinhas lhe nublava a vista. Lucas, divertido, deu-lhe umas palmadas amistosas no joelho.

— Se fechar os olhos muito forte, e se concentra, é obvio, verá a Vas Maior.

Rompeu a rir. Sua vizinha tinha perdido o conhecimento e a cabeça lhe caiu sobre os braços. Apesar das violentas turbulências, a aeromoça se levantou. Agarrando-se como pôde aos bagageiros, avançou para a mulher desvanecida. Tirou um frasquinho de sais do bolso do avental, abriu-o e o pôs à anciã inconsciente sob o nariz. Lucas a olhou, ainda mais divertido.

— Temos que desculpar à avó por não manter o tipo, porque terá que reconhecer que o piloto não se anda com pequenas. Parece que estejamos na montanha russa. Ouça, me diga uma coisa..., ficará entre nós, o prometo... Isto de lhe aplicar a ela seu remédio de velha é para curar o mal com o mal?

Lucas não pôde reprimir outra gargalhada. A chefe de cabine o olhou, indignada. Não lhe parecia nada divertida a situação e assim o fez saber.

Uma sacudida projetou à aeromoça para a porta da cabine. Lucas lhe dirigiu um amplo sorriso e esbofeteou sem contemplações a sua vizinha. Esta se sobressaltou e abriu os olhos.

— Vá, tornou conosco! Pequena viagem, né? —inclinou-se para seu ouvido e sussurrou — Não se envergonhe. Olhe a seu redor, estão todos rezando, que ridículo!

A mulher não teve tempo de responder. Entre o ruído ensurdecedor dos motores, o avião acabava de tomar terra. O piloto investiu o impulso dos reatores e a água açoitou violentamente a carlinga. Finalmente, o aparelho se deteve. Os passageiros aplaudiam aos pilotos ou juntavam as mãos para dar as graças a Deus por havê-los salvo. Lucas, exasperado, desabotoou-se o cinto de segurança, elevou os olhos ao céu, olhou o relógio e se encaminhou para a porta dianteira.

A chuva tinha aumentado. Zofia estacionou o Ford junto à calçada que bordeaba a torre e baixou a viseira do pára-brisa para deixar à vista uma pequena insígnia com as siglas CIA. Saiu correndo sob o toró, rebuscou nos bolsos e meteu no parquímetro a única moeda que encontrou. Depois cruzou a esplanada, passou por diante das três portas giratórias pelas que se acessava ao vestibulo principal do majestoso edifício piramidal e o rodeou. O procura vibrou de novo e Zofia elevou os olhos ao céu.

— Sinto muito, mas o mármore molhado é muito escorregadio! Todo mundo sabe, salvo possivelmente os arquitetos...

No último piso da torre, muitas vezes diziam em brincadeira que a diferença entre os arquitetos e Deus era que Deus não se considerava arquiteto.

Zofia avançou junto à parede do edifício até chegar a uma placa de uma cor mais clara e apoiou uma mão sobre ela. Na fachada se deslocou um painel. A jovem entrou e imediatamente o painel voltou para seu sítio.

Lucas tinha descido do táxi e caminhava com passo decidido pela esplanada que Zofia tinha deixado atrás fazia uns instantes. No lado oposto da mesma torre, apoiou a mão sobre a pedra, igual a ela. Uma placa, neste caso mais escura que as demais, deslizou-se e Lucas entrou na asa oeste do Transamerica Building.

Zofia não tinha tido nenhuma dificuldade para acostumar-se à penumbra do corredor. Sete curvas mais adiante, acessou a um amplo vestibulo com as paredes de granito branco do que se elevavam três elevadores. A altura até o teto era vertiginosa. Nove globos monumentais, todos de tamanhos diferentes e pendurados de cabos cujos pontos de sujeição não se viam, difundiam uma luz opalina.

Cada visita a sede da Agência era para ela uma fonte de assombro. Decididamente, a atmosfera que reinava naquele lugar era insólita. Saudou o zelador, que estava atrás do mostrador e se levantou.

—bom dia, Pedro, como vai?

O afeto da Zofia pelo que vigiava sempre o acesso à Central era sincero. Todas as lembranças que tinha de seu passo pelas ansiadas portas estava associado a sua presença. Acaso não se devia o clima aprazível e tranqüilizador que, pese ao intenso trânsito, reinava na Entrada da Morada? Nem sequer os dias de grande afluência, quando centenas de pessoas se amontoavam nas portas, Pedro permitia a desordem e os empurrões. A sede da CIA não teria sido a mesma sem a presença daquele ser ponderado e atento.

—Muito trabalho ultimamente — disse Pedro — A esperam. Se deseja trocar-se, devo ter sua chave do vestuário em alguma parte. Um segundo... —ficou a rebuscar em umas gavetas e murmurou—: Há tantas! A ver..., onde a pus?

— Não tenho tempo, Pedro! —disse Zofia, caminhando apressadamente para o pórtico de segurança.

A porta acristalada se abriu. Zofia se dirigiu ao elevador da esquerda, mas Pedro lhe assinalou com um dedo a cabine expresso do centro, a que levava diretamente ao último piso.

— Está seguro? —perguntou ela, surpreendida.

Pedro assentiu com a cabeça ao tempo que as comporta se abriam e o som de uma campainha ricocheteava nas paredes de granito. Zofia ficou paralisada uns segundos.

—Dese pressa, e que tenha um bom dia — lhe disse ele com um sorriso afetuoso.

Comporta-as se fecharam atrás dela e a cabine se elevou para o último piso da CIA.

Na asa oposta da torre, o néon do velho elevador de carga chispava e a luz flutuou uns segundos. Lucas se ajustou a gravata e se estirou a jaqueta. As grades acabavam de abrir-se.

Um homem vestido com um traje idêntico ao seu se aproximou imediatamente para recebê-lo. Sem lhe dirigir a palavra, assinalou-lhe com gesto sério os assentos da sala de espera e voltou a sentar-se detrás de sua mesa. O cão pastor com aspecto de goleiro que dormia pacote a seus pés levantou uma pálpebra, lambeu-se os beiços e fechou de novo o olho. Um fio de baba caiu sobre o carpete negro.

A recepcionista tinha acompanhado a Zofia até um fofo sofá e lhe ofereceu as revistas estendidas sobre uma mesa de centro. Antes de retornar a seu mostrador, assegurou-lhe que não demorariam em ir procurar-la.

No mesmo momento, Lucas fechou uma revista e consultou seu relógio. Eram quase às doze da manhã. Desabotoou-se a correia e o pôs ao reverso para não esquecer pô-lo em hora quando partisse. Algumas vezes, no «Escritório», o tempo se detinha, e Lucas não suportava a falta de pontualidade.

Zofia reconheceu ao Miguel assim que apareceu ao fundo do corredor, e o rosto lhe iluminou no ato. O cabelo cinza sempre um pouco emaranhado, as patas de galo que lhe alargavam as facções e aquele irresistível acento escocês (alguns afirmavam que o tinha copiado de sir Sejam Connery, do que não se perdia nenhum filme) davam-lhe um ar elegante que a idade não alterava. A Zofia adorava a forma que tinha seu padrinho de pronunciar as esses, mas ainda lhe assobiava mais a covinha que lhe formava no queixo quando sorria. Desde sua chegada à Agência, Miguel era seu mentor, seu eterno modelo. Ele tinha acompanhado todos seus passos à medida que tinha ido subindo os degraus da hierarquia e sempre as tinha arrumado para que em seu expediente não figurasse nada negativo. À força de pacientes lições e de cuidados abnegadas, sempre tinha realçado as valiosas qualidades de sua protegida: a grande generosidade da Zofia, seu engenho e a vivacidade de sua alma sincera compensavam suas legendárias réplicas, que às vezes surpreendiam a seus companheiros. Quanto à forma em ocasiões pouco ortodoxa que tinha de vestir-se, ali todo mundo sabia perfeitamente, e desde fazia muito tempo, que o hábito não faz à monge.

Miguel sempre tinha apoiado a Zofia porque, do mesmo momento de sua admissão, tinha-a identificado como um membro de elite, e sempre se esforçou para que ela não se inteirasse. Ninguém se teria atrevido a discutir seus pontos de vista; lhe reconhecia por sua autoridade natural, sua prudência e sua devoção. Da noite dos tempos, Miguel era o número duas da Agência, o braço direito do grande Chefe, a quem lá encima todo mundo chamava Senhor.

Miguel, com um expediente sob o braço, chegou à altura da Zofia, que se levantou para lhe dar um beijo.

— Me alegro de verte. Foi você quem me mandou chamar?

— Sim, bom..., não exatamente. Espera aqui—disse Miguel—. Virei a te buscar.

Parecia tenso, coisa imprópria dele.

— O que ocorre?

— Agora não, já lhe explicarei isso mais tarde. E você, me faça o favor de atirar esse caramelo antes de...

A recepcionista não lhe deixou tempo para acabar seu conselho; esperavam-no. Entrou no corredor a passo rápido e voltou a cabeça para tranquilizar a Zofia com o olhar. Através do tabique, já ouvia os fragmentos da inflamada conversação que se desenvolvia no grande despacho.

— Ah, não, em Paris não! Estão continuamente em greve... Seria muito fácil para ti, há manifestações quase diariamente... Não insista... Levam assim muito tempo, em consequência duvido que vão trocar agora para nos agradar.

Um breve silêncio animou ao Miguel a levantar a mão para bater na porta, mas interrompeu o gesto para ouvir a voz do Senhor acrescentar em um tom mais forte:

— Ásia e África tampouco!

Miguel aproximou os nós da porta, mas sua mão se deteve uns centímetros porque a voz voltou a subir de tom, e esta vez retumbou até no corredor.

— Texas nem pensar! por que não em Alabama, já postos?

Fez outro intento com o mesmo êxito, embora a voz se apaziguou.

— O que te parece aqui? Depois de tudo, não é má idéia... Evitar-nos-á deslocamentos inúteis, e com o tempo que faz que competimos por este território... Voto por São Francisco!

O silêncio indicou que tinha chegado o momento. Zofia sorriu timidamente ao Miguel enquanto este entrava no despacho do Senhor. A porta se fechou atrás dele e Zofia se voltou para a recepcionista.

— Está nervoso, não?

— Sim, da saída do sol ocidental - respondeu a garota sem comprometer-se.

— Por quê?

— Aqui ouço muitas coisas, mas mesmo assim não estou à corrente dos segredos do Senhor... Além disso, já conhece as normas: não posso dizer nada. Não quero perder o posto.

A costa de grandes esforços conseguiu guardar silêncio algo mais de um minuto. Logo acrescentou:

— Isto que fique entre nós, mas lhe posso assegurar que não é o único que está tenso. Rafael e Gabriel se aconteceram toda a noite ocidental trabalhando, e à hora do crepúsculo oriental, Miguel se reuniu com eles. Deve tratar-se de um pouco muito grave.

A Zofia divertia o estranho vocabulário da Agência. Embora fosse possível pensar em horas naquele lugar, quando cada fuso do globo tinha a sua? Cada vez que ela fazia algum comentário irônico, seu padrinho lhe recordava que a projeção universal das atividades da Central e as diversidades lingüísticas de seu pessoal justificavam determinadas expressões e outros usos. Estava proibido, por exemplo, utilizar números para identificar aos agentes de Inteligência. O Senhor tinha eleito aos primeiros membros de sua diretiva nomeando-os, e a tradição tinha perdurado. Por último, umas regras muito singelos, muito afastadas das idéias

preconcebidas que se tinham na Terra, facilitavam a coordenação operativa e hierárquica da CIA. Sempre se identificava aos anjos por um nome.

Porque assim era como funcionava da noite dos tempos a casa de Deus, também chamada CENTRAL DE INTELIGÊNCIA DOS ANJOS.

O Senhor caminhava acima e abaixo com as mãos cruzadas depois das costas e o semblante preocupado. de vez em quando, detinha-se para olhar pelas grandes janelas da habitação. Abaixo, o grosso colchão de nuvens impedia de entrever a mais mínima parcela de terra. A imensidão azul bordeaba o ventanal de dimensões infinitas. Lançou um olhar enfurecido à mesa de reuniões, que cobria a estadia em sentido longitudinal. O desmesurado tabuleiro se estendia até o tabique do despacho contíguo. O Senhor se voltou para a mesa e apartou uma pilha de expedientes. Todos seus gestos delatavam a impaciência que tentava controlar.

— Tudo isto está velho! Velho e poeirento! Quer que te diga o que penso? Que estes candidatos estão decrépitos! Como quer que ganhem assim?

Miguel se tinha ficado junto à porta e avançou uns metros.

— Todos são agentes selecionados por seu Conselho...

— Isso, falemos de meu Conselho! Miúda falta de idéias! Sempre repetindo as mesmas parábolas... O Conselho envelheceu! Quando eram jovens, tinham milhares de idéias para melhorar o mundo, mas agora quase estão resignados.

—Mas não perderam suas qualidades, Senhor.

—Eu não as questiono, mas olhe em que situação nos encontramos!

Sua voz se elevou, fazendo tremer as paredes da estadia. O que mais temia Miguel eram os acessos de cólera de seu chefe. Eram muito estranhos, mas até então suas conseqüências tinham sido devastadoras. Bastava olhar pela janela o tempo que fazia na cidade para adivinhar de que humor estava nesse momento.

— As soluções do Conselho têm feito progredir realmente à humanidade nos últimos tempos? —prosseguiu o Senhor—. Não há motivos para jogar os sinos ao vôo, verdade? A este passo, nossa influência será menor que o simples roce da asa de uma mariposa..., a Sua e a Minha —acrescentou, assinalando a parede do fundo da habitação—. Se os eminentes membros de minha assembléia tivessem demonstrado um pouco mais de modernidade, não teria que aceitar uma provocação tão absurda! Mas a aposta já parece, assim necessitamos algo novo, original, brilhante e, sobre tudo, criativo! Começou uma nova campanha, e o que está em jogo é a sorte desta casa, que demônios!

Ouviram-se três golpes no tabique que separava o despacho da estadia contígua. O Senhor olhou a parede, irritado, e se sentou em um extremo da mesa. Logo olhou ao Miguel com expressão maliciosa.

— Insígnia me o que leva sob o braço!

Seu fiel anexo se aproximou confuso, e deixou ante ele uma pasta de cartolina. O Senhor a abriu e passou as primeiras folhas. O olhar lhe iluminou, e as rugas da frente revelavam o crescente interesse com que lia. Passou o último separador e examinou atentamente a série de fotografias anexas.

Loira, abstraída em uma rua do velho cemitério da Praga; moreia, correndo pelos canais de São Petersburgo; ruiva, atenta sob a torre Eiffel; com o cabelo curto no Rabat, comprido e solto em Roma, encaracolado na praça da Europa de Madrid, ambarino nas ruelas do Tánger. E sempre encantadora. De frente ou de perfil, seu rosto era simplesmente angélico. O Senhor assinalou com expressão inquisitiva a única foto em que Zofia levava os ombros descobertos; um pequeno detalhe tinha atraído sua atenção.

—É um desenho - se apressou a dizer Miguel, cruzando os dedos—. Um diminuto par de asas, uma paquera sem importância, uma tatuagem... Um pouco moderno possivelmente? Não importa, pode-se apagar.

—Já vejo que são umas asas - resmungou o Senhor—. Onde está? Quando posso vê-la?

—Está esperando fora.

— Pois faz-a passar!

Miguel saiu do despacho e foi procurar a Zofia. Pelo caminho, fez-lhe uma série de recomendações. Zofia ia reunir-se com o grande Chefe, e o acontecimento era o bastante excepcional para que seu padrinho ficasse nervoso se encontrasse em seu lugar... Zofia devia comportar-se durante toda a entrevista. Limitar-se-ia a escutar, salvo se o Senhor fazia uma pergunta e não dava ele mesmo a resposta. Estava proibido olhá-lo aos olhos. Miguel fez uma pausa para recuperar o fôlego e prosseguiu:

—te recolha o cabelo e mantenha erguida. Ah, e outra coisa: se tiver que falar, acaba todas as frases dizendo Senhor. —Miguel olhou a Zofia e sorriu—. Esquece o que acabo de te dizer e sei você mesma. Ao fim e ao cabo, é o que prefere. Por isso tenho proposto sua candidatura, e não me cabe dúvida de que também por isso Ele já te escolheu. Estou esgotado, já não tenho idade para isto.

— Eleito para que?

—Agora saberá. Vamos, respira fundo e entra, é seu grande dia... E tira esse chiclete de uma vez!

Zofia não pôde evitar fazer uma reverência.

Com seu rosto profundamente marcado, suas mãos sublime, sua corpulência e sua voz grave, Deus era mais impressionante ainda do que ela tinha podido imaginar. A jovem deslizou discretamente o chiclete até colocá-lo debaixo da língua e sentiu que um indescritível estremecimento lhe percorria as costas. O Senhor a convidou a sentar-se. Posto que, segundo seu padrinho (sabia que assim era como chamava o Miguel), Zofia era um dos agentes melhor qualificados de sua Morada, dispunha-se a lhe confiar a missão mais importante da Agência desde sua criação. Olhou-a e imediatamente ela baixou a cabeça.

—Miguel te entregará os documentos e as instruções necessários para o perfeito desenvolvimento das operações, cuja responsabilidade será exclusivamente tua...

Não podia cometer nenhum engano e tinha o tempo contado para obter o objetivo: sete dias.

—Demonstra imaginação, talento. Por isso sei, poses inumeráveis aptidões. Ah, e deve ser extremamente discreta. Também sei que é muito eficaz.

Sob sua direção, nenhuma operação tinha exposto tanto à Agência. Às vezes, nem sequer ele mesmo sabia como se deixou arrastar até o extremo de aceitar aquela incrível provocação.

—Embora... sim, acredito que sei —acrescentou.

Tendo em conta a gravidade do que havia em jogo, só informaria ao Miguel e, em caso de necessidade extrema ou de falta de disponibilidade por sua parte, ao. O que o Senhor ia revelar lhe agora não devia sair nunca dali. Abriu a gaveta e pôs ante ela um manuscrito no que havia duas assinaturas. O texto detalhava as disposições da singular missão que a esperava:

As duas potências que regem a ordem mundial não deixaram que enfrentar-se da noite dos tempos. Ante a evidência de que nenhuma chega a

influir de acordo com sua vontade no destino da humanidade, cada uma delas se declara neutralizada pela outra para obter a realização perfeita de sua visão do mundo...

O Senhor interrompeu a Zofia em sua leitura para comentar:

—Desde dia em que a maçã ficou atravessada na garganta, Lúcifer se opõe a que deixe a Terra em mãos do homem. Não parou que tentar me demonstrar que minha criatura não é digna disso.

Indicou-lhe que continuasse e Zofia retomou a leitura:

Todas as análises políticas, econômicas e climáticas indicam que a Terra se está convertendo em um inferno.

Miguel explicou a Zofia que o Conselho tinha rebatido esta conclusão prematura de Lúcifer aduzindo que a situação atual era o resultado de sua rivalidade permanente, a qual supunha um freio para a expressão da autêntica natureza humana.

Era muito logo para pronunciar-se; o único seguro era que o mundo já não funcionava muito bem. Zofia prosseguiu:

A noção de humanidade difere radicalmente segundo o ponto de vista de um ou outro. Depois de eternas discussões, aceitamos a idéia de que o advento do terceiro milênio deveria consagrar uma era nova, livre de nossos antagonismos. Do norte ao sul, deste ao oeste, chegou o momento de substituir nossa convivência forçada por um modo operativo mais eficaz...

— Isto não podia seguir assim - disse o Senhor. Zofia observava os lentos movimentos das mãos que acompanhavam sua voz — O século vinte foi muito duro. Além disso, ao ritmo que vão as coisas, vamos acabar por perder do todo o controle, tanto Ele como Eu. E isso é intolerável, está em jogo nossa credibilidade. A Terra não é quão única existe no universo; todo mundo me olhe. Os lugares Santos estão cheios de perguntas, mas a gente encontra cada vez menos respostas.

Miguel olhava o teto, incômodo. Tossiu, e o Senhor convidou a Zofia a seguir.

Para garantir a legitimidade daquele a quem incumbe reger a Terra no transcurso do próximo milênio, lançamo-nos uma última provocação cujos términos figuram descritos a seguir:

Enviaremos entre os homens, durante sete dias, ao que consideremos nosso melhor agente. que resulte mais capaz de arrastar à humanidade para o bem ou para o mal obterá a vitória para seu bando, prelúdio da fusão de nossas instituições. O poder para administrar o novo mundo corresponderá ao vencedor.

O manuscrito estava assinado Por Deus e pelo Diabo.

Zofia levantou lentamente a cabeça. Queria ler de novo o texto desde o começo para compreender a origem do documento que tinha nas mãos.

— É uma aposta absurda - disse o Senhor, um tanto confuso —, mas o fato, feito está.

A jovem olhou o pergaminho. O Senhor compreendeu o estupor que delatavam seus olhos.

— Considera este escrito uma cláusula de meu testamento. Eu também me faço velho. É a primeira vez que estou impaciente, assim lhe arruma isso para que o tempo passe depressa - acrescentou, olhando pela janela — Mas não esqueça quão limitado é... Sempre o foi, essa foi minha primeira concessão.

Miguel fez um gesto a Zofia: terei que levantar-se e sair da habitação. Ela obedeceu imediatamente. Ao chegar à porta, não pôde evitar voltar-se.

— Senhor...

Miguel conteve a respiração. Deus voltou a cabeça para a Zofia e o rosto desta se iluminou.

— Obrigado - disse.

Deus lhe sorriu.

— Sete dias para uma eternidade... Confio em ti!

Olhou-a sair da habitação.

Já no corredor, Miguel começava a respirar com normalidade quando ouviu que a voz grave o chamava. Deixou a Zofia, deu meia volta e entrou de novo no despacho. O Senhor franziu o sobrecenho.

— A parte de borracha que pegou debaixo da mesa é de morango, verdade?

— Não cabe dúvida de que é de morango, Senhor - respondeu Miguel.

— Outra coisa. Quando tiver terminado sua missão, agradecer-te-ei que te encarregue de fazer que se tire esse dibujito do ombro antes que a todo mundo dê de ficar um. Nunca se está a salvo das modas.

— É obvio, Senhor.

— Uma pergunta: como sabia que a escolheria?

— Porque faz mais de dois mil anos que trabalho com você, Senhor!

Miguel fechou a porta a suas costas. Quando o Senhor esteve sozinho, sentou-se em um extremo da larga mesa, olhou fixamente a parede que tinha em frente e pigarreou para anunciar com voz clara e forte:

— Estamos a ponto!

— Nós também! —respondeu em tom zombador a voz de Lúcifer.

Zofia esperava em uma sala. Miguel entrou e se aproximou da janela. A seus pés, o céu estava limpando-se; umas colinas emergiam da capa nublosa.

— Date pressa, não temos tempo que perder, devo te preparar.

Sentaram-se ao redor de uma mesa redonda, em uma esquina. Zofia fez partícipe ao Miguel de sua inquietação.

— Por onde tenho que começar uma missão como esta, padrinho?

— Parte com certa desvantagem, querida Zofia. Olhemos as coisas de cara: o mal se tornou universal, e quase tão invisível como nós. Você joga em posição de defesa, enquanto que seu adversário é o que ataca. Primeiro terá que identificar as forças que ele coaligue contra ti. Localiza o lugar onde vai tentar operar. Possivelmente seja conveniente que o deixe atuar primeiro e depois combata seus projetos o melhor que possa. Até que não o tenha neutralizado, não terá oportunidade de pôr em prática um grande plano. Sua única vaza é o

conhecimento do terreno. Casualmente, escolheram São Francisco como teatro de operações.

Lucas, balançando-se na cadeira, acabava de ler o mesmo documento ante o olhar atento de seu Presidente. Apesar de que os estores estavam baixados, Lúcifer não se tirou os escuros óculos de sol que ocultavam seu olhar. Todos seus próximos sabiam que a mais tênue claridade lhe irritava os olhos, queimados muito tempo atrás por uma intensa radiação.

Rodeado dos membros de seu gabinete, que se tinham sentado ao redor da mesa de proporções desmesuradas (estendia-se até o tabique que separava a imensa sala do despacho adjacente), o Presidente comunicou aos membros do Conselho que se levantava a sessão. O grupo, encabeçado pelo diretor de comunicação, um tal Blaise, dirigiu-se para a única porta de saída. O Presidente ficou sentado e fez um gesto ao Lucas lhe indicando que se aproximasse. Quando esteve a seu lado, convidou-o a inclinar-se para ele e lhe murmurou ao ouvido algo que ninguém mais ouviu. Uma vez fora do despacho, Blaise se reuniu com o Lucas e o acompanhou até os elevadores.

Pelo caminho, entregou-lhe vários passaportes, dinheiro e um molho de chaves de carro, e agitou diante de seus nances um cartão de crédito de cor platino.

— Cuidado com as notas de gastos! Não abuse!

Com um gesto rápido e brusco, Lucas se apoderou do retângulo de plástico e renunciou a estreitar a mão mais pegajosa de toda a organização. Blaise, acostumado a isso, esfregou-se as Palmas contra a calça e escondeu torpemente as mãos nos bolsos. Dissimular era uma das especialidades do indivíduo que tinha alcançado esse posto, não por competência, mas sim por toda a trapaça e a hipocrisia que o desejo de ascender pode produzir. Blaise felicitou ao Lucas e lhe disse que tinha utilizado toda sua influência para favorecer sua candidatura. Lucas não concedeu o menor crédito a suas palavras; considerava o Blaise um incompetente, ao que tinham crédulo a responsabilidade da comunicação interna exclusivamente por razões de parentesco.

Lucas nem sequer se tomou a moléstia de cruzar os dedos quando prometeu informar regularmente ao Blaise dos progressos de sua missão. No seio da organização para a que trabalhava, enganar era o meio mais seguro de que dispunham os diretores para perpetuar seu poder. Chegavam inclusive a mentir-se entre si para agradar ao Presidente. O responsável por comunicação suplicou ao Lucas que lhe dissesse o que o Presidente lhe tinha sussurrado ao ouvido. Este o olhou com desprezo e se despediu.

Zofia lhe beijou a mão a seu padrinho e lhe assegurou que não o decepcionaria.

Perguntou-lhe se podia lhe confiar um segredo. Miguel assentiu com a cabeça. Depois de um instante de vacilação, a jovem lhe confessou que o Senhor tinha uns olhos incríveis, que nunca tinha visto nada tão azul.

— Às vezes trocam de cor, mas não pode lhe dizer a ninguém o que viu neles.

Ela o prometeu e saiu ao corredor. Miguel a acompanhou até o elevador. Justo antes que as comporta se fechassem, sussurrou-lhe em um tom de cumplicidade:

— Pareceste-lhe encantadora.

Zofia se ruborizou. Miguel fingiu não haver-se dado conta.

— Para eles, esta provocação possivelmente não seja a não ser um malefício mais, mas para nós é uma questão de sobrevivência. Todos confiamos em ti.

Uns instantes depois, Zofia cruzou de novo o grande vestibulo. Pedro jogou uma olhada às telas de controle: havia via livre. A porta camuflada na fachada voltou a deslizar-se e Zofia saiu à rua.

No mesmo momento, Lucas saía pelo outro lado da torre. Um último raio atravessou o céu ao longe, por cima das colinas de Tubarão. Lucas parou um táxi, o veículo se deteve ante ele e o jovem montou.

Na calçada de em frente, Zofia corria para seu carro; uma agente de tráfico estava lhe pondo uma multa.

— Bom dia, que tal está? —disse Zofia à mulher de uniforme.

A polícia voltou lentamente a cabeça a fim de assegurar-se de que Zofia não estava burlando-se dela.

— Conhecemo-nos? —perguntou a agente Jones.

A agente, dúvida, mordiscava a caneta observando a Zofia. Arrancou a multa do bloco de papel.

— E você? Está bem? —disse enquanto a colocava sob o limpador de pára-brisas.

— Não terá por acaso um chiclete de morango? —perguntou Zofia, apoderando do papel.

—Não, de hortelã.

Zofia rechaçou cortesmente o pacote que lhe oferecia e abriu a portinhola do carro.

— Não quer negociar a multa?

— Não, não.

— Sabe que, desde princípios de ano, os condutores de veículos oficiais têm que pagar as multas de seu bolso?

— Sim - disse Zofia—, tenho-o lido em algum sítio. depois de tudo, é bastante lógico.

— No colégio se sentava sempre na primeira fila? —perguntou a agente Jones.

— Francamente, não me lembro... Agora que o diz, acredito que me sentava cada vez em um sítio.

— Está segura de que se encontra bem?

— Esta noite haverá um pôr-do-sol esplêndido, não a perca. Deveria ir ver a em família; desde Presídio Park, o espetáculo será magnífico. A sotaque, tenho muitíssimo trabalho —disse Zofia, subindo ao carro.

Quando o Ford se afastou, a agente notou que um ligeiro estremecimento lhe percorria as costas. Guardou-se a caneta no bolso e tirou o telefone móvel. Deixou uma comprida mensagem na rolha de voz de seu mando. Perguntou-lhe se podia começar o serviço meia hora mais tarde; ela faria todo o possível por retornar mais cedo. Propunha-lhe dar um passeio por Presídio Park ao pôr do sol. Seria excepcional, o havia dito uma empregada da RECUA! Acrescentou que o queria e que, desde que tinham horários distintos, não tinha encontrado o momento de lhe dizer o muito que o sentia falta de. Umas horas mais tarde, enquanto fazia umas compras para um picnic improvisado, nem se deu conta de que o pacote de chicletes que tinha metido no carrinho não era de hortelã.

Lucas, apanhado nos engarrafamentos do bairro financeiro, folheava uma guia turística. Pensasse o que pensasse Blaise, a envergadura de sua missão justificava um aumento de suas notas de gastos, de modo que lhe disse ao condutor que o deixasse no Nob Hill. Uma suíte no Fairmont, o famoso hotel de luxo da cidade, seria perfeita. O veículo

tomou a rua Califórnia à altura do Grace Cathedral e avançou sob a majestosa marquise do hotel até deter-se diante do tapete de veludo vermelho com nós dourados. A moço de bagagens tentou fazer-se com sua maleta, mas lhe lançou um olhar que o manteve a distância. Sem dar as graças ao porteiro, que tinha empurrado a porta giratória para que passasse, aproximou-se do mostrador de recepção. A recepcionista não encontrava nem rastro de sua reserva. Lucas levantou a voz e riscou a jovem de inútil. Imediatamente apareceu o responsável pelo serviço. Tendeu ao Lucas uma chave magnética e, em um obsequioso tom «cliente difícil», desfez-se em desculpas, esperando que uma habitação de categoria «suíte superior» lhe fizesse esquecer as ligeiras moléstias causadas por uma empregada incompetente. Lucas tomou o cartão e pediu que não lhe incomodasse sob nenhum conceito. Fez gesto de lhe pôr discretamente um bilhete na mão, que imaginava igual de úmida que a do Blaise, e se dirigiu apressadamente para o elevador. O responsável pela recepção deu meia volta com as mãos vazias e cara de aborrecimento. O ascensorista perguntou amavelmente a seu radiante passageiro se tinha tido um bom dia.

— E a ti o que te importa? —repôs Lucas, saindo da cabine.

Zofia estacionou o carro junto à calçada. Subiu a escada de entrada da casita vitoriana situada no Pacific Heights, abriu a porta e se cruzou com sua caseira.

—Me alegro de que haja tornado de viagem-disse a senhora Sheridan.

— Mas se só estive fora de casa desde esta manhã!

— Seguro? Acreditava que ontem à noite não estava. Bom, já sei que sigo me colocando no que não me importa, mas eu não gosto que a casa esteja vazia.

—Voltei tarde e você já estava dormindo. Tinha um pouco mais de trabalho que de costume.

—Trabalha muito. A sua idade, e bonita que é, deveria passar as noites com um amigo.

—Tenho que subir a me trocar, Reina, mas passarei a vê-la antes de partir, prometo-o.

A beleza de Rainha Sheridan não se estragou com o tempo. Tinha uma maravilhosa voz, doce e grave, e seu olhar luminoso delatava uma vida intensa da que só conservava as boas lembranças. Era uma das primeiras mulheres que tinham percorrido o mundo como repórteres. As paredes de seu salão oval estavam cobertas de fotos amareladas, de rostos do passado que testemunhavam suas numerosas viagens e encontros. Ali onde seus colegas tinham tratado de fotografar o excepcional, Reina tinha captado o corrente porque tinha o que para ela era mais prezado, a oportunidade do momento.

Quando as pernas lhe impediram de viajar, retirou-se a sua casa do Pacific Heights. Ali tinha nascido e dali tinha saído em 2 de fevereiro de 1936, o dia que fez vinte anos, para embarcar em um cargueiro com destino à Europa. Mais adiante tinha retornado e vivido seu único amor, durante um excessivamente breve período de felicidade.

Após, Reina tinha vivido sozinha naquela grande casa, até o dia que publicou um anúncio por palavras no *São Francisco Chronicle*. «Sou sua nova companheira de piso», havia dito Zofia, sorrindo, quando apareceu em sua porta a mesma manhã que saiu o anúncio. Aquela atitude decidida tinha seduzido a Reina, de modo que seu inquilino se mudou essa mesma noite e, com o transcurso das semanas, tinha trocado a vida de uma mulher que atualmente reconhecia alegrar-se de ter renunciado a sua solidão. A Zofia adorava terminar a velada em companhia de sua caseira. Quando não chegava muito tarde, distinguia através do cristal da porta de entrada o raio de luz que atravessava o saguão;

assim era como à senhora Sheridan formulava sempre seu convite. Com a desculpa de assegurar-se de que tudo ia bem, Zofia aparecia à cabeça pela porta. Sobre o tapete havia um grande álbum de fotos aberto, e em uma terrina finamente cinzelada gasto da África, umas partes de bolacha. Reina esperava sentada em sua poltrona, frente ao olivo plantado no pátio. Então Zofia entrava, tombava-se no chão e começava a passar as páginas de um dos álbuns de velhas tampas de pele que abarrotavam as estanterias do salão. Sem apartar jamais o olhar do olivo, Reina comentava uma por uma as ilustrações.

Zofia subiu ao primeiro piso, fez girar a chave de suas habitações, empurrou a porta com um pé e deixou o chaveiro sobre o console. tirou-se a jaqueta na entrada, a camisa no saloncito e as calças enquanto cruzava o dormitório. Entrou no quarto de banho e abriu ao máximo os grifos da ducha; as tubérias começaram a fazer ruído e não pararam até que Zofia deu um golpe seco na chave. A água se deslizou por seus cabelos. Pela pequena clarabóia através da qual se viam quão cobertos descendiam até o porto, entrava o som dos sinos do Grace Cathedral, que anunciavam as sete da tarde.

— As sete já! —exclamou.

Saiu do quarto de banho, que cheirava agradavelmente a eucalipto, e voltou para dormitório. Abriu o roupeiro e ficou duvidando entre um pulôver ajustado sem mangas e uma camisa muito grande para ela, umas calças de algodão e seus velhos texanos. Ao final optou pelos texanos e a camisa e subiu as mangas. pendurou-se o procura do cinturão e se dirigiu à entrada enquanto se calçava umas sapatilhas de esporte saltitando para não ter que agachar-se. Tomou as chaves, decidiu deixar as janelas abertas e baixou a escada.

—Esta noite voltarei tarde. Veremo-nos amanhã. Se necessitar algo, me chame à busca, de acordo?

A senhora Sheridan resmungou uma letanía que Zofia sabia interpretar perfeitamente. Algo assim como: «Trabalha muito, filha. Só se vive uma vez».

E era verdade. Zofia trabalhava continuamente na causa de outros, sem descansar, sem fazer sequer uma pequena pausa para comer ou beber, pois os anjos não precisam alimentar-se jamais. Por muito generosa e intuitiva que fora, Reina não podia imaginar absolutamente nada do que à própria Zofia custava chamar «sua vida».

Ainda se ouvia o sétimo toque das pesados sinos. Grace Cathedral, no topo do Nob Hill, ficava em frente das janelas da suíte do Lucas. Este chupou com deleite um osso de frango, mastigou a rangente cartilagem e se levantou para limpá-las mãos nas cortinas. ficou a jaqueta, olhou-se no grande espelho que destacava sobre a chaminé e saiu da habitação. Baixou o majestoso lance de escada que conduzia ao vestíbulo e lhe dirigiu um sorriso zombador a recepcionista, que agachou a cabeça assim que o viu. Sob a marquise, um botões parou imediatamente um táxi e Lucas subiu sem lhe dar gorjeta. Gostava de um bonito carro novo e o único lugar da cidade onde encontrá-lo um domingo era no porto mercante, pois ficavam muitos modelos estacionados depois de que os tivessem desembarcado dos cargueiros. Disse-lhe ao taxista que o levasse a mole 80... Ali poderia roubar um que satisfizera seus gostos.

— Depressa, me faz tarde! —disse-lhe ao taxista.

O Chrysler enfiou a rua Califórnia para a parte baixa da cidade. Bastaram-lhe apenas sete minutos para atravessar o bairro dos negócios. Em todos os cruze, o taxista tentava usar o bloco de papel de notas e renunciava a fazê-lo resmungando; todos os semáforos ficavam em verde e lhe impediam de anotar o destino da carreira, tal como a lei lhe obrigava

a fazer. «Qualquer diria que o fazem a propósito», resmungou no sexto cruzamento. Pelo retrovisor, viu o sorriso do Lucas ao tempo que o sétimo semáforo lhe dava passo livre.

Quando chegaram à entrada da zona portuária, um denso vapor saiu pelo ralo do radiador e, depois de uns estertores, parou-se.

— Só me faltava isto! —exclamou o taxista.

—Não lhe pago a carreira —disse Lucas em um tom cortante—. Não chegamos ao destino.

Saiu e deixou a portinhola aberta. antes de que o taxista pudesse reagir, um geiser de água oxidada que escapava do radiador levantou o capô do carro.

— A junta da culatra, tio! Já pode te despedir do motor! —gritou Lucas enquanto se afastava.

Ao chegar à guarita, ensinou-lhe ao guarda uma placa de identificação e a barreira de raias vermelhas e brancas se levantou. Caminhou com decisão até o estacionamento. Ali viu um Chevrolet Camaro conversível que lhe pareceu sublime e cuja fechadura forçou sem dificuldade. sentou-se ao volante, escolheu uma das chaves do chaveiro que tinha pendurado do cinturão e uns segundos depois arrancou. Avançou com o carro pela rua central sem sortear nenhum dos atoleiros que se formaram nos buracos; deste modo, conseguiu salpicar todos os contêineres que havia a ambos os lados e fazer que as matrículas resultassem ilegíveis.

Ao final da rua, pôs o freio de mão de repente; o carro patinou de lado até deter-se uns centímetros da cristaleira do Fisher's Deli, o botequim do porto. Lucas se apeou, subiu os três degraus de madeira da entrada assobiando e empurrou a porta.

A sala estava quase vazia. Normalmente, os operários foram tomar um gole depois de uma larga jornada de trabalho, mas aquele dia tratavam de recuperar as horas perdidas a causa do mau tempo. Essa noite acabariam muito tarde, embora devessem resignar-se a deixar as máquinas às equipes de noite, que não demorariam em chegar.

Lucas se sentou a uma mesa e olhou ao Mathilde, que estava secando copos detrás da barra. A jovem, sobressaltada por seu estranho sorriso, acudiu em seguida a tomar nota. Lucas não tinha sede.

— Algo de comer? —perguntou a garçonete.

Só se ela o acompanhava. Mathilde declinou amavelmente o oferecimento; tinha proibido sentar-se na sala durante o horário de trabalho. Lucas dispunha de todo o tempo do mundo, não tinha fome e se propunha convidá-la a outro lugar, pois esse lhe parecia terrivelmente vulgar.

Mathilde se sentia incômoda, já que o encanto do Lucas distava muito de deixá-la indiferente. Naquela parte da cidade, a elegância abundava tão pouco como em sua vida. Desviou o olhar enquanto ele a observava com seus olhos diáfanos.

—É você muito amável —murmurou. Nesse momento ouviu dois breves toques de buzina—. Não posso, precisamente esta noite fiquei para jantar com uma amiga. É ela a que acaba de tocar a buzina para me avisar. Talvez em outra ocasião.

Zofia entrou ofegando e se aproximou da barra, onde Mathilde, recuperado o aprumo, ocupava de novo seu posto.

—Perdoa, chego tarde, mas é que tive um dia de loucos —disse Zofia, sentando-se em um tamborete.

Uma dezena de homens pertencentes às equipes de noite entraram no estabelecimento, o que contrariou muito ao Lucas. Um dos carregadores se deteve a altura da Zofia e lhe disse que a encontrava encantada sem uniforme. Agradeceu-lhe o completo e

se voltou para o Mathilde levantando os olhos ao céu. A atrativa garçonete se inclinou para seu amigo para lhe pedir que olhasse discretamente ao cliente da jaqueta negra que estava sentado ao fundo da sala.

—Visto. Esquece-o!

— Já estamos! —murmurou Mathilde.

—Mathilde, sua última aventura esteve a ponto de te custar a vida, de maneira que se esta vez posso evitar que te meta em algo pior...

—Não sei por que diz isso.

—Porque o que vi é pior.

—E se pode saber o que viu?

—Um olhar deliberadamente turbulento.

—Ouça, ouça, não díspares tão rápido! Nem sequer te tinha ouvido carregar o revólver!

—Demorou seis meses em te desintoxicar de todas as merdas que seu barman de Ou'Farrell tinha a generosidade de compartilhar contigo. Quer desperdiçar sua segunda oportunidade? Tem um trabalho, um sítio onde viver, e está «poda» há dezessete semanas. É que quer recair agora?

—Meu sangue não está poda.

—Tenha um pouco de paciência e tomada te a medicação.

—Esse tipo parece do mais simpático.

—Sim, como um crocodilo diante de um lombo!

—Conhece-o?

—Não o tinha visto em minha vida.

—Então, por que faz esse julgamento tão apressado?

—Confia em mim, tenho um sexto sentido para estas coisas.

Zofia se sobressaltou para ouvir a voz grave do Lucas e notar seu fôlego na nuca.

—Já que havia ficado de passar a velada com sua deliciosa amiga, seja generosa e aceite um convite comum a uma das melhores mesas da cidade. Em meu conversível cabemos perfeitamente os três.

—Tem você muita intuição: não há ninguém mais generoso que Zofia —disse Mathilde, confiando em que seu amigo se adaptasse à situação.

Zofia se voltou com a intenção de lhe dar as obrigado e despedi-lo, mas ficou imediatamente apanhada pelos olhos que a olhavam. Os dois se olharam longamente, incapazes de dizer nada. Lucas tentou falar, mas de sua garganta não saiu nenhum som. Escrutinava em silêncio as facções daquele rosto feminino tão turbador como desconhecido. Ela, que se tinha ficado sem uma gota de saliva na boca, aproximou uma mão à barra e procurou provas algo de beber. Um cruzamento de gestos torpes fez derrubar o copo, que rodou pela barra de zinco, caiu ao chão e se fez pedacinhos. Zofia se agachou para recolher com precaução três partes de cristal; Lucas se inclinou com intenção de ajudá-la e recolheu quatro mais. Quando se incorporaram, seguiram olhando-se.

Mathilde os tinha observado a ambos e disse, irritada:

—vou varrer!

—te tire o avental e vamos. É tardíssimo —repôs Zofia apartando o olhar.

Saudou o Lucas com um gesto de cabeça e arrastou sem contemplações a seu amigo até a rua. Ao chegar ao estacionamento, apertou o passo. depois de haver aberto a porta ao Mathilde, subiu ao carro, arrancou e saiu como uma exalação.

—Mas o que te passa? —perguntou Mathilde, desconcertada.

—A mim? Nada de nada.

Mathilde fez girar o retrovisor central.

—te olhe a cara e me repita isso

O carro circulava depressa pelo porto. Zofia abriu o guichê e um ar gelado invadiu o interior do veículo. Mathilde se estremeceu.

—Esse homem é terrivelmente grave —murmurou Zofia.

—A ver, conheço-os altos, baixos, bonitos, feios, magros, gordos, peludos, imberbes, calvos..., mas graves..., a verdade, deixaste-me que uma peça.

—Então, confia em mim. Nem eu mesma sei como qualificá-lo. É um homem triste, e parece tão atormentado... Nunca havia...

—Pois com o que você gosta das almas em pena, é o candidato perfeito para ti. Seguro que acaba com uma pequena ferida no ventrículo esquerdo!

—Não seja cáustica!

—Certamente, isto é o mundo ao reverso. Peço-te uma opinião imparcial sobre um homem que me parece que está para comer-lhe você nem sequer o olha mas o põe de volta e meia, e quando por fim te digna voltar a cabeça, clavas os olhos nos seus como uma ventosa que quisesse desembozar o lavabo de meu quarto de banho. E depois de todo isso, resulta que não tenho direito a ser cáustica.

—Você não notaste nada, Mathilde?

—Sim, já que insiste, que cheirava a perfume Habit Rouge, e como só o vendem no Macy's, eu acreditava que isso era mas bem um bom sinal.

—Não te deste conta do aspecto tão sombrio que tinha?

Mathilde se ajustou a parka em torno do pescoço e respondeu:

—Bom, vale, levava uma jaqueta um pouco escura, mas de corte italiano e de cachemira de seis fios!

—Não refiro a isso.

—Quer que te diga uma coisa? Estou segura de que não é dos que ficam cueca correntes e moedores.

Mathilde tirou um cigarro e o acendeu. Baixou seu guichê e expulsou uma larga coluna de fumaça que saiu pela abertura.

—Postos a morrer de uma pneumonia! —exclamou—. Enfim, perdoa que insista, mas há cueca e cueca.

—Não escutaste nenhuma só palavra do que hei dito! —repôs Zofia, preocupada.

—Imagina que corte para a filha do Calvin Klein ver o nome de seu pai escrito em letras grandes quando um homem se nua diante dela?

—Tinha-o visto antes? —perguntou Zofia, imperturbável.

—Possivelmente no bar do Mario, mas não lhe posso assegurar isso Naquela época, as noites que via claro eram bastante escassas.

—Mas isso se acabou, deixaste-o atrás —disse Zofia.

—Você crie na sensação de *déjà-vu*?

—É possível. por que?

—Faz um momento, no bar, quando te escapou o copo das mãos..., tive a sensação de que caía a câmara lenta.

—Tem o estômago vazio. vou levar-te a jantar a um restaurante asiático —repôs Zofia.

—Posso te fazer outra pergunta?

—Claro.

—Não tem alguma vez frio?

—por que o diz?

—Porque tenho a sensação de que sou uma esquimó. Por isso mais queira, sobe esse guichê!

O Ford circulava em direção à antiga chocolateria da rua Ghirardelli. Depois de uns minutos de silêncio, Mathilde conectou a rádio e contemplou a cidade. No cruzamento da avenida Columbus e a rua Bay o porto desapareceu de sua vista.

—Teria a amabilidade de retirar a mão para que possa limpar a barra?

O dono do Fisher's Deli tinha tirado o Lucas de seu ensimismamento.

—Perdão...

—Há cristais debaixo de sua mão. vai se cortar.

—Não se preocupe comigo. Quem era?

—Uma garota atrativa, coisa que não abunda por aqui.

—Sim, por isso eu gosto tão do bairro —repôs Lucas com a mesma secura—. Não respondeu a minha pergunta.

—A que lhe interessa é minha empregada? Sinto muito, mas não dou informação sobre o pessoal. Terá que voltar e perguntar-lhe você mesmo; amanhã às dez estará outra vez aqui.

Lucas deu um murro sobre a barra de zinco. Os fragmentos de cristal saltaram pelos ares e o proprietário do estabelecimento deu um passo atrás.

—Sua garçonete me importa um cominho! Conhece a garota que se foi com ela? —disse Lucas.

—É amiga dela e trabalha na segurança do porto. É o único que lhe posso dizer.

Lucas lhe arrebatou ao homem o pano que levava pendurando da cintura da calça e se esfregou com ele a palma da mão, que não apresentava nem um só arranhão. Logo o jogou no cubo do lixo que estava detrás da barra.

O patrão do Fisher's Deli franziu o sobrecenho.

—Não se preocupe, tio —disse Lucas, olhando sua mão intacta—. É o mesmo que andar sobre brasas, tem truque. Tudo tem um truque.

A seguir se dirigiu para a saída. Uma vez fora, tirou-se uma lasca que lhe tinha ficado entre o índice e o polegar.

encaminhou-se para o conversível, inclinou-se por cima da portinhola e tirou o freio de mão. O carro que tinha roubado se deslizou lentamente por volta do bordo do mole e caiu ao mar. Assim que o ralo do radiador se inundou na água, um sorriso quase tão intenso como a de um menino iluminou o rosto do Lucas.

Para ele, o momento em que a água entrava pelo guichê (que ele sempre tinha a precaução de deixar entreaberta) e alagava o veículo era um momento de puro gozo. Mas o que mais gostava de eram as borbulhas que saíam do escapamento justo antes de que cessasse a combustão; estalavam na superfície com um blup-blup irresistível.

Quando a multidão se congregou para ver como desapareciam os faróis traseiros do Cámaro nas turvas águas do porto, Lucas já caminhava longe de ali com as mãos nos bolsos.

—Acredito que acabo de encontrar uma pérola única —murmurou enquanto se afastava—. Seria endiadladamente estranho que não ganhasse.

Zofia e Mathilde estavam jantando frente à baía, ante o imenso vendaval que dava à rua Beach. «Nossa melhor mesa», tinha precisado o maître euroasiático, com um sorriso que deixava ao descoberto absolutamente toda sua proeminente dentadura. A vista era magnífica. À esquerda, o Golden Gate, orgulhoso de seus ocre, rivalizava em beleza com o Bay, a ponte prateada construído um ano antes. Diante delas, os mastros dos veleiros se balançavam brandamente no porto esportivo, protegidos da violência do fluxo. Caminhos de cascalho dividiam as extensões de grama, que chegavam até o bordo do mar. Os passeantes noturnos os percorriam desfrutando da agradável temperatura de princípios de outono.

O garçom depositou sobre a mesa dois coquetéis da casa e um prato de pão de camarões-rosa.

—Presente da casa —disse, enquanto lhes dava caminhos cartas. Mathilde perguntou a Zofia se era cliente habitual. Parecia-lhe muito caro para uma modesta empregada pública. Zofia respondeu que o dono as convidava.

—Perdoaste-lhe alguma multa?

—Fiz-lhe um favor faz uns meses. Em realidade, foi uma insignificância —repôs Zofia, um tanto confusa.

—Suas insignificâncias me resultam um pouco suspeitas. Que classe de favor lhe fez?

Zofia, tinha visto o proprietário do estabelecimento uma noite nos moles de carga. Caminhava por ali em espera que lhe autorizassem a retirar da alfândega um envio de baixela procedente da China.

A tristeza de seu olhar tinha atraído a atenção da Zofia, que tinha temido o pior ao vê-lo inclinar-se ao bordo da água salubre e ficar olhando-a fixamente um bom momento. Então se tinha aproximado dele e cercado conversação; o homem tinha acabado lhe contando que sua mulher queria abandoná-lo depois de quarenta e três anos de matrimônio.

—Que idade tem sua mulher? —perguntou Mathilde, intrigada.

—Setenta e dois anos.

—E há gente que aos setenta e dois anos pensa em divorciar-se? —perguntou Mathilde, reprimindo com muito esforço a risada.

—Se seu marido levar quarenta e três anos roncando, é uma idéia em que pode pensar muito freqüentemente. Eu diria que inclusive todas as noites.

—E uniu de novo ao casal?

—Convenci-o de que se operasse lhe prometendo que não lhe fariam nenhum dano. Os homens suportam tão mal a dor física!

—Crie que se teria atirado de verdade?

—Já tinha atirado a aliança!

Mathilde levantou o olhar e ficou fascinada pelo teto do restaurante, totalmente decorado com vidraças do Tiffany's que davam à sala certo ire de catedral. Zofia, que compartilhava sua opinião, serve-lhe um pouco mais de frango.

Seu amiga, intrigada, passou-se uma mão pelo cabelo.

—É verdade essa história dos roncões?

Zofia a olhou e não pôde conter a risada.

—Não!

—Ah! Então, o que celebramos? —perguntou Mathilde levantando a taça.

Zofia lhe falou vagamente de uma ascensão que lhe tinham comunicado essa mesma manhã. Não, não trocaria do destino e tampouco lhe subiriam o salário, mas não terei que reduzi-lo tudo a considerações materiais. Se Mathilde tinha a amabilidade de deixar de rir, possivelmente pudesse lhe explicar que algumas tarefas contribuem muito mais que dinheiro ou autoridade: uma forma sutil de realização pessoal. O poder que alguém adquiria sobre si mesmo em benefício —e não em detrimento— de outros podia resultar muito lhe gratifiquem.

—Assim seja! —disse Mathilde, rendo.

—Certamente, tia, está claro que contigo ainda fica muito por passar —repôs Zofia, contrariada.

Mathilde sustentava a garrafa de sake para encher os dois copos quando, em questão de segundos, o semblante da Zofia se transformou. Esta agarrou a seu amiga da boneca e virtualmente a levantou da cadeira.

—Sal daqui! Corre, vê para a saída! —gritou.

Mathilde ficou paralisada. Os clientes da mesa contígua, igual de surpreendidos, olharam a Zofia, que vociferava girando sobre si mesmo, como à espreita de uma ameaça invisível.

—Saíam todos, saíam o mais depressa que possam e afastem-se daqui, rápido!

Todos a olhavam, duvidosos, perguntando-se que demônios estava acontecendo. O gerente do local se aproximou da Zofia com as mãos juntas, em um gesto de súplica, para que a jovem a que considerava uma amiga deixasse de perturbar a ordem de seu estabelecimento. Zofia o agarrou energicamente pelos ombros e lhe suplicou que fizesse evacuar a sala imediatamente. Pediu-lhe que confiasse nela, que era questão de segundos. Liu Tran não era nenhum sábio, mas seu instinto nunca lhe tinha falhado. Deu duas palmadas secas e pronunciou umas palavras em cantões que bastaram para animar um balé de garçons decididos. Os homens com jaqueta branca atiraram para trás das cadeiras dos comensais e guiaram com presteza a estes por volta das três saídas do estabelecimento.

Liu Tran permaneceu em meio da sala. Zofia o arrastou do braço para uma das saídas, mas o resistiu ao ver o Mathilde, petrificada a uns metros deles. A jovem não se moveu.

—Eu sairei o último —disse Liu, no mesmo momento que um ajudante de cozinha aparecia no comilão correndo e gritando.

Imediatamente se produziu uma explosão de uma violência inusitada. A onda expansiva fez cair a monumental arranha, que se estrelou contra o chão. O mobiliário parecia ser aspirado através do grande vendaval, cujos cristais pulverizados se disseminavam pelo meio-fio. Milhares de lascas vermelhas, verdes e azuis choviam sobre os escombros. A fumaça cinza e acre que alagava o comilão se elevou em espessas colunas pela fachada. Ao rugido que acompanhou ao cataclismo, aconteceu um silêncio asfíxiante. Abaixo, Lucas, depois de estacionar, subiu o guichê do carro que tinha roubado uma hora antes. Horrорizava-lhe o pó e ainda mais que as coisas não acontecessem como ele tinha previsto.

Zofia apartou o aparador maciço que lhe tinha cansado em cima. esfregou-se os joelhos e passou por cima de um trincheiro derrubado. Observou a desordem que havia a seu redor. Sob o armação do grande abajur, desprovida de todos seus adornos, jazia o restaurador respirando com dificuldade, entrecortadamente. Zofia se precipitou para ele. O homem gemia, destroçado pela dor. O sangue afluía a seus pulmões e, cada vez que

inspirava, comprimia-lhe um pouco mais o coração. ao longe, as sereias dos bombeiros se propagavam pelas ruas da cidade.

Zofia suplicou ao Liu que resistisse.

—Não tem você aprecio —disse o ancião chinês sorrindo.

Tomou a mão. Liu estreitou a sua e a aproximou do peito, que assobiava como um pneumático cravado. em que pese a seu estado, seus olhos eram capazes de ler a verdade. Fez provisão de suas últimas forças para murmurar que, graças a Zofia, não sentia nenhuma inquietação. Sabia que, sumido no sonho eterno, não roncaria. Riu, o que lhe provocou um acesso de tosse.

—Que sorte para meus futuros vizinhos! Devem-lhe muito!

Um fluxo de sangue brotou de sua boca e lhe escorregou pela bochecha para ir fundir se com o vermelho do tapete. O sorriso lhe congelou.

—Acredito que deveria ocupar-se de seu amiga, não a vi sair.

Zofia olhou a seu redor, mas não viu nem rastro do Mathilde nem de nenhum outro corpo.

—junto à porta, sob a vitrine —disse Liu, tossindo de novo.

Zofia se incorporou. Liu a reteve agarrando a da boneca e cravou os olhos nos seus.

—Como o soube?

Zofia contemplou ao homem; os últimos raios de vida escapavam de sua íris douradas.

—Compreendê-lo-á dentro de uns instantes.

Um imenso sorriso iluminou o rosto do Liu e todo seu ser se apaziguou.

—Obrigado por esta amostra de confiança.

Essas foram as últimas palavras do senhor Tran. Suas pupilas se contraíram até fazer-se tão pequenas como a ponta de uma agulha, piscou e seu rosto se abandonou sobre a palma da mão de sua última cliente. Zofia lhe acariciou a frente.

—me perdoe por não acompanhá-lo —disse, apoiando brandamente no chão a cabeça inerte do restaurador.

levantou-se, apartou uma pequena cômoda que estava patas acima e se dirigiu para o grande móvel derrubado. Empurrou com todas suas forças para levantá-lo e descobriu ao Mathilde, inconsciente, com um grande trinchante de patos parecido na perna esquerda.

O feixe da lanterna do bombeiro varreu o chão; ouvia-se o rangido de seus passos ao pisar nos entulhos. aproximou-se das duas mulheres e imediatamente tirou o emissor-receptor da capa que tinha pendurada ao ombro para comunicar que tinha encontrado duas vítimas.

—Só uma! —corrigiu-o Zofia.

—Melhor —disse um homem que vestia americana negra e escrutinava de longe os escombros.

O chefe de bombeiros se encolheu de ombros.

—Deve ser um agente federal. Agora chegam virtualmente antes que nós quando se produz uma explosão —resmungou, colocando uma máscara de oxigênio sobre o rosto do Mathilde—. Tem uma perna fraturada —acrescentou, dirigindo-se a um membro de sua equipe que se reuniu com eles—. Está inconsciente. Avisa aos serviços paramédicos para que a evacuem em seguida. —Logo assinalou o corpo do Tran—. E esse dali como está?

—Muito tarde! —respondeu o homem trajeado do outro extremo da sala.

Zofia tinha ao Mathilde entre os braços e tratava de afogar a tristeza que lhe atava um nó na garganta.

—Toda a culpa é minha. Não teria que havê-la gasto aqui. —Olhou o céu pela janela feita pedacinhos; o lábio inferior lhe tremia—. Outra vez não! Podia consegui-lo, ia por bom caminho. Tínhamos acordado deixar acontecer uns meses antes de tomar uma decisão. A palavra terá que cumpri-la!

Os dois carregadores de maca que se aproximaram lhe perguntaram, desconcertados, se encontrava bem. Zofia os tranqüilizou com um simples gesto da cabeça. Ofereceram-lhe oxigênio, mas o rechaçou. Então lhe rogaram que se apartasse; ela retrocedeu uns passos e os dois homens colocaram ao Mathilde em uma maca e se dirigiram imediatamente à saída. Zofia avançou até o que ficava do vendaval sem apartar os olhos do corpo de seu amiga, que desapareceu na ambulância. Os torvelinhos de girofaros vermelhos e laranjas da unidade 02 se fundiram com o som da sereia que se afastava para o hospital Memorial de São Francisco.

—Não se sinta culpado. Estar no pior lugar, no pior momento, é algo que pode lhe acontecer a qualquer. É o destino!

Zofia se sobressaltou. Tinha reconhecido a voz grave da pessoa que tentava consolar a de um modo tão torpe. Lucas se aproximava dela franzindo o sobrecenho.

—O que faz você aqui? —perguntou a jovem.

—Acreditava que o chefe de bombeiros já o havia dito —respondeu ele, tirando-a gravata.

—... E como tudo parece indicar que se trata de uma explosão de gás normal e corrente na cozinha ou, no pior dos casos, de um delito, o amável agente federal poderá ir-se a sua casa e deixar trabalhar aos policiais. Os terroristas não têm nenhum motivo para caçar patos à laranja!

A voz tão cascata como áspera do inspetor de polícia tinha interrompido sua conversação.

—Com quem temos a honra de falar? —perguntou Lucas em um tom irônico que delatava sua irritação.

—Com o inspetor Pilguez da polícia de São Francisco —lhe respondeu Zofia.

—Me alegro de que esta vez me tenha reconhecido! —disse Pilguez, fazendo caso omissa da presença do Lucas—. Se tivermos oportunidade, eu adoraria que me explicasse o numérico desta manhã.

—Não queria que tivéssemos que dizer em que circunstâncias nos conhecemos —respondeu Zofia—. Já sabe, para proteger ao Mathilde. As intrigas se difundem mais depressa que a bruma nos moles.

—Confiei em você deixando-a sair antes do previsto, assim que lhe agradeceria que fizesse o mesmo comigo. Na polícia, o tato não está forçosamente proibido. Dito isto, em vista do estado da garota, talvez teríamos feito melhor deixando que cumprisse sua pena.

—Bonita definição do tato, inspetor! —disse Lucas, despedindo-se dos dois. Atravessou a abertura onde jaziam os restos da monumental dobro porta cujo traslado da Ásia havia flanco uma fortuna e, já da rua, disse a Zofia antes de montar em seu veículo—: O sinto por seu amiga.

O Chevrolet negro desapareceu uns segundos mais tarde no cruzamento com a rua Beach.

Zofia não podia lhe esclarecer nada ao inspetor. Tão somente um terrível pressentimento a tinha empurrado a insistir para que todos saíssem do local. Pilguez lhe

comentou que suas explicações resultavam um tanto superficiais, tendo em conta o número de vidas que acabava de salvar. Zofia não tinha nada mais que acrescentar. Possivelmente tinha percebido inconscientemente o aroma de gás que escapava pelo falso teto da cozinha. Pilguez protestou: nos últimos anos, os casos arrevesados nos que tinha influenciado de uma ou outra maneira o inconsciente tinham uma desagradável tendência a persegui-lo.

—me avise quando tiver acabado a investigação. Preciso saber o que passou.

O inspetor a autorizou a partir. Zofia foi procurar seu carro. O pára-brisa estava rachado e a carroceria marrom recoberta de um pó cinza absolutamente uniforme. De caminho para urgências, cruzou-se com vários carros de bombeiros que continuavam indo ao lugar do sinistro. Estacionou o Ford, atravessou o estacionamento e entrou no edifício. Uma enfermeira foi a seu encontro e a informou que estavam atendendo ao Mathilde. Zofia lhe deu as obrigado e se sentou em um dos bancos vazios da sala de espera.

Lucas tocou duas vezes a buzina com impaciência. O guarda, sentado dentro da guarita, pulsou um botão sem apartar o olhar da pequena tela; os Yankees foram ganhando por bastante diferencia. A barreira se levantou e o Chevrolet avançou com as luzes apagadas até o bordo do mole. Lucas baixou o guichê e atirou o cigarro. Pôs a alavanca da mudança de marchas em ponto morto e saiu do veículo com o motor aceso. Apoiando um pé no pára-choque traseiro, deu justo o impulso necessário para que o carro se deslizasse para diante e caísse à água. Contemplou a cena com as mãos em jarras, encantado. Quando a última borbulha de ar teve estalado, deu meia volta e caminhou alegremente em direção ao estacionamento. Um Funda verde oliva parecia esperá-lo precisamente a ele. Forçou a fechadura, levantou o capô, arrancou o alarme e a arrojou longe. instalou-se e contemplou, com escasso entusiasmo, o interior de plástico. Tirou o molho de chaves e escolheu a que lhe pareceu mais adequada. O motor arrancou imediatamente com um som agudo.

—Um japonês verde, o que terá que ver! —resmungou enquanto tirava o freio de mão.

Lucas olhou o relógio; ao ver que ia com atraso, acelerou. Sentado em uma plataforma de amarração, um vagabundo chamado Jules se encolheu de ombros enquanto olhava afastar o carro. Um último blup morreu na superfície.

—Sairá desta?

Era a terceira vez que a voz do Lucas a sobressaltava essa noite.

—Espero que sim —respondeu ela, olhando-o de cima abaixo—. Quem é você exatamente?

—Lucas. Sinto-o e me alegre de uma vez —disse, lhe tendendo a mão.

Era a primeira vez que Zofia notava o peso do cansaço. levantou-se e se aproximou da máquina de café.

—Quer um?

—Não tomo café —respondeu Lucas.

—Eu tampouco —disse ela, contemplando a moeda de vinte céntavos, enquanto a fazia girar no oco da mão—. O que faz aqui?

—Quão mesmo você. vim a ver como está seu amiga.

—por que? —perguntou Zofia, guardando-a moeda no bolso.

—Porque tenho que redigir um relatório e, de momento, na casinha «vítimas» pus a cifra 1. Assim devo verificar se devo corrigir a informação ou não é necessário. Eu gosto de fazer os informe o mesmo dia; horroriza-me o atraso.

—Sabia que não andava desencaminhada!

—Deveria ter aceitado meu convite para jantar. Se o tivesse feito, agora não estaríamos aqui.

—Já entendo por que há dito antes o do tato. É você um perito na matéria!

—Demorará em sair do sala de cirurgia. Um trinchante de patos causa muitos destroços quando se crava em uma coxa humana. vão necessitar horas para costurar todo isso. Permite-me que a leve a cafeteria de em frente?

—Não, não o permito.

—Como quero. Esperaremos aqui. É mais desagradável, mas se o prefere... Enfim o que lhe vamos fazer!

Estavam sentados um de costas ao outro desde fazia mais de uma hora quando o cirurgião apareceu por fim ao final do corredor. Não fez estalar as luvas de látex (os cirurgiões tinham o costume de tirar-lhe ao sair do sala de cirurgia e jogá-los aos cubos dispostos a tal efeito). Mathilde estava fora de perigo: a artéria não se viu afetada, o exploratório não mostrava nenhum sinal de traumatismo cranial e a coluna vertebral estava intacta.

Mathilde tinha duas fraturas não deslocadas —uma em uma perna e a outra em um braço— e lhe tinham dado uns pontos de sutura. Estavam engessando-a. Não podia descartar-se que houvesse alguma complicação, mas o médico era otimista. Não obstante, desejava que permanecesse em repouso absoluto durante as seguintes horas. Pediu a Zofia que avisasse a seus próximos de que não lhe permitiria receber nenhuma visita até a manhã seguinte.

—Isso parece —disse ela—. Sou a única.

Deu a responsável pela planta o número de sua busca. Ao sair, passou por diante do Lucas e, sem lhe dirigir um olhar, informou-o que não teria que fazer um tachón em seu relatório. Logo desapareceu. Lucas a alcançou no estacionamento deserto enquanto ela procurava as chaves.

—Se pudesse deixar de me sobressaltar, estaria-lhe muito agradecida —disse Zofia.

—Acredito que começamos com mau pé —disse Lucas em voz baixa.

—Começado o que? —replicou Zofia.

Lucas duvidou antes de responder:

—Digamos que às vezes sou um pouco direto em minha linguagem, mas me alegro sinceramente de que seu amiga tenha saído desta.

—Bom, pelo menos compartilhamos algo hoje. Não há nada impossível! E agora, se tiver a bondade de me deixar abrir a porta...

—E se fôssemos compartilhar também uma taça de café? Por favor...

Zofia permaneceu em silêncio.

—Apago-o! —prosseguiu Lucas—. Você não toma e eu tampouco. O que lhe parece um suco de laranja? Justo aqui em frente os fazem muito bons.

—por que tem tantas vontades de beber algo comigo?

—Porque acabo de chegar à cidade e não conheço ninguém. passei três anos muito solo em Nova Iorque, o que não tem nada de original. A Grande Maçã me tornou pouco eloquente, mas estou decidido a trocar.

Zofia inclinou a cabeça e escrutinou ao Lucas.

—Está bem, voltarei a começar —disse este—. Esqueça Nova Iorque, minha solidão e todo o resto. Não sei por que tenho tantas vontades de tomar algo com você. Em realidade, dá-me igual tomar algo ou não; pelo que tenho vontades é de conhecê-la. Já está, hei-lhe dito a verdade. Seria uma boa ação por sua parte dizer agora que sim.

Zofia olhou o relógio e duvidou uns segundos. Logo sorriu e aceitou o convite. Cruzaram a rua e entraram no Krispy Kreme. O pequeno local cheirava a massas recém feitas; uma bandeja de pastéis redondos acabava de sair do forno. sentaram-se junto à cristaleira. Zofia não comeu nada, mas olhou perplexa ao Lucas, que engoliu sete pastéis redondos com açúcar polido em menos de dez minutos.

—Por isso vejo, de todos os pecados capitais, a gula não lhe traumatizou o mais mínimo —disse em tom jocoso.

—Todo isso dos pecados é ridículo —repôs ele chupando-os dedos—, truques de monge. Um dia sem pastéis redondos é pior que um dia com sol!

—Não gosta do sol? —perguntou-lhe Zofia, surpreendida.

—Pois claro! eu adoro! Produz queimaduras e câncer de pele; os homens se asfixiam com a gravata bem atada ao pescoço; às mulheres horroriza pensar que a maquiagem lhes vai correr; todo mundo acaba pilhando um resfriado por culpa dos aparelhos de ar condicionado, que perfuram a capa de ozônio; a contaminação aumenta e os animais morrem de sede, por não falar dos anciões que perecem a causa do calor. Perdoe, mas o sol não o inventou nem muito menos quem a gente crie.

—Tem você um estranho conceito das coisas.

Zofia escutou com mais atenção ao Lucas quando este disse em tom grave que terei que ser mais honesto quando se qualificava o mal e o bem. A ordem das palavras intrigou a Zofia. Lucas tinha mencionado várias vezes o mal antes que o bem, quando habitualmente a gente fazia o contrário.

De repente lhe ocorreu que possivelmente fora um Anjo Verificador enviado para controlar o bom desenvolvimento de sua missão. Muitas vezes os tinha encontrado em operações menos ambiciosas. Lucas era tão provocador que, quanto mais falava, mais verossímil lhe parecia a hipótese. Enquanto se acabava o nono pastel redondo, anunciou com a boca médio enche que adoraria voltar a vê-la. Zofia sorriu. Lucas pagou a conta e saíram.

No estacionamento deserto, Lucas levantou a cabeça para cima.

—Faz um pouco de fresco, mas o céu está realmente sublime, não crie?

Ela tinha aceitado seu convite para jantar juntos ao dia seguinte. Se, por acaso, os dois trabalhavam para a mesma casa, quem tinha querido pô-la a prova ficaria bem servido; pensava passar-lhe em grande. Zofia montou em seu carro e retornou a casa.

Estacionou diante da porta e procurou não fazer ruído ao subir a escada de entrada. Nenhuma luz banhava o saguão; a habitação de Rainha Sheridan estava fechada.

antes de entrar, elevou os olhos: no firmamento não havia nem nuvens nem estrelas.

E entardeceu e amanheceu...

Segundo dia

Mathilde se tinha despertado ao amanhecer. Durante a noite a tinham transladado a uma habitação, onde o tédio já começava a abrir-se caminho. Desde fazia quinze meses, a hiperatividade tinha sido o único remédio para curá-las lesões de outra vida em que o coquetel explosivo de desespero e drogas quase tinha acabado com ela. O néon que crepitava sobre sua cabeça lhe recordava as largas horas passadas lutando contra o macaco, que tempo atrás lhe rasgava as vísceras lhe provocando incríveis dores. Uma lembrança de dias dantescos nos que Zofia, a quem ela chamava seu anjo da guarda, tinha que lhe sujeitar as mãos. Para sobreviver, Mathilde se mutilava o corpo, arranhava-o até arrancá-la pele para inventar novas feridas que diluíram os castigos insuportáveis dos prazeres passados.

Às vezes lhe parecia notar ainda na parte posterior do crânio as pontadas dos hematomas, conseqüência dos múltiplos golpes que se atirava no transcurso de noites abandonadas a sofrimentos intermináveis. olhou-se a sangradura do cotovelo; semana detrás semana, as marcas das espetadas se apagaram em signo de redenção. Tão somente ficava ainda um ponto violáceo sobre uma veia, como um aviso do lugar pelo que a morte lenta tinha entrado. Zofia empurrou a porta da habitação.

—Bem a tempo —disse, deixando um ramo de peônias sobre a mesinha de noite.

—por que bem a tempo? —perguntou Mathilde.

—Vi-te a cara ao entrar e a predição meteorológica de sua moral tinha pinta de muito variável com tendências tormentosas. vou pedir lhes um vaso às enfermeiras.

—Fica comigo —disse Mathilde com voz apagada.

—As peônias estão quase tão impacientes como você; necessitam muita água. Não te mova, volto em seguida.

Mathilde, só na habitação, contemplava as flores. Com o braço ileso, acariciou as sedosas corolas. As pétalas de peônia tinham o mesmo tato que a pelagem dos gatos, e ao Mathilde adorava os felinos. Zofia interrompeu seu devaneio entrando com um cubo na mão.

—É o único que tinham. Enfim, não passa nada, não são flores com presunções de grandeza.

—São minhas preferidas.

—Sei.

—Como pudeste as conseguir nesta época do ano?

—Ah, isso é um segredo!

Zofia contemplou a perna engessada de seu amiga e depois a tabuleta que lhe imobilizava o braço. Mathilde surpreendeu seu olhar.

—Passou-te um pouco jogando com o acendedor! O que ocorreu exatamente? Não recordo quase nada. Estávamos falando, você te levantou, eu não, e depois... um imenso buraco negro.

—Não, um escapamento de gás no falso teto da despensa. Quanto tempo tem que ficar aqui?

Os médicos teriam aceitado deixar sair ao Mathilde ao dia seguinte, mas não tinha médicos para dispor de assistência a domicílio e seu estado a privava de autonomia. Quando Zofia se dispunha a ir-se, Mathilde rompeu a chorar.

—Não me deixe aqui, este aroma de desinfetante me volta louca. Já paguei o bastante, juro-lhe isso. Não agüentarei. Tenho tanto medo de voltar a cair que finjo tomar os calmantes que me dão. Sei que sou uma carga para ti, Zofia, mas me tire agora mesmo daqui!

Zofia se aproximou da cabeceira e acariciou a frente de seu amiga para acalmá-la. Prometeu-lhe que faria todo o possível para encontrar uma solução quanto antes. Voltaria a passar a vê-la de noite.

Ao sair do hospital, Zofia se dirigiu aos moles; esperava-a um dia agitado. O tempo passava depressa e ela tinha uma missão que cumprir e alguns protegidos aos que não podia abandonar. Foi fazer-lhe uma visita a seu velho amigo vagabundo. Jules tinha abandonado o mundo sem ter identificado nunca o caminho que o tinha conduzido ao arco número sete, onde tinha estabelecido seu domicílio provisório: simplesmente, uma série de terríveis sacanagens que lhe tinha feito a vida. Uma redução de palmilha tinha posto fim a sua carreira. Uma simples carta lhe tinha anunciado que já não formava parte da companhia que tinha sido toda sua existência.

Aos cinquenta e oito anos ainda se é muito jovem, e embora as empresas de cosméticos juravam que ao aproximar-se dos sessenta e um ainda tinha a vida por diante cuidando minimamente seu capital estético, essa afirmação não convencia a seus próprios departamentos de recursos humanos quando avaliavam a evolução da carreira de seus mandos. Assim foi como Jules Minsky se encontrou na parada. Um guarda de segurança lhe tinha confiscado o cartão de identificação na entrada do imóvel onde tinha passado mais tempo que em sua própria casa. Sem pronunciar uma só palavra, o homem uniformizado o tinha acompanhado até seu escritório. Ali, Jules tinha tido que recolher suas coisas ante o olhar silencioso de seus companheiros. Um sinistro dia de chuva, partiu-se com uma caixa de cartão sob o braço por toda bagagem, depois de trinta e dois anos de leais serviços.

A vida do Jules Minsky, estatístico e apaixonado das matemática aplicadas, resumia-se em uma aritmética muito imperfeita: soma de fins de semana passados trabalhando em detrimento de sua própria vida; divisão aceita em proveito do poder dos chefes (todos se sentiam orgulhosos de trabalhar para eles, formavam uma grande família em que cada um tinha um papel que desempenhar com a condição de que se mantivera em seu sítio); multiplicação de humilhações e de idéias passados por cima por certas autoridades ilegítimas com poderes desigualmente adquiridos e, por último, subtração do direito de acabar sua vida trabalhista com dignidade. A existência do Jules, semelhante a quadratura do círculo, reduzia-se a uma equação de iniquidades insolúvel.

De pequeno, ao Jules gostava de vagar junto ao esgoto de sucata, onde uma enorme presa comprimia as carcaças dos carros velhos. Para afastar a sensação de solidão que o atormentava pelas noites, muitas vezes tinha imaginado a vida do jovem executivo privilegiado que, «avaliando-o» apropriado para ser despedido, tinha arruinado a sua. Seus cartões de crédito tinham desaparecido em outono, sua conta bancária não tinha sobrevivido ao inverno e ele se partiu de casa na primavera. O verão seguinte, tinha sacrificado um imenso amor levando-se seu orgulho a realizar uma última viagem. Sem sequer dar-se conta, o homem chamado Jules Minsky, de cinquenta e oito anos, tinha estabelecido seu domicílio provisório sob o arco número sete do mole 80 do porto mercante de São Francisco. Muito em breve poderia celebrar seu décimo aniversário de vida ao ar livre. sentia prazer em

contar a quem queria escutá-lo que o dia de sua grande partida não se deu realmente conta de nada.

Zofia descobriu a cicatriz que supurava sob o rasgão das calças de tweed com motivos príncipe do Gales.

—Jules, tem que ir a que lhe curem a perna!

—Não comece, por favor, minha perna está perfeitamente.

—Se não lhe limparem essa ferida, dentro de menos de uma semana a terá gangrenada, sabe perfeitamente.

—Eu já vivi a pior das gangrenas, céu, assim que uma mais ou uma menos... Além disso, com o tempo que faz peço a Deus que venha a me buscar, tenho que deixá-lo atuar. Se me curar cada vez que me apresenta alguma complicação, do que serve implorar que me leve desta maldita terra? Assim, como vê, isto é meu bilhete de loteria para o mais à frente.

—Quem lhe coloca essas idéias tão estúpidas na cabeça?

—Ninguém, mas há um menino que anda por aqui e que está totalmente de acordo comigo. Eu gosto de muito conversar com ele. Quando o vejo, é como se olhasse meu reflexo em um espelho passado. Viu o mesmo tipo de trajes que eu levava antes de que minha alfaiate sentisse vertigem ao descobrir os abismos de meus bolsos. Eu lhe prego a palavra de Deus e ele a do demônio; fazemos uma troca, e assim me distraio.

Nem paredes nem teto, ninguém a quem odiar, tão poucos mantimentos ante a porta como barrotes que estaria desejando serrar... Jules Minsky tinha estado em piores condicione que um prisioneiro. Sonhar podia converter-se em um luxo quando se lutava pela sobrevivência. De dia, terei que procurar comida nos esgotos; no inverno, andar continuamente para lutar contra a aliança mortal do sonho e o frio.

— Jules, vou levar o a dispensário.

— Acreditava que trabalhava na segurança do porto, não no Exército de Salvação.

Zofia atirou com todas suas forças do braço do vagabundo para ajudá-lo a levantar-se. O não lhe facilitou a tarefa, mas acabou por acompanhá-la a contra gosto até seu carro. A jovem lhe abriu a portinhola; Jules se passou a mão pela barba, duvidoso. Zofia o olhou em silêncio. As magníficas rugas que tinha ao redor dos olhos azuis constituíam os fortalezas de uma alma rica em emoções. Em torno da boca, de lábios grossos e sorridentes, desenhavam-se outras caligrafias: as de uma existência em que a pobreza só afetava ao aspecto.

—Seu carro não vai cheirar muito bem. Com a perna assim, ultimamente não pude ir às duchas.

—Jules, se disserem que o dinheiro não tem aroma, por que vai ter o um pouco de miséria? Deixe de discutir e subida.

Depois de ter crédulo a seu passageiro aos cuidados do dispensário, Zofia baixou de novo para os moles. De caminho, desviou-se para ir visitar a senhora Sheridan; tinha que lhe pedir um grande favor. Encontrou-a na soleira da porta. Reina tinha que fazer algumas compra e, naquela cidade famosa por suas ruas em pendente, onde cada passo constitui uma provocação para uma pessoa maior, encontrar-se a Zofia a essa hora parecia um milagre. A garota lhe rogou que se sentasse no carro e subiu correndo a suas habitações. Entrou, jogou uma olhada à secretária eletrônica, que não tinha gravado nenhuma mensagem, e baixou imediatamente. Pelo caminho lhe expôs o caso do Mathilde a Reina, que aceitou acolhê-la em sua casa até que se restabelecesse. Terei que encontrar um sistema para subi-la ao primeiro piso e uns bons pares de braços para baixar a cama metálica guardada no desvão.

Lucas, comodamente instalado na cafeteria do 666 da rua Market, fazia umas contas diretamente sobre a mesa de fórmica detrás ter tomado posse de seu novo cargo no seio do maior grupo imobiliário de Califórnia. Estava molhando o sétimo cruasán em um café com leite, inclinado sobre a te apaixonem obra que contava como se desenvolveu Silicon Valley: «Uma vasta franja de terras convertidas em trinta anos na zona mais estratégica de tecnologias ponta, conhecida como o pulmão da informática do mundo». Para aquele especialista da mudança de identidade, fazer que o contratassem tinha sido de uma facilidade desconcertante, e já desfrutava preparando seu plano maquiavélico.

O dia antes, no avião de Nova Iorque, a leitura de um artigo do *São Francisco Chronicle* sobre o grupo imobiliário A&H tinha iluminado os olhos do Lucas: a fisionomia roliça de sua vice-presidente se oferecia sem contenção ao objetivo do fotógrafo. Ed Heurt, a «H» do A&H, era um gênio na arte de pavonear-se em entrevistas e conferências de imprensa, e se gabava sem parar das incomensuráveis contribuições de seu grupo ao auge econômico da região. Aquele homem, que desde fazia vinte anos ambicionava fazer carreira como deputado, não faltava nunca a uma cerimônia oficial. Naqueles momentos se dispunha a inaugurar oficialmente, a tambor grande e pires, a temporada de pesca do caranguejo. Em tais circunstâncias, Lucas se tinha cruzado no caminho do Ed Heurt.

Graças a impressionante caderneta de direções influentes com a que tinha alimentado habilmente a conversação, Lucas tinha conseguido o posto de conselheiro da vice-presidência, criado no ato para ele. As engrenagens do oportunismo não tinham nenhum segredo para o Ed Heurt, e o lembro se selou antes de que o número dois do grupo tivesse terminado de engolir uma pinça de caranguejo, generosamente acompanhada de uma maionese ao açafraão que manchou com igual generosidade o peitilho de seu smoking.

Essa manhã eram as onze, e uma hora mais tarde Ed apresentaria ao Lucas a seu sócio, Antonio Andric, o presidente do grupo.

A» do A&H dirigia com uma mão férrea embainhada em uma luva de veludo a vasta rede comercial que tinha tecido ao longo dos anos. Um sentido inato do negócio imobiliário e uma perseverança inigualável no trabalho tinham permitido ao Antonio Andric desenvolver um imenso império que empregava a mais de trezentos agentes e a quase igual número de juristas, contábeis e assessores.

Lucas vacilou antes de renunciar à oitava pasta. Fez estalar os dedos do meio e polegar para pedir um capuchino. Mordiscando o rotulador negro, consultou os papéis e continuou refletindo. As estatísticas que tinha obtido do departamento de informática do A&H eram eloqüentes.

Finalmente se permitiu pedir um pão-doce cheio de chocolate e, enquanto o comia, chegou à conclusão de que era impossível alugar, vender ou comprar um solo imóvel ou parcela de terreno em todo o vale sem tratar com o grupo para o que trabalhava da noite anterior. O folheto publicitário e seu inefável eslogan («A imobiliária inteligente») permitiram-lhe polir seus planos.

A&H era uma entidade com duas cabeças; seu talão do Aquiles estava no ponto de união dos dois pescoços da hidra. Bastaria que os dois cérebros da organização aspirassem o mesmo ar para afogar-se mutuamente. Se Andric e Heurt se disputavam o leme do navio, o grupo não demoraria para ir à deriva. O naufrágio brutal do império A&H abria imediatamente o apetite aos grandes proprietários, que provocariam a desestabilização do mercado imobiliário em um vale onde os aluguéis eram pilares fundamentais da vida econômica. As reações dos lugares financeiras não se fariam esperar e as empresas da região ficariam asfixiadas no ato.

Lucas comprovou uns dados para estabelecer sua hipótese: a mais provável era que um grande número de empresas não sobrevivessem ao aumento de seus aluguéis e o descida de suas cotações. Inclusive sendo pessimista, os cálculos do Lucas permitiam prever que ao menos dez mil pessoas perderiam seu emprego; uma cifra suficiente para fazer que a economia de toda a região sofresse uma implosão e provocasse a embolia mais maravilhosa que jamais se imaginou, a do «pulmão da informática do mundo».

Dado que as certas passageiros dos meios financeiros só eram comparáveis a seu pusilanimidade permanente, os milhares de milhões que se investiam nas empresas de alta tecnologia na Wall Street se volatilizariam em umas semanas, o que provocaria um soberbo enfarte no coração do país.

—Algo tem de bom a globalização! —disse Lucas à garçonete, que esta vez lhe levou um chocolate quente.

—por que? É que pensa limpar toda essa porcaria com um produto coreano? —repôs ela, dúvida, olhando as notas feitas na mesa.

—Apagarei-o tudo antes de ir —resmungou Lucas, retomando o fio de seus pensamentos.

Posto que se dizia que o simples roce das asas de uma mariposa podia provocar um ciclone, Lucas demonstraria que esse teorema se podia aplicar à economia. A crise americana não demoraria para propagar-se pela Europa e Ásia. A&H seria sua mariposa, Ed Heurt o roce de asas, e os moles da cidade poderiam muito bem ser o cenário de sua vitória.

Depois de ter rajado metodicamente a fórmica com um garfo, Lucas saiu da cafeteria e rodeou o edifício. Viu na rua um Chrysler esportivo e forçou a fechadura. No semáforo, acionou o mecanismo da capota e esta se rendeu. Enquanto baixava a rampa do estacionamento de seus novos escritórios, Lucas tomou o telefone móvel. deteve-se diante do aparcacoches e lhe fez um sinal amistoso com a mão para que esperasse até que terminasse de falar. Em voz alta, contava a um interlocutor imaginário que tinha surpreso ao Ed Heurt lhe dizendo a uma encantadora jornalista que a autêntica cabeça do grupo era ele e que seu sócio era simplesmente as pernas. Ato seguido, soltou uma sonora gargalhada, abriu a portinhola e lhe tendeu as chaves ao jovem, quem lhe comentou que o cilindro não funcionava bem.

—Sei —disse Lucas com ar contrito—. Já não se está seguro em nenhuma parte!

O aparcacoches, que não se perdeu uma só palavra da conversação, observou-o afastar-se em direção ao vestíbulo do edifício. foi estacionar o conversível com mão hábil e perita... A ajudante pessoal do Antonio Andric sempre lhe encarregava a tarefa de estacionar seu 4 x 4. O rumor demorou duas horas em chegar ao nono e último piso do 666 da rua Market, a prestigiosa sede social do A&H; a pausa para comer tinha freado seu avanço. Às treze e dezessete horas, Antonio Andric entrava iracundo no despacho do Ed Heurt; às treze e vinte e nove, o mesmo Antonio saía do despacho de seu sócio dando uma portada. No patamar, disse a voz em pescoço que «as pernas» foram relaxar se a um campo de golfe e que as «meninges» não tinham mais que assistir em seu lugar à reunião mensal de diretores comerciais.

Lucas dirigiu um olhar de cumplicidade ao aparcacoches ao ir recolher seu veículo. Faltava uma hora para a entrevista que tinha com seu chefe, assim que lhe dava tempo de fazer uma insignificante aquisição. Tinha umas vontades loucas de trocar de carro, e para estacionar a sua maneira o que agora conduzia, o porto não ficava muito longe.

Zofia tinha deixado a Reina na barbearia e prometido ir procurá-la ao cabo de duas horas. Justo o tempo de ir dar classe de história ao centro de formação para pessoas com transtornos de visão. Os alunos da Zofia se levantaram o cruzar ela a soleira do sala-de-aula.

—Não o digo por paquera, mas sou a mais jovem desta classe, assim sentem-se, por favor.

Houve um murmúrio e depois Zofia retomou a lição no ponto onde a tinha deixado. Abriu o livro em braile que tinha sobre a mesa e começou a ler. A Zofia gostava dessa escritura em que as palavras se decifravam com a gema dos dedos, em que as frases se compunham mediante o tato, em que os textos cobravam vida no oco da mão. Apreciava esse universo ambliope, tão misterioso para os que acreditavam vê-lo tudo embora com frequência estavam cegos para muitas coisas essenciais. Quando soou o timbre, deu por terminada a classe e se despediu de seus alunos até na quinta-feira seguinte. Montou em seu carro e foi procurar a Reina para acompanhá-la a casa. Depois cruzou de novo a cidade para levar ao Jules do dispensário aos moles. A vendagem que levava na perna lhe dava aspecto de filibustero, e o homem não dissimulou certo orgulho quando Zofia o disse.

—Está preocupada? —perguntou Jules.

—Não, só um pouco transbordada.

—Sempre está transbordada. Escuto-te.

—Jules, aceitei um desafio um pouco estrambótico. Se você tivesse que fazer algo incrivelmente bom, algo que trocasse o curso do mundo, o que decidiria fazer?

—Se fosse utopista ou acreditasse nos milagres, diria-te que erradicaria a fome do mundo, eliminaria todas as enfermidades, proibiria que se atentasse contra a dignidade dos meninos, reconciliaria todas as religiões, semearia a Terra de tolerância e acredito que faria desaparecer toda classe de pobreza. Sim, faria todo isso... se fosse Deus!

—E se perguntou por que O não o faz?

—Sabe tão bem como eu. Todo isso não depende de Sua vontade, mas sim da dos homens aos que confiou a Terra. Zofia, não existe nenhum bem imenso que possamos nos representar pela singela razão de que o bem, ao contrário que o mal, é invisível. Não se pode calcular nem descrever sem que perca sua elegância e seu sentido. O bem se compõe de uma quantidade infinita de pequenas cuidados que, postas uma detrás de outra, talvez um dia acabem por trocar o mundo. Lhe peça a qualquer que te cite cinco personagens que tenham trocado para bem o curso da humanidade. Não sei..., por exemplo, o primeiro democrata, ou o inventor dos antibióticos, ou um mediador de conflitos. Por estranho que pareça, pouca gente será capaz de dar seu nome, enquanto que dirão sem nenhuma dificuldade o de cinco ditadores. Todos conhecemos o nome das grandes enfermidades, mas quase ninguém sabe o dos que as venceram. O apogeu do mal que todos tememos não é outra coisa que o fim do mundo, mas parecemos ignorar que o apogeu do bem já teve lugar... o dia da Criação.

—Mas então, Jules, o que faria você para fazer o bem, o bem máximo?

—Faria exatamente o que você faz! Daria a todas as pessoas com as que me relaciono a esperança de todos os possíveis. Faz um momento inventaste uma coisa maravilhosa sem te dar conta.

—O que tenho feito?

—Ao passar por diante de meu arco, sorriste-me. Pouco depois, esse detetive que vem muitas vezes a comer aqui passou de carro e me olhou com sua eterna cara de resmungão. Nossos olhares se cruzaram, ofereci-lhe seu sorriso e, quando se partiu, levava-a nos lábios. Sim, vi-o. Assim, se confiarmos um pouco, a terá transladado à pessoa que

tenha ido ver. Vê agora o que tem feito? inventaste uma espécie de vacina contra o instante de mal-estar. Se todo mundo fizesse isso, dar simplesmente um sorriso uma vez ao dia, imagina o incrível contágio de felicidade que se estenderia pela Terra? Então ganharia essa aposta. —O velho Jules se tampou a boca com a mão para tossir—. Mas enfim, já te hei dito que não era um utopista, assim que me conformarei te dando as obrigado por me haver trazido até aqui.

O vagabundo saiu do carro e se dirigiu a seu refúgio. voltou-se e fez um gesto a Zofia.

—Sejam quais sejam as perguntas que te faça, confia em seu instinto e continua fazendo o que faz.

Zofia ficou olhando-o.

—Jules, que fazia você antes de viver aqui?

Jules desapareceu sob o arco sem responder.

Zofia foi ver maneta ao Fisher's Deli. Já era a hora de comer e, pela segunda vez no dia, tinha que pedir um favor. O capataz não havia meio doido o prato. Ela se sentou a sua mesa.

—Não se come os ovos mexidos?

Maneta se inclinou para lhe sussurrar ao ouvido:

—Quando Mathilde não está, a comida não sabe a nada.

—Precisamente dela vim a lhe falar.

Zofia partiu do porto meia hora mais tarde em companhia do capataz e de quatro de seus carregadores. Ao passar por diante do arco número sete, deteve-se em seco. Tinha reconhecido ao homem elegantemente trajado que estava fumando um cigarro junto ao Jules. Os dois carregadores que tinham subido a seu carro e os outros dois que a seguiam em uma caminhonete lhe perguntaram por que tinha freado tão bruscamente. Ela acelerou sem responder e se dirigiu ao hospital Memorial.

Os faróis do flamejante Lexus se acenderam assim que este entrou no porão. Lucas caminhou a passo vivo para a porta de acesso à escada. Consultou seu relógio; chegava dez minutos antes da hora.

As portas do elevador se abriram na novena planta. Deu um rodeio para passar por diante do despacho da ajudante do Antonio Andric, convidou-se a entrar e se sentou em uma esquina de sua mesa. Ela não levantou a cabeça e continuou escrevendo no ordenador.

—Está você totalmente consagrada a seu trabalho, verdade?

Elizabeth lhe sorriu e prosseguiu sua tarefa.

—Sabe que na Europa a jornada de trabalho está legislada? Na França —acrescentou Lucas—, inclusive pensam que mais de trinta e cinco horas à semana são prejudiciais para a realização do indivíduo.

Elizabeth se levantou para servir uma taça de café.

—E se a gente quer trabalhar mais? —perguntou.

—Não pode! França fomenta a arte de viver!

Elizabeth se sentou de novo ante a tela e se dirigiu ao Lucas em um tom distante:

—Tenho quarenta e oito anos, estou divorciada, meus dois filhos estão na universidade, sou proprietária do pequeno piso onde vivo no Sausalito e de um bonito

apartamento à beira do lago Tahoe que terei terminado de pagar dentro de dois anos. Para ser sincera, não conto o tempo que passo aqui. Eu gosto do que faço, muito mais que perambular por diante das cristaleiras constatando que não trabalhei o suficiente para pagar o que gosta de comprar. Quanto aos franceses, recordo-lhe que comem caracóis. O senhor Heurt está em seu escritório e vocês estão citados às duas, o qual é perfeito já que são dois em ponto.

Lucas se dirigiu para a porta. antes de sair ao corredor, voltou-se.

—nota-se que não comeu nunca manteiga de alho. Se o tivesse feito, não diria isso.

Zofia tinha organizado a saída antecipada do Mathilde. Esta aceitava assinar o alta voluntária, e Zofia tinha jurado que, ao menor sintoma anormal, levaria-a imediatamente a urgências. O chefe do serviço deu sua autorização, condicionada a que o exame médico previsto para as três da tarde não contradissera a evolução favorável do estado de saúde de seu paciente.

Os quatro carregadores se ocuparam do Mathilde no estacionamento do hospital. Não paravam de brincar sobre a fragilidade da carga; divertiam-se utilizando o jargão do ofício aplicada a uma situação em que Mathilde interpretava o papel de contêiner. Tenderam-na com muita precaução sobre a maca que tinham improvisado na parte traseira da caminhonete. Zofia conduzia o mais devagar que podia, mas o menor buraco despertava na perna do Mathilde uma viva dor que lhe subia até a virilha. Demoraram meia hora em chegar a bom porto.

Os carregadores baixaram a cama metálica do desvão e a instalaram no salão da Zofia. Maneta a empurrou até a janela e aproximou o velador que faria de mesinha de noite. Então começou a lenta ascensão do Mathilde, transportada pelos carregadores sob a direção de Maneta. Cada vez que subiam um degrau, Zofia apertava os punhos para ouvir gritar de medo ao Mathilde e eles respondiam cantando a voz em pescoço. As garotas acabaram cedendo à risada uma vez que tiveram acontecido a curva que fazia a escada. Com mil cuidados, os homens depositaram a sua garçonete preferida em sua nova cama.

Zofia disse que os convidaria a comer para lhes agradecer o favor, mas Maneta respondeu que não era necessário, que Mathilde os tinha mimada bastante no Deli para que fizessem o mesmo por ela. Zofia os levou de volta ao porto. Quando o carro se afastou, Reina preparou duas taças de café, acompanhadas de umas partes de bolacha servidas em sua terrina de prata cinzelada, e subiu ao primeiro piso.

Ao partir do mole 80, Zofia decidiu dar um ligeiro rodeio. Acendeu a rádio e procurou uma emissora até que a voz do Louis Armstrong revooou pelo habitáculo. *What ao Wonderful World* era uma de suas canções preferidas. Cantarolou com o velho *bluesman*. O Ford girou na esquina dos depósitos e se dirigiu aos arcos que bordeaban as imensas gruas. Acelerou e, ao passar sobre os redutores de velocidade, o carro deu uma série de tombos. Zofia sorriu e desceu do todo o guichê. O vento lhe açoitava o cabelo. Fez girar o botão do volume e a canção soou ainda mais forte. Radiante, divertiu-se sorteando os cones de segurança até chegar ao sétimo arco. Quando viu o Jules, fez-lhe um gesto com a mão e imediatamente lhe devolveu a saudação. Estava sozinho... Então Zofia apagou a rádio, fechou o guichê e se encaminhou à saída.

Heurt tinha saído da sala do conselho entre os aplausos cautelosos dos diretores, estupefatos pelas promessas que lhes acabavam de fazer. Convencido de ser um lince na prática da comunicação, Ed tinha exposto com todo detalhe suas visões megaloeconomicistas, transformando a reunião comercial na paródia de uma conferência de imprensa. No elevador que o conduzia de volta à novena planta, sentia-se na glória: dirigir aos homens não era, depois de tudo, tão complicado como diziam; se fosse preciso, poderia muito bem ocupar-se solo do destino do grupo. Louco de contente, levantou o punho fechado para o céu em sinal de vitória.

antes de desaparecer, a bola de golfe tinha feito que a bandeira se cambaleasse. Antonio Andric acabava de conseguir um magnífico fôssil em um em um par quatro. Louco de contente, levantou o punho fechado para o céu em sinal de vitória.

Lucas, encantado, baixou o punho para o chão em sinal de vitória: o vice-presidente tinha conseguido semear um desconcerto sem precedentes entre os dirigentes de seu império, e a confusão mental não demoraria para propagar-se às novelas inferiores.

Ed o esperava junto à máquina de refrescos e ao vê-lo abriu os braços.

—Uma reunião fantástica, verdade? Dei-me conta de que quase sempre estou longe de minhas tropas e devo pôr remédio. Tenho que lhe pedir um favor relacionado com isso.

Ed tinha uma entrevista essa noite com uma jornalista que devia redigir um artigo sobre ele em um jornal local. Por uma vez, sacrificaria seus deveres para com a imprensa em favor das necessidades de seus fiéis colaboradores. Acabava de convidar para jantar ao chefe de desenvolvimento, ao responsável por marketing e aos quatro diretores da rede comercial. devido a sua pequena briga com o Antonio, preferia não informar a seu sócio de sua iniciativa e deixá-lo desfrutar de uma autêntica noite de descanso que claramente necessitava. Se Lucas tinha a amabilidade de ocupar-se da entrevista por ele, faria-lhe um inestimável favor, e além disso, os elogios de um terceiro sempre resultavam mais convincentes. Ed contava com a eficiência de seu novo conselheiro, ao que animou lhe dando uma amistosa palmada no ombro. A mesa estava reservada para as nove da noite no Simbad, uma marisqueria do Fisherman's Wharf: um marco com um toque de romantismo, uns caranguejos deliciosos, uma conta respeitável... O artigo teria que ser eloquente.

depois de haver-se ocupado do traslado do Mathilde, Zofia retornou ao Memorial, mas esta vez com outro propósito. Entrou no pavilhão número três e subiu à terceiro andar.

O serviço de pediatria estava, como de costume, lotado. Assim que o pequeno Thomas reconheceu seus passos ao fundo do corredor, todo seu rosto se iluminou. Para ele, as terças-feiras e as sextas-feiras eram dias sem sombra de tristeza. Zofia lhe acariciou uma bochecha, sentou-se no bordo da cama, depositou um beijo em sua mão e soprou para ele para enviar-lhe era um gesto de cumplicidade entre ambos). Logo reatou a leitura a partir da página dobrada. Ninguém podia tocar o livro que ela guardava na gaveta da mesinha de noite ao final de todas suas visitas. Thomas o vigiava como se tratasse de um tesouro. Nem sequer ele se permitia ler uma só palavra em sua ausência. O menino de cabeça calva conhecia melhor que ninguém o valor do instante mágico. Tão somente Zofia podia lhe contar esse conto. Ninguém confiscaria um minuto das histórias fantásticas do coelho

Teodoro. Ela, com sua entonação, fazia que cada linha fora preciosa. de vez em quando, levantava-se e percorria a habitação de um lado a outro; cada uma de suas pernas, que acompanhava com amplos movimentos de braços e gestos da cara, provocava imediatamente a risada incontenível do menino. Durante a maravilhosa hora em que os personagens se materializavam em sua habitação, a vida reconquistava seus direitos. Inclusive quando abria os olhos, Thomas esquecia as paredes, seu medo e a dor.

Zofia fechou o livro, guardou-o em seu sítio e olhou ao Thomas, que tinha o sobrececho franzido.

—Há-te posto sério de repente?

—Não —respondeu o menino.

—Há algo no conto que não tenha entendido?

—Sim.

—O que? —perguntou ela, tomando o da mão.

—por que me conta isso?

Zofia não encontrou as palavras adequadas para formular sua resposta e Thomas sorriu.

—Eu sei —disse.

—Pois me diga isso

O menino se ruborizou.

—Porque me quer —murmurou, passando os dedos sobre o lençol de algodão.

As bochechas da Zofia se tingiram também de vermelho.

—Tem razão, era justo essa a palavra que procurava —disse em voz baixa.

—por que os adultos não dizem sempre a verdade?

—Porque às vezes lhes dá medo, acredito.

—Mas você não é como eles, a que não?

—Digamos que o tento, Thomas.

Zofia lhe levantou o queixo ao menino e o beijou. O se tornou em seus braços e a estreitou com força. Depois desta carinhosa despedida, Zofia se dirigiu para a porta, mas Thomas a chamou.

—vou morrer me?

Thomas a olhava fixamente. Zofia escrutinou longamente o profundo olhar do menino.

—Talvez.

—Se você estiver aqui, não, assim até na sexta-feira —disse o menino.

—Até na sexta-feira —respondeu Zofia, soprando para lhe enviar o beijo depositado na palma de sua mão.

Tomou o caminho dos moles para ir controlar o bom desenvolvimento da descarga de um navio. aproximou-se de uma pilha de bastidores de carga; um detalhe tinha atraído sua atenção. ajoelhou-se para olhar o ato sanitário que garantia a manutenção da cadeia de frio. O indicador se enegreceu. Zofia empunhou imediatamente o walkie-talkie e procurou o quinto canal. O escritório de serviços sanitários não respondeu a sua chamada. O caminhão refrigerado que esperava junto ao casco de navio não demoraria para levar a mercadoria em mal estado aos numerosos restaurantes da cidade. Tinha que encontrar uma solução quanto antes. Trocou ao terceiro canal.

—Maneta, sou Zofia, onde está?

O aparelho crepitou.

—Na atalaia —disse Maneta—, e faz um tempo esplêndido, se por acaso tem alguma dúvida a respeito. Quase posso ver a costa a China!

—O *Basco de Gama* está descarregando, pode reunir-se comigo em seguida?

—Há algum problema?

—Preferiria falar do assunto aqui —respondeu antes de cortar a comunicação.

Esperou a Maneta ao pé da grua que transportava as caixas do navio até terra firme. Este chegou uns minutos depois, ao volante de um Fenwick.

—Bem, o que posso fazer por você? —perguntou Maneta.

—Dessa grua penduram dez caixas de camarões-rosa incomedíveis.

—E?

—Os do serviço sanitário não estão aqui, como pode ver, e não consigo localizá-los.

—Eu tenho dois cães e um hamster em casa, e mesmo assim não sou veterinário. vamos ver, o que sabe você de crustáceos?

Zofia lhe mostrou o indicador.

—Os camarões-rosa não têm segredos para mim! Se não nos ocuparmos disto, não vai ser nada aconselhável ir esta noite a um restaurante...

—Sim, vale, mas o que quer que eu faça, além de me comer um bife em casa?

—Nem para os meninos comer amanhã no colégio...

Não era uma frase inocente. Maneta não suportava que lhe tocasse um cabelo a nenhum menino; para ele, os meninos eram sagrados. Olhou-a uns instantes esfregando-a queixo.

—Está bem, de acordo! —disse, apoderando do emissor da Zofia.

Trocou a frequência para estabelecer contato com o homem que dirigia a grua.

—Samy, te coloque sobre o mar!

—É você, Maneta? Vou carregado com trezentos quilogramas. Pode esperar?

—Não!

A pluma girou pouco a pouco, arrastando a carga em um lento balanço, e se deteve sobre a água.

—Bem! —disse Maneta—. Agora vou passar te a oficial de segurança, que acaba de descobrir um grande defeito em sua estiva. vai ordenar te que a solte imediatamente para que não corra nenhum perigo, e você a obedecerá à mesma velocidade porque seu ofício é fazer este tipo de coisas.

Tendeu a Zofia o aparelho sorrindo de orelha a orelha. Zofia vacilou e pigarreou antes de transmitir a ordem. ouviu-se um ruído seco e o gancho se abriu. A carga de crustáceos se afundou nas águas do porto. Maneta voltou a montar no Fenwick. Ao arrancar, esqueceu que tinha posto a marcha atrás e derrubou as caixas que havia no chão. deteve-se a altura da Zofia.

—Se esta noite os peixes ficarem doentes, é coisa dela, eu não quero saber nada do assunto. E dos papéis do seguro tampouco!

Ato seguido, o trator avançou sobre o asfalto sem fazer ruído.

A tarde tocava a seu fim. Zofia cruzou a cidade; a padaria onde faziam os mostachones preferidos do Mathilde estava no extremo norte do Richmond com a rua Quarenta e cinco. Aproveitou a ocasião para fazer algumas compra.

Zofia chegou a casa uma hora mais tarde, carregada, e subiu ao primeiro piso. Empurrou a porta com um pé; logo que via o que tinha diante e passou diretamente detrás da barra da cozinha. Soprou ao deixar as bolsas de papel marrom sobre a encimera de madeira e levantou a cabeça: Reina e Mathilde a olhavam com uma expressão mais que estranha.

—Posso saber do que lhes riem? —perguntou Zofia.

—Não nos rimos! —repôs Mathilde.

—Ainda não..., mas vendo suas caras, arrumado o que seja a que não ides demorar.

—Mandaram-lhe flores! —sussurrou Reina com os lábios apertados.

Zofia olhou primeiro a uma e logo à outra.

—Reina as pôs no quarto de banho —disse Mathilde.

—por que no quarto de banho? —perguntou Zofia, receosa.

—Pela umidade, suponho! —respondeu Mathilde, risonha.

Zofia apartou a cortina da ducha e ouviu reina acrescentar:

—Essa classe de vegetal necessita muita água!

fez-se o silêncio nas duas estadias. Quando Zofia perguntou quem tinha tido a delicadeza de lhe enviar um nenúfar, no salão estalou a risada de Rainha, a que não demorou para seguir a do Mathilde. Reina pôde contê-lo suficiente para dizer que sobre o lavabo havia um cartão. Zofia, dúvida, abriu o sobre: «Sentindo-o muito, um irritante compromisso profissional me obriga a postergar nosso jantar. Espero-a às sete e meia no bar do embarcadero Hyatt para lhe pedir perdão e tomar o aperitivo. Não falte, sua companhia me resulta indispensável».

A nota estava assinada pelo Lucas. Zofia a enrugou e a atirou ao cesto de papéis. Logo retornou ao salão.

—Bom, quem é? —perguntou Mathilde, secando-os olhos.

Zofia se aproximou do armário e o abriu energicamente. ficou um cárdigan, recolheu as chaves da mesita da entrada e, antes de sair, voltou-se para lhes dizer a Reina e ao Mathilde que estava encantada de que se conheceram. Sobre a barra havia ingredientes para preparar um jantar. Ela tinha trabalho e voltaria tarde. Fez uma reverência forçada e desapareceu. Mathilde e Rainha ouviram subir um glacial «boa noite» pelo oco da escada justo antes de que a porta de entrada se fechasse. O ruído do motor do Ford se desvaneceu uns segundos mais tarde. Mathilde olhou a Reina sem ocultar o amplo sorriso na comissura dos lábios.

—Acredita que está molesta?

—lhe mandaram alguma vez um nenúfar?

Reina se enxugou a extremidade do olho.

Zofia conduzia com brutalidade. Acendeu a rádio e resmungou:

—Mas bom, tomou-me por uma rã ou o que?

No cruzamento da Terceira Avenida, deu um volantazo ao tempo que tocava improvisadamente a buzina. diante de seu pára-brisa, um pedestre assinalou com um gesto grosseiro que ainda tinha o semáforo em vermelho. Zofia apareceu a cabeça pelo guichê e lhe gritou:

—Sinto muito! Os batráquios são daltônicos!

Conduziu depressa em direção aos moles.

—Um irritante compromisso... —resmungou—. Mas quem se acredita que é?

Quando Zofia chegou ao mole 80, o vigilante saiu da guarita. Tinha uma mensagem de parte de Maneta: queria vê-la urgentemente. Ela olhou o relógio e se dirigiu ao despacho dos capatazes. Ao entrar, compreendeu em seguida pela cara de Maneta que tinha havido um acidente; este lhe confirmou que um carregador chamado Gómez se cansado. A causa da queda era, provavelmente, uma escala defeituosa. A carga solta que havia na baía logo que tinha amortecido o golpe; o homem tinha sido trasladado ao hospital em um estado lamentável. As causas do acidente tinham provocado a cólera de seus companheiros. Zofia não estava de serviço no momento da desgraça, mas isso não fazia que se sentisse menos responsável. Desde que se tinha produzido a tragédia, a tensão não tinha cessado de aumentar, e entre os moles 96 e 80 já circulavam rumores de greve. Para acalmar os ânimos, Maneta tinha prometido que faria imobilizar o navio no mole. Se a investigação confirmava as suspeitas, o sindicato se personaria como acusação particular contra o armador. Enquanto isso, para debater a pertinência de uma greve, Maneta tinha convidado para jantar essa noite aos três chefes de seção da União de Carregadores. Com semblante grave, Maneta escreveu a direção do restaurante em um pedaço de papel que arrancou do bloco de papel de notas.

—Estaria bem que viesse. Fiz a reserva para as nove.

Tendeu- o papel a Zofia e esta se despediu dele.

O vento frio que soprava nos moles lhe açoitava as bochechas. encheu-se os pulmões de ar gelado e o soltou lentamente. Uma gaivota se posou sobre uma amarra que chiava ao estirar-se. O pássaro inclinou a cabeça e cravou os olhos na Zofia.

—É você, Gabriel? —perguntou ela com voz tímida.

A gaivota levantou o vô proferindo um forte grasnido.

—Não, não foi você...

Enquanto caminhava junto à água, experimentou uma sensação que não conhecia, como se um véu de tristeza se mesclasse com o rocío.

—Algum problema?

A voz do Jules a sobressaltou.

—Não o tinha ouvido chegar.

—Eu sim que te ouvi ti —disse o homem, aproximando-se dela—. O que faz aqui a estas horas? Já não está de serviço.

—vim a meditar sobre um dia que foi que mal em pior.

—Não confie nas aparências, já sabe que revistam ser enganosas.

Zofia se encolheu de ombros e se sentou no primeiro degrau da escada de pedra que descendia para a água. Jules se instalou a seu lado.

—Dói-lhe a perna? —perguntou a jovem.

—te esqueça de minha perna, faz o favor! A ver, o que é o que vai mal?

—Acredito que estou cansada.

—Você nunca está cansada... Escuto-te.

—Não sei o que me passa, Jules..., sinto-me..., não sei, um pouco farta...

—Acabássemos!

—por que diz isso?

—Por nada, por dizer algo. E qual é a causa desta repentina «depre»?

—Não tenho nem idéia.

—Sim, um nunca nota como balança essa sensação. apresenta-se de repente e um bom dia, não se sabe como, desaparece.

Jules tentou levantar-se. Zofia lhe tendeu a mão para ajudá-lo a que se apoiasse nela. Ele gemeu ao incorporar-se.

—São sete e quinze..., acredito que deve ir.

—por que diz isso?

—Pára de repetir a mesma pergunta! Digamos que porque é tarde. boa noite, Zofia.

Jules se afastou sem coxear. antes de meter-se sob seu arco, voltou-se e lhe perguntou:

—Seu «depre» tem o cabelo loiro ou moreno?

A seguir desapareceu na penumbra, deixando-a só no estacionamento.

O primeiro intento de pôr em marcha o Ford não deixava lugar para a esperança: os faróis logo que iluminaram a proa do navio. O arranque fez mais ou menos o mesmo ruído que se alguém tivesse removido um purê de batata com a mão. Zofia saiu, fechou de uma portada e se encaminhou para a guarita.

—Merda! —exclamou, subindo o pescoço da jaqueta.

Um quarto de hora mais tarde, um táxi a deixou ao pé do embarcadero Center. Zofia subiu correndo a escada rolante que desembocava no grande pátio do complexo hoteleiro. Ali montou no elevador que subia de um puxão até o último piso.

O bar panorâmico girava lentamente sobre um eixo. Em meia hora se podiam admirar a ilha de Alcatraz ao este, a ponte Bay ao sul e os bairros financeiros e suas torres magistrais ao oeste. O olhar da Zofia teria apreciado também o majestoso Golden Gate, que unia as verdes terras do Presídio aos escarpados atapetados de hortelã que caíam em vertical sobre o Sausalito..., se tivesse estado sentada frente à cristaleira, mas Lucas tinha ocupado o sítio bom.

Fechou a carta de coquetéis e chamou o garçom com um estalo de dedos. Zofia agachou a cabeça. Lucas cuspiu em sua mão o osso que estava chupando meticulosamente com a língua.

—Os preços aqui são demenciais, mas devo reconhecer que a vista é excepcional —disse, metendo-se na boca outra azeitona.

—Sim, tem razão, a vista é bastante bonita —disse Zofia—. Acredito que até posso intuir um pedaço do Golden Gate no trocito de espelho que tenho em frente. A não ser que seja o reflexo da porta dos lavabos, que também é vermelha.

Lucas tirou a língua e entortou os olhos ao tratar de olhar a ponta, tomou o osso limpo, deixou-o na terrina e concluiu:

—De todas as formas, está escuro, não?

Com mão trêmula, o garçom deixou sobre a mesa um Dry Martini e dois coquetéis de caranguejo e se afastou a passo vivo.

—Não lhe parece que está um pouco tenso? —perguntou Zofia.

Lucas tinha tido que esperar dez minutos para sentar-se a essa mesa e tinha repreendido ao garçom.

—Com estes preços se pode ser exigente, me crie!

—Deduzo que tem você um cartão de crédito platino —lhe soltou Zofia sem mais.

—É obvio! Como sabe? —perguntou Lucas, surpreso e encantado de uma vez.

—Porque revistam voltar arrogante... me crie: as contas e o salário dos empregados não se medem com a mesma rasoura.

—É uma maneira de vê-lo —disse Lucas, mastigando a enésima azeitona.

depois disso, quando pediu umas amêndoas..., outra taça..., um guardanapo limpa..., esforçou-se em resmungar um obrigado que parecia realmente lhe queimar a garganta. Zofia manifestou sua preocupação pelo problema que tinha e ele rompeu a rir escandalosamente. Tudo ia sobre rodas e se alegrava muitíssimo de havê-la conhecido. Dezesete azeitonas mais tarde, pagou a conta sem deixar gorjeta. Ao sair do local, Zofia pôs discretamente um bilhete de cinco dólares na mão do botões que tinha ido procurar o carro do Lucas.

—Levo-a? —disse Lucas.

—Não, obrigado, tomarei um táxi.

Com um gesto amplo, Lucas abriu a portinhola do lado do passageiro.

—Subida, levo-a.

O conversível circulava depressa. Lucas fez rugir o motor e introduziu um disco compacto no leitor do salpicadero. Com um amplo sorriso nos lábios, tirou um cartão de crédito platino do bolso e a agitou entre o índice e o polegar.

—Reconhecerá que não só têm defeitos!

Zofia o observou uns segundos. À velocidade do raio, tirou-lhe o pedaço de plástico prateado dos dedos e o arrojou por cima da porta.

—Ao parecer, até lhe fazem uma nova em vinte e quatro horas!

O carro freou bruscamente com um chiado de pneumáticos e Lucas pôs-se a rir.

—Em uma mulher, o senso de humor é irresistível!

Quando o carro se deteve diante da parada de táxis, Zofia fez girar a chave de contato para deter o ruído ensurdecador do motor. Baixou e fechou com delicadeza a portinhola.

—Está segura de que não quer que a acompanhe a sua casa? —perguntou Lucas.

—O agradeço, mas fiquei. O que sim queria é lhe pedir um pequeno favor.

—Dê-o por feito.

Zofia se inclinou sobre o guichê do Lucas.

—Poderia esperar até que tenha girado a esquina para voltar a pôr em marcha seu supercortadora de grama?

Retrocedeu um passo e ele a agarrou pela boneca.

—passei um momento delicioso —disse.

Rogou-lhe que aceitasse jantar com ele outro dia. Os primeiros encontros sempre lhe resultavam difíceis e incômodos porque era tímido. Devia lhe dar uma oportunidade para conhecê-lo melhor. A Zofia a deixou perplexa sua definição do acanhamento.

—Não se pode julgar às pessoas apoiando-se na primeira impressão, verdade?

Havia um pingo de encanto no tom que tinha adotado. Ela aceitou uma comida, nada mais. Depois girou sobre seus talões e se dirigiu para o táxi que estava ao princípio da parada. O V12 do Lucas já rugia a suas costas.

O táxi se deteve junto à calçada. Os sinos do Grace Cathedral acabaram de dar as nove. Zofia entrou no Simbad; tinha chegado à hora em ponto. Fechou a carta, a devolveu à garçonne e bebeu um sorvo de água, decidida a abordar diretamente a medula da questão que a tinha levado a aquela mesa. Devia convencer aos chefes do sindicato de que freassem o movimento de protesto nos moles.

—Embora os apóiem, os carregadores não agüentarão mais de uma semana sem cobrar. Se cessar a atividade, os cargueiros amarrarão ao outro lado da baía. Será a morte dos moles —disse com voz firme.

Oakland, o vizinho porto rival, competia com eles por controlar a atividade mercantil. Outro bloqueio podia provocar a marcha das empresas de frete. A ambição dos promotores, que desde fazia dez anos tinham postos os olhos nos melhores terrenos da cidade, já estava suficientemente estimulada para que, além disso, fizessem da Caperucita Vermelha com aromas de greve em um cesto.

—aconteceu em Nova Iorque e em Baltimore e pode acontecer aqui —acrescentou, convencida da causa que defendia.

E se os portos mercantes fechavam suas portas, as conseqüências não só seriam desastrosas para a vida dos carregadores. Muito em breve, o fluxo incessante de caminhões que atravessavam diariamente as pontes terminaria de entupir os acessos da península. A gente teria que sair de sua casa ainda mais cedo para ir ao trabalho e voltaria ainda mais tarde. Não passariam nem seis meses antes de que muitos se resignassem a emigrar mais ao sul.

—Não lhe parece que leva as coisas muito longe? —perguntou um dos homens—. Só se trata de renegociar as primas de periculosidade! Além disso, eu acredito que nossos colegas do Oakland serão solidários.

—É o que chamam a teoria do bater de asas da mariposa —insistiu Zofia, rasgando uma parte da toalha de papel.

—O que pintam aqui as mariposas? —perguntou Maneta.

O homem com traje negro que estava jantando detrás deles se voltou para intervir em sua conversação. A Zofia lhe gelou o sangue nas veias ao ver que era Lucas.

—É um princípio geofísico segundo o qual o movimento das asas de uma mariposa na Ásia provoca um deslocamento de ar que pode converter-se em um ciclone que devaste as costas da Florida.

Os delegados sindicais, desconcertados, olharam-se em silêncio. Maneta molhou uma parte de pão na maionese e soprou antes de dizer:

—Postos a fazer o imbecil no Vietnam, deveríamos ter aproveitado para sulfatar as larvas. Pelo menos teríamos ido para algo!

Lucas saudou a Zofia e se voltou para a jornalista que estava entrevistando-o. O rosto da Zofia estava de cor amadurece. Um dos delegados lhe perguntou se era alérgica aos crustáceos, posto que não havia meio doido o prato. Zofia se sentia um pouco enjoada, justificou-se, lhes oferecendo compartilhar seu prato. Suplicou-lhes que refletissem antes de fazer algo irreparável e pediu desculpas por ir-se terminar o jantar; a verdade era que não se encontrava muito bem.

Todos se levantaram quando partiu. Ao passar junto à mesa do lado, inclinou-se para a garota e a olhou fixamente. Esta, surpreendida, retrocedeu instintivamente e esteve a ponto de cair para trás. Zofia lhe dedicou um sorriso forçado.

—Deve lhe gostar de você muito para que a tenha deixado sentar-se de cara ao exterior! Além disso, é loira! Desejo aos duas uma feliz velada... profissional.

dirigiu-se com decisão para o guarda-roupa. Lucas saiu atrás dela, reteve-a pelo braço e a obrigou a voltar-se.

—Que mosca lhe picou?

—Dá-me a impressão de que a palavra «profissional» não significa o mesmo para os dois.

—É jornalista!

—Sim, claro. Eu também: os domingos passado as notas de toda a semana a meu jornal íntimo.

—Mas Amy é jornalista de verdade!

—Já! E neste momento o governo parece muito ocupado comunicando-se com a Amy!

—Exato, e não fale tão forte, vai carregar se minha coberta.

—Sua coberta ou sua capa de revista? Por certo, lhe ofereça uma sobremesa. Vi na carta um por menos de seis dólares.

—Importar-lhe-ia baixar a voz? Eu gostaria de seguir passando de incógnito.

—Esta sim que é boa! dentro de muitos anos, quando for avó, poderei lhes contar a meus netos que uma noite tomei o aperitivo com o James Bond. Quando estiver aposentado, poderá levantar o segredo de Estado?

—Bom, já está bem! Por isso vi, você não estava jantando com três companheiras de colégio!

—É você um encanto, Lucas, um verdadeiro encanto, e seu acompanhante também. Tem uns rasgos deliciosos e um precioso pescoço de pássaro. É uma mulher com sorte! dentro de quarenta e oito horas receberá uma sublime jaula de vime trancado.

—Isso vai com segundas. O que acontece? Não lhe gostou do nenúfar?

—Justamente o contrário! Adulou-me muitíssimo que não me tenha mandado também um aquário! Vamos, corra, parece abatida! Para uma mulher, é terrível aborrecer-se na mesa de um homem. E me crie, sei do que falo.

Zofia deu meia volta e a porta do restaurante se fechou a suas costas. Lucas se encolheu de ombros, jogou uma olhada à mesa da que Zofia se levantou e se reuniu com seu acompanhante.

—Quem era? —perguntou a jornalista, que começava a impacientar-se.

—Uma amiga.

—Não é meu assunto, mas parecia algo menos isso.

—Em efeito, não é assunto dele.

Durante tudo o jantar, Lucas não parou de elogiar os méritos de seu chefe. Contou que, contra as idéias preconcebidas, era ao Ed Heurt a quem a companhia devia seu formidável auge. Sua legendária modéstia e um excesso de fidelidade para seu sócio tinham levado a vice-presidente a conformar-se sendo o número dois, pois para o Ed Heurt o único importante era a causa. Entretanto, a verdadeira cabeça pensante do binômio era ele e só ele. A jornalista teclava com agilidade em seu ordenador de bolso. Lucas lhe rogou hipocritamente que não mencionasse em seu artigo alguns comentários que lhe tinha feito de modo confidencial porque seus olhos azuis eram irresistíveis. inclinou-se para lhe servir veio e ela o convidou a que lhe contasse outros segretos de quarto, a título puramente amistoso, é obvio. Lucas se pôs-se a rir e respondeu que ainda não estava o bastante ébrio para isso. Ao tempo que subia um tirante do Top de seda, Amy perguntou o que poderia sumi-lo em um estado de embriaguez.

Zofia subiu nas pontas dos pés a escada de entrada. Era tarde, mas a porta de Rainha ainda estava entreaberta e Zofia a empurrou brandamente com um dedo. Não havia nenhum álbum sobre o tapete nem nenhuma terrina com partes de bolacha. A senhora Sheridan a esperava sentada na poltrona. Zofia entrou.

—Você gosta desse menino, verdade?

—Quem?

—Não te faça a parva, o do nenúfar, com o que saíste esta noite.

—Só tomamos uma taça. por que?

—Porque eu não gosto.

—Tranqüila, a mim tampouco. É odioso.

—O que eu dizia: você gosta.

—Que não! É vulgar, presunçoso, presunçoso.

—meu deus, já se apaixonou! —exclamou Reina, levantando os braços para o céu.

—De verdade que não! É um homem que não se sente a gosto consigo mesmo, e eu pensava que poderia ajudá-lo.

—Então é ainda pior do que acreditava! —disse Reina, levantando de novo os braços.

—Mas bom!

—Não fale tão forte, vais despertar ao Mathilde.

—De todas as formas, é você a que não pára de me dizer que preciso ter a alguém em minha vida.

—Isso, céu, é o que todas as mães judias dizem a seus filhos... enquanto são solteiros. O dia que lhes levam a alguém a casa, cantam a mesma canção mas com as palavras trocadas.

—Mas, Reina, você não é judia.

—E o que?

Reina se levantou e tirou a bandeja do aparador; abriu a caixa metálica e pôs umas bolachas na terrina prateada. Ordenou a Zofia que se comesse pelo menos uma, e sem pigarrear, já tinha sofrido bastante esperando-a toda a noite.

—Sente-se e conta-me o tudo —disse Reina, acomodando-se na poltrona.

Escutou a Zofia sem interrompê-la, tratando de compreender as intenções do homem que se cruzou várias vezes em seu caminho. Olhou a Zofia com olhos inquisitivos e só rompeu o silêncio que se impôs para lhe pedir que lhe acontecesse uma bolacha. Só tomava depois das comidas, mas a circunstância justificava a assimilação imediata de açúcares rápidos.

—descreva-me isso outra vez —disse Reina, depois de ter mordido a bolacha.

A Zofia resultava muito divertido o comportamento de sua caseira. Tendo em conta o tarde que era, teria podido pôr fim à conversação e retirar-se, mas o pretexto era perfeito para saborear esses instantes preciosos em que a carícia de uma voz resulta mais cativante que a de uma mão. Respondendo o mais sinceramente possível a sua interlocutora, surpreendeu-lhe não poder atribuir nenhuma só qualidade ao homem com o que tinha passado a velada, salvo possivelmente certo engenho no que parecia preponderar a lógica.

Reina deu umas tenras palmadas a Zofia no joelho.

—Este encontro não é fruto do azar. Está em perigo e nem sequer sabe.

A venerável mulher se precaveu de que Zofia não tinha captado a intenção de suas palavras. Se arrellanó na poltrona.

—Já o tem metido nas veias, e chegará até seu coração. Recolherá as emoções que cultivaste nele com tantas precauções e depois te alimentará de esperanças. A conquista amorosa é a mais egoísta das cruzadas.

—Reina, sério, acredito que se equivoca de médio ao meio.

—Não, é você quem está equivocada. Sei que toma por uma velha caduca, mas já verá como o que digo é certo. Cada dia, cada hora que passe, reafirmará-te em sua resistência, em sua maneira de te comportar, em seus regates, mas o desejo de sua presença será muito mais forte que uma droga. Assim não engane a ti mesma, é tudo o que te peço. Invadirá sua mente, e nada poderá te liberar da saudade. Nem a razão nem o tempo, que se terá convertido em seu pior inimigo. A mera idéia de voltar a vê-lo, tal como você imagina, fará-te vencer o mais terrível dos medos: o abandono... dele, de ti mesma. É a eleição mais delicada que nos impõe a vida.

—por que me diz tudo isto, Reina?

Reina contemplou na biblioteca o lombo de um de seus álbuns. Umas linhas de nostalgia acabavam de escrever-se em seus olhos.

—Porque tenho a vida a minhas costas. Das duas uma: não faça nada ou faz-o tudo. Sem armadilhas, sem falsas desculpas e, sobre tudo, sem compromissos.

Zofia entrelaçava as franjas do tapete entre seus dedos. Reina lhe dirigiu um olhar de ternura e lhe acariciou o cabelo.

—Bom, não ponha essa cara, parece ser que de vez em quando as histórias de amor acabam bem. Venha, já está bem de palavras debulhadas, não me atrevo nem a olhar o relógio.

Zofia fechou devagar a porta e subiu a suas habitações. Mathilde dormia como uma bendita.

Os duas margaridas se chocaram com um tinido de cristal. Arrellanado no sofá de sua suíte, Lucas presumiu de preparar esse coquetel como ninguém. Amy se levou a taça aos lábios e assentiu com o olhar. Com uma voz terrivelmente acariciadora, ele confessou estar ciumento dos grãos de sal que tinham invadido sua boca. Ela os fez ranger entre os dentes e brincou com a língua; a do Lucas se deslizou sobre os lábios da Amy antes de entrar mais, muito mais.

Zofia não acendeu a luz. Atravessou a habitação em penumbra para aproximar-se da janela e abri-la com cuidado. sentou-se no batente e contemplou o mar que lambia a costa. encheu-se os pulmões do rocio que a brisa oceânica pulverizava pela cidade e olhou o céu, pensativa. Não havia estrelas.

E entardeceu e amanheceu...

Terceiro dia

Tentou tampar-se com a colcha, mas sua mão a buscou em vão. Abriu um olho e se esfregou a incipiente barba. Lucas percebeu seu próprio fôlego e se disse que o tabaco e o álcool faziam muito mau casal. A tela do radio despertador indicava as seis e vinte e um. A

seu lado só havia um travesseiro afundado. levantou-se e se dirigiu completamente nu ao saloncito. Amy, enrolada na colcha, estava comendo uma maçã que tinha tirado do fruteiro.

—Despertei-te? —perguntou.

—Indiretamente, sim. Há café?

—Tomei-me a liberdade de pedi-lo ao serviço de habitações. Dou-me uma ducha e me comprido.

—Se não te importa —disse Lucas—, preferiria que tomasse banho em sua casa. Vou com muito atraso.

Amy ficou atalho. Imediatamente foi ao dormitório e recolheu suas coisas. vestiu-se apressadamente, ficou as sandálias e pelo pequeno corredor foi para a saída. Lucas apareceu a cabeça pela porta do quarto de banho.

—Não toma café?

—Não, tomarei também em minha casa. Muito obrigado pela maçã.

—De nada. Quer outra?

—Não, não faz falta. Encantada, e que passe um bom dia.

Tirou a cadeia de segurança e empurrou o ponteiro de relógio. Lucas lhe aproximou.

—Posso te fazer uma pergunta?

—Adiante.

—Quais são suas flores preferidas?

—Lucas, tem muito prazer, mas essencialmente do mau. Tem umas mãos muito hábeis e realmente passei uma noite de morte contigo, mas deixemos as coisas aí.

Ao sair se topou de cara com o garçom que levava a bandeja com o café da manhã. Lucas olhou a Amy.

—Está segura de que não quer café, agora que já está aqui?

—Muito seguro.

—Não seja má e me diga o das flores.

Amy respirou fundo, visivelmente exasperada.

—Essas coisas não se perguntam à interessada, fazê-lo rompe todo o encanto. A sua idade, deveria sabê-lo.

—Pois claro que sei —repôs Lucas em um tom de menino carrancudo—, mas a interessada não é você.

Amy girou sobre seus talões e esteve a ponto de fazer cair ao garçom, que seguia esperando à entrada da suíte. Os dois homens, imóveis, ouviram a voz da Amy gritar do fundo do corredor:

—Os cacto! E pode te sentar em cima!

Seguiram-na com o olhar em silêncio. Soou uma campainha: tinha chegado o elevador. antes de que as comporta se fechassem, Amy acrescentou:

—Um último detalhe, Lucas! Vai nu!

—Não pegaste olho em toda a noite.

—Sempre durmo muito pouco.

—Zofia, o que se preocupa?

—Nada!

—Uma amiga percebe o que a outra não diz.

—Tenho muitíssimo trabalho, Mathilde, não sei nem por onde começar. Temo estar transbordada, não ser capaz de estar à altura do que se espera de mim.

—É a primeira vez que te vejo duvidar.

—Será que estamos nos convindo em verdadeiras amigas.

Zofia se aproximou do rincão da cozinha. Passou ao outro lado da barra e encheu de água o hervidor elétrico. Desde sua cama, instalada no salão, Mathilde podia ver sair o sol pela baía sob uma ligeira garoa matinal.

—Odeio outubro —disse Mathilde.

—O que te tem feito?

—É o mês que enterra o verão. Em outono, tudo é mesquinho: os dias se cortam, o sol nunca sai quando lhe espera, o frio demora para chegar, olhamos os jérseis sem nos poder pôr isso ainda. O outono é um asco de estação preguiçosa em que só há umidade, chuva e mais chuva.

—E se supõe que sou eu a que dormiu mal!

O hervidor começou a agitar-se. Um clique interrompeu o ferver da água. Zofia levantou a cobertura de um bote metálico, tirou uma bolsa do Earl Grey, verteu o líquido fumegante em uma grande taça e deixou o chá em infusão. Dispôs o café da manhã do Mathilde em uma bandeja, recolheu o periódico que Reina tinha passado por debaixo da porta, como todas as manhãs, e o levou. Ajudou a seu amiga a incorporar-se, arrumou-lhe os travesseiros e se foi ao dormitório. Mathilde abriu a janela de guilhotina. A umidade outonal lhe filtrou nos ossos, lhe provocando uma dor aguda na perna que a fez gemer.

—Ontem à noite voltei a ver o homem do nenúfar! —gritou Zofia desde o quarto de banho.

—Têm-lhes feito inseparáveis! —respondeu Mathilde, gritando igual de forte.

—O que vai! Estava jantando no mesmo restaurante que eu.

—Com quem?

—Com uma loira.

—De que tipo?

—Loira.

—E que mais?

—Do tipo «me persiga, não te custará me apanhar, levo saltos».

—Falou com ele?

—Logo que cruzamos umas palavras. Disse-me que a garota era jornalista e estava lhe fazendo uma entrevista.

Zofia se meteu na ducha. Abriu os chirriantes grifos e propinó um golpe seco à chave. As tuberías emitiram uma série de ruídos antes de que a água comesse a escorregar sobre sua cara e seu corpo. Mathilde abriu o *São Francisco Chronicle* e uma foto atraiu sua atenção.

—Não te mentiu! —disse.

Zofia, que tinha o cabelo abundantemente ensaboado, abriu os olhos. Com o dorso da mão tentou apartar o sabão que lhe produzia picor, mas obteve o efeito contrário.

—Embora seja mas bem castanha... —acrescentou Mathilde—, e não está nada mal.

O ruído da ducha parou e Zofia apareceu imediatamente no salão. Uma toalha a cobria da cintura para baixo e levava espuma no cabelo.

—Como diz?

Mathilde contemplou a seu amiga.

—Tem uns peitos preciosos! eu adoraria os ter tão firmes como você.

Zofia os tampou com os braços.

—O que há dito antes?

—O que provavelmente te tem feito sair da ducha sem te enxugar —disse, agitando o periódico.

—Como pode haver-se publicado já o artigo?

—Aparelhos digitais e internet. Concede uma entrevista, umas horas mais tarde aparece na primeira página do periódico e ao dia seguinte serve para envolver o pescado.

Zofia tratou de arrebatá-lo ao Mathilde, mas esta o impediu.

—Não o toque! Está molhada.

Mathilde ficou a ler em voz alta as primeiras linhas do artigo, publicado a duas colunas, que levava por título A VERDADEIRA ASCENSÃO DO GRUPO A&H, um autêntico panegírico do Ed Heurt no que a jornalista elogiava em trinta linhas a carreira de quem indiscutivelmente tinha contribuído ao formidável auge econômico da região. O texto terminava dizendo que a pequena sociedade dos anos cinqüenta, convertida em um gigantesco grupo, na atualidade repousava totalmente sobre seus ombros.

Zofia conseguiu apoderar do jornal e acabou de ler a crônica encabeçada por uma pequena foto em cor e assinada pela Amy Steven. Logo o dobrou sem poder reprimir um sorriso.

—É loira —disse.

—ides voltar a lhes ver?

—aceitei comer com ele.

—Quando?

—na terça-feira.

—A que hora?

Lucas passaria a procurá-la por volta das doze, respondeu Zofia. Mathilde assinalou então com o dedo a porta do quarto de banho, meneando a cabeça.

—Ou seja, dentro de duas horas.

—Estamos a terça-feira? —perguntou Zofia, recolhendo apressadamente suas coisas.

—Isso é o que põe no periódico.

Zofia saiu da habitação uns minutos mais tarde. Levava uns jeans e um pulôver de malha grossa, e se apresentou diante de seu amiga procurando, sem confessá-lo, um completo. Mathilde lhe jogou uma olhada e voltou a inundar-se na leitura.

—Que enguiço? Não fazem jogo as cores? São os jeans, não? —perguntou Zofia.

—Falaremos disso quando te tiver enxugado o cabelo —disse Mathilde, folheando as páginas da programação televisiva.

Zofia se olhou no espelho pendurado sobre a chaminé. tirou-se a roupa e voltou a entrar, com a cabeça encurvada, no quarto de banho.

—É a primeira vez que te vejo preocupada com como vai vestida... Tenta me dizer que você não gosta, que não é seu tipo, que é muito «grave»... Só para ver como o diz... —acrescentou Mathilde.

Uns suaves golpes na porta precederam a entrada de Rainha. Ia carregada com um cesto de verduras e uma caixa de cartão com um laço que delatava seu doce contido.

—Parece que o tempo está hoje muito indeciso —disse, colocando as massas em um prato.

—Parece que não é o único —respondeu Mathilde.

Reina se voltou quando Zofia saiu do quarto de banho, esta vez com o cabelo muito cavado. Terminou de grampeá-los calças e se atou os cordões das sapatilhas de esporte.

—vais sair? —perguntou Reina.

—fiquei para comer —respondeu Zofia, lhe dando um beijo na bochecha.

—Eu farei companhia ao Mathilde, se me aceitar. E embora se aborreça comigo, também, porque eu me aborreço ainda mais que ela sozinha aí abaixo.

Na rua soaram vários toques de buzina. Mathilde apareceu à janela.

—É terça-feira, confirmado —disse.

—É ele? —perguntou Zofia sem aproximar-se da janela.

—Não, é Federal Express! Agora entregam os pacotes no Porsche conversível. Desde que recrutaram ao Tom Hanks, não se arredam ante nada.

O timbre soou duas vezes. Zofia beijou a Reina e ao Mathilde, saiu da habitação e baixou depressa a escada.

Lucas, sentado ante o volante, tirou-se os óculos de sol e lhe dedicou um generoso sorriso. Assim que Zofia fechou sua porta, o conversível se lançou para as colinas do Pacific Heights. O carro entrou em Presídio Park, atravessou-o e tomou a estrada que conduzia ao Golden Gate. Ao outro lado da baía, as colinas de Tubarão emergiam com dificuldade da bruma.

—vou levar a comer à borda do mar! —gritou Lucas—. Os melhores caranguejos da região! Gosta dos caranguejos, verdade?

Zofia, por educação, assentiu. A vantagem de não precisar alimentar-se é que alguém pode escolher sem nenhuma dificuldade o que não vai comer.

Soprava um ar quente, o asfalto desfilava em um risco contínuo sob as rodas do carro e a música que soava pela rádio era deliciosa. O instante presente o tinha tudo para ser um momento de felicidade que só terei que compartilhar. O carro saiu da estrada principal para entrar em uma menor, com curvas, que conduzia até o porto pesqueiro do Sausalito. Lucas estacionou no estacionamento que havia frente ao espigón. Rodeou o veículo e abriu a porta a Zofia.

—Se tiver a bondade de me acompanhar...

Tendeu-lhe o braço e a ajudou a baixar. Caminharam pela calçada que bordeaba o mar. Ao outro lado da rua, um magnífico golden retriever com a pelagem de cor areia levava da correia a seu amo. Ao passar a sua altura, o homem olhou a Zofia e se deu de narizes contra uma luz.

Ela fez gesto de cruzar para ajudá-lo, mas Lucas a reteve pelo braço: esse tipo de cão estava especializado em salvamentos. Arrastou-a até o interior do estabelecimento. A garçonete os acompanhou a uma mesa da terraço e anotou dois menus. Lucas convidou a Zofia a sentar-se na cadeira que ficava de cara ao mar e pediu um vinho branco de agulha. Ela separou um trocito de pão para tornar-lhe a uma gaivota que a olhava do corrimão. O pássaro apanhou o pão ao vôo, pôs-se a voar e cruzou a baía com um amplo bater de asas.

A uns quilômetros dali, na outra borda, Jules percorria os moles. aproximou-se do bordo da água e lhe deu uma patada a uma pedra, que ricocheteou sete vezes antes de afundar-se. meteu-se as mãos nos bolsos de sua velha calça de tweed e olhou a linha da borda oposta, que se recortava na água. Tinha uma expressão tão turva como o mar, e seu estado de ânimo estava igual de agitado. O carro do inspetor Pilguez, que subia do Fisher's Deli para a cidade com a sereia posta, tirou-o de suas reflexões. Uma rixa tinha acabado em

um grave distúrbio no Chinatown e estavam chamando a todas as unidades para que acudissem como reforço. Jules franziu o sobrecenho e retornou resmungando sob seu arco. Sentado sobre uma caixa de madeira, refletiu: algo o contrariava. Uma folha de periódico transportada pelo vento se posou sobre um atoleiro, justo diante dele. empapou-se de água e, pouco a pouco, apareceu a foto do Lucas reproduzida no reverso. Ao Jules não gostou de nada o calafrio que acabava de lhe percorrer as costas.

A garçonete deixou na mesa uma marmita fumegante da que se sobressaíam pinzas de caranguejo. Lucas serve a Zofia e jogou uma olhada aos babadores que acompanhavam o lavafrutas. Ofereceu-lhe um, mas ela o rechaçou. Lucas também renunciou a atar-se um ao redor do pescoço.

—Tenho que reconhecer que não é um complemento que sente muito bem. Não come? —perguntou.

—Não, acredito que não.

—É vegetariana!

—A idéia de comer animais sempre me resultou um pouco estranha.

—Forma parte da ordem das coisas, não tem nada de estranho.

—um pouco sim!

—Todas as criaturas da Terra se comem a outras para sobreviver.

—Sim, mas a mim os caranguejos não têm feito nada. Sinto-o —disse, apartando o prato, que claramente lhe repugnava.

—Está equivocada. Assim é como a natureza quer que seja. Se as aranhas não se alimentassem de insetos, os insetos nos comeriam .

—Exato, e os caranguejos são como aranhas grandes, assim terá que deixá-los tranquilos.

Lucas se voltou e chamou à garçonete. Pediu a carta de sobremesas e indicou, muito cortesmente, que tinham terminado.

—Não pretendo impedir de comer a você —disse Zofia, ficando tinta.

—Fez que me solidarize com a causa do crustáceo!

Lucas abriu a carta e assinalou com o dedo um bolo de chocolate.

—Com isto acredito que só nos faremos mal a nós mesmos. Deve ter mil calorias como mínimo!

Zofia, desejosa de pôr a prova o acertado de sua intuição sobre os Anjos Verificadores, interrogou sobre suas verdadeiras funções ao Lucas, que evitou responder. Havia outros assuntos mais interessantes que gostava de compartilhar com ela; para começar, que fazia além de velar pela segurança do porto mercante. A que dedicava seu tempo livre? A expressão «tempo livre», disse ela, resultava-lhe desconhecida. Além das horas que passava nos moles, trabalhava em várias associações, ensinava no instituto para pessoas com transtornos de visão e se ocupava de anciões e meninos hospitalizados. Gostava de sua companhia, algo mágico os unia. Os meninos e os anciões viam o que muitos homens ignoravam: o tempo perdido sendo adultos. Para ela, as rugas da velhice formavam a escritura mais bela da vida, aquela em que os meninos aprendiam a ler seus sonhos.

Lucas a olhou, fascinado.

—De verdade faz todo isso?

—Sim.

—Mas por que?

Zofia não respondeu. Lucas bebeu o último sorvo de café simulando aprumo e pediu outro. Tomou com toda a calma do mundo, sem lhe importar se esfriava nem se o céu cinza se obscurecia ainda mais. Tivesse querido que aquela conversação não se acabasse, pelo menos ainda não. Propôs a Zofia dar um passeio pela borda do mar. Ela subiu o pescoço do pulôver e se levantou. Deu-lhe as obrigado pelo bolo; era a primeira vez que provava o chocolate e tinha descoberto que tinha um sabor incrível. Lucas lhe disse que estava convencido de que se burlava dele, mas, pela expressão alegre que lhe dirigiu a jovem, soube que não lhe mentia. Outra coisa o desconcertou ainda mais; nesse preciso instante, Lucas leu algo incrível no fundo dos olhos da Zofia: não mentia nunca. Pela primeira vez, assaltou-o a dúvida e ficou boquiaberto.

—Lucas, não sei o que hei dito, mas, como não haja nenhuma aranha, corre um grande perigo.

—Perdão...

—Se seguir com a boca assim de aberta, acabará por comer uma mosca.

—Não tem frio? —disse Lucas erguendo-se, mais rígido que um pau.

—Não, estou bem, mas se nos pomos em marcha estarei melhor.

A praia estava virtualmente deserta. Uma imensa gaivota parecia correr sobre a água tratando de elevar o vôo. Suas patas se separaram da água e arrancaram um pouco de espuma da crista das ondas. O pássaro jogou por fim a voar, descreveu com lentidão uma curva e se afastou indolentemente pelo raio de luz que atravessava a capa de nuvens. O bater de asas se fundiu com o chapealeto da água. Zofia se inclinou, lutando contra o vento que soprava em rajadas e levantava areia. Um ligeiro estremecimento lhe percorreu o corpo. Lucas se tirou a jaqueta para ficar a sobre os ombros. O ar carregado de rocio lhe açoitava as bochechas. Um imenso sorriso lhe iluminou o rosto, como uma última muralha à risada que a invadia, uma risada sem motivo, sem razão aparente.

—Do que ri? —perguntou Lucas, intrigado.

—Não tenho nem a menor idéia.

—Pois não pare, sinta-lhe de maravilha.

Começou a cair uma fina chuva que semeou a praia de pequenas crateras.

—Olhe —disse Zofia—, parece a Lua, verdade?

—Sim, um pouco.

—De repente se há posto triste.

—Eu gostaria que o tempo se detivesse.

Zofia baixou os olhos e pôs-se a andar.

Lucas se voltou de cara a ela e continuou caminhando de costas, adiantando-se aos passos da Zofia, que se divertia pondo meticulosamente os pés em cima de seus rastros.

—Não sei como dizer estas coisas —confessou com uma expressão infantil.

—Então, não diga nada.

O vento alvoroçou o cabelo da Zofia diante de sua cara e ela o retirou para trás. Uma fina mecha se enredou em suas largas pestanas.

—Posso? —disse ele, aproximando a mão.

—É curioso, parece haver-se voltado tímido de repente.

—Não me tinha dado conta.

—Pois siga assim..., sinta-lhe muito bem.

Lucas se aproximou da Zofia e a expressão de seus rostos trocou. Ela sentiu no peito algo que não possuía: «Um ínfimo batimento do coração que lhe retumbava até nas têmporas». Os dedos do Lucas tremiam delicadamente, retendo a promessa de uma carícia frágil que depositou na bochecha da Zofia.

—Já está —disse ele.

Um relâmpago rasgou o escuro céu; o trovão rugiu e uma pesada chuva começou a cair sobre eles.

—Eu gostaria de voltar a vê-la —disse Lucas.

—A mim também. Possivelmente em um ambiente um pouco mais seco, mas a mim também —respondeu Zofia.

Lucas lhe aconteceu um braço pelos ombros e a levou correndo para o restaurante. A terraço de madeira grafite de branco se ficou vazia. refugiaram-se sob o alpendre de telhas de piçarra e olharam juntos a água que saía pela canaleta. Sobre o corrimão, a gaivota gluttona os observava sem lhe importar o toró. Zofia se agachou e agarrou uma parte de pão molhado. Escorreu-o e o lançou ao longe. O animal se afastou por volta do mar com a boca enche.

—Como voltarei a vê-la? —perguntou Lucas.

—De que mundo vem?

Ele vacilou.

—Algo assim como o inferno!

Zofia vacilou também, olhou-o de marco em marco e sorriu.

—É o que revistam dizer os que viveram em Manhattan quando chegam aqui.

A tormenta se aproximava e já quase terei que gritar para ouvir-se. Zofia tomou ao Lucas da mão e lhe disse com doçura:

—Primeiro ficará em contato comigo. Perguntar-me-á que tal estou e, durante a conversação, propor-me-á que nos vejamos. Eu lhe responderei que tenho trabalho, que estou ocupada; então você sugerirá outro dia e eu lhe direi que esse vai de maravilha, porque precisamente acabarei de anular algo.

Outro relâmpago cruzou o céu, que se havia posto negro. Na praia, o vento soprava com força. Parecia o fim do mundo.

—Não acredita que deveríamos nos pôr mais a resguardo? —perguntou Zofia.

—Como vai? —disse Lucas por toda resposta.

—Bem. por que? —repôs ela, surpreendida.

—Porque me teria gostado de convidá-la a passar a tarde comigo..., mas não está livre, tem trabalho, está ocupada. O que lhe parece jantar esta noite?

Zofia sorriu. Ele desdobrou seu casaco para cobri-la e a conduziu assim até o carro. O mar enfurecido alagava a calçada deserta. Lucas rodeou o veículo com a Zofia. Custou-lhe abrir a portinhola devido aos embates do vento. O ruído ensurdecido da tormenta ficou amortecido uma vez que estiveram dentro e ficaram em caminho sob a intensa chuva. Lucas deixou a Zofia diante de uma garagem, tal como lhe tinha pedido. antes de despedir-se, consultou o relógio. Ela se aproximou de seu guichê.

—Tenho um jantar, mas tentarei anulá-la. Chamarei-o o móvel.

Ele sorriu e arrancou. Zofia o seguiu com o olhar até que o carro desapareceu no rio de veículos da avenida Vão Ness.

Foi pagar a recarga da bateria e os gastos de rebocar o carro. Quando entrou na Broadway, a tormenta tinha passado. O túnel desembocava diretamente no coração do bairro de prostitutas. Em um passo de zebra, viu um ladrão de carteira que se dispunha a equilibrar-se sobre sua vítima. Estacionou em dobro fila, desceu do Ford e correu para ele.

Abordou sem contemplações ao homem, que deu um passo atrás: sua atitude era ameaçadora.

— É uma má idéia —disse Zofia, assinalando com o dedo à mulher da maleta, que se afastava.

— É poli?

— Não é essa a questão!

— Então te esfume, gilipollas!

E pôs-se a correr a toda velocidade para sua presa. Enquanto se aproximava dela, torceu-se um tornozelo e caiu todo o comprido que era ao chão. A garota, que tinha montado em um Cabo-car, não se deu conta de nada. Zofia esperou a que o homem se levantasse para retornar a seu veículo.

Ao abrir a portinhola, mordeu-se o lábio inferior, descontente de si mesmo. Algo tinha interferido em suas intenções. Tinha alcançado o objetivo, mas não como ela tivesse querido: raciocinar com o agressor não tinha sido suficiente. Reatou seu caminho e se dirigiu aos moles.

— Tenho que lhe estacionar o carro, senhor?

Lucas se sobressaltou. Levantou a cabeça e olhou ao aparcacoches, que o observava com uma expressão estranha.

— por que me olhe assim?

— Leva mais de cinco minutos dentro do carro sem mover-se, assim que me perguntava...

— O que se perguntava?

— Acreditava que não se encontrava bem, sobre tudo quando apoiou a cabeça no volante.

— Pois não cria nada e se evitará um montão de decepções.

Lucas saiu do conversível e lhe lançou as chaves ao menino. Quando as portas do elevador se abriram, encontrou-se com a Elizabeth, que se inclinou para ele para saudá-lo. Lucas deu imediatamente um passo atrás.

— Já me saudou esta manhã, Elizabeth —disse, fazendo uma careta.

— Tinha razão no dos caracóis, são deliciosos. Que tenha um bom dia!

As portas da cabine se abriram na novena planta e ela desapareceu pelo corredor.

Ed recebeu ao Lucas com os braços abertos.

— Foi uma bênção havê-lo conhecido, querido Lucas!

— Pode dizer-se assim —disse Lucas, fechando a porta do despacho.

Avançou para o vice-presidente e se sentou em uma poltrona. Heurt agitou o *São Francisco Chronicle*.

— Vamos fazer grandes costure juntos.

— Não o duvido.

— Não tem bom aspecto.

Lucas suspirou. Ed percebeu sua exasperação e agitou de novo a página do periódico em que figurava o escrito da Amy.

— Um artigo fantástico! Eu não o tivesse feito melhor.

— Já se publicou?

— Esta manhã, tal como me tinha prometido. Esta Amy é um encanto, verdade? deveu que passar-se toda a noite trabalhando.

— Sim, algo assim.

Ed assinalou com o dedo a foto do Lucas.

— Sou um idiota. Deveria lhe haver dado minha foto, mas não importa, você ficou muito bem.

— Obrigado.

— Está seguro de que se encontra bem, Lucas?

— Sim, senhor presidente, muito bem.

— Não sei se meu instinto me engana, mas o noto a você um pouco estranho. —Ed desentupiu a garrafa de cristal, serve-lhe um copo de água ao Lucas e acrescentou com um ar falsamente compassivo—: Se tiver problemas, embora sejam de tipo pessoal, pode confiar em mim. Somos uma grande empresa, mas acima de tudo uma grande família!

— Queria lombriga para algo, senhor presidente?

— Me chame Ed!

Heurt comentou, extasiado, seu jantar da véspera, que se tinha desenvolvido muito melhor do que esperava. Tinha informado a seus colaboradores de sua intenção de fundar no seio do grupo um novo departamento ao que chamaria Divisão de Inovações. A finalidade desta nova unidade seria preparar ferramentas comerciais inéditas para conquistar novos mercados. Dirigiria-o Ed; essa experiência seria para ele como uma padre de rejuvenescimento. Sentia falta da ação. Enquanto ele falava, vários subdiretores já se esfregavam as mãos ante a idéia de formar o novo guarda pretoriana do futuro presidente. Decididamente, Judas não envelheceria nunca..., inclusive era capaz de multiplicar-se, pensou Lucas. Heurt finalizou seu relato dizendo que certo grau de competência com seu sócio não podia ser prejudicial, a não ser justamente o contrário, que uma contribuição de oxigênio sempre resulta benéfica.

— Está de acordo comigo, Lucas?

— Absolutamente de acordo —respondeu ele, assentindo com a cabeça.

Lucas estava na glória: as intenções do Heurt superavam em muito suas esperanças e permitiam pressagiar o êxito de seu plano. No 666 da rua Market, a atmosfera do poder não demoraria para rarefazer-se. Os dois homens falaram sobre a reação do Antonio. Era mais que provável que seu sócio se opor a suas novas idéias. Fazia falta uma ação decidida para lançar sua divisão, mas preparar uma operação de envergadura não era uma coisa fácil e exigia muito tempo, recordou Heurt. O vice-presidente sonhava com um mercado prestigioso que legitimasse o poder que queria conquistar. Lucas se levantou, pôs diante do Ed a pasta que levava sob o braço e a abriu para tirar um grosso documento.

A zona portuária de São Francisco se estendia ao longo de muitos quilômetros, bordeando virtualmente toda a costa leste da cidade, e estava em constante transformação. A atividade dos moles se mantinha apesar de que o mundo imobiliário tinha iniciado a batalha para que se autorizasse a ampliação do porto recreativo e se requalificaram quão terrenos estavam frente ao mar, os mais cotizados da cidade. Os pequenos veleiros tinham encontrada amarração em outro porto esportivo, uma vitória dos mesmos promotores, que tinham conseguido deslocar sua batalha um pouco mais ao norte. A criação dessa unidade

residencial tinha sido cobiçada pelos meios empresariais e as casas se venderam a preço de ouro. Mais tarde tinham construído também gigantescos terminais que acolhiam aos imensos navios. Os rios de passageiros que baixavam seguiam um novo passeio que os conduzia ao mole 39. A zona turística tinha fomentado a abertura de multidão de comércios e restaurantes. As múltiplas atividades dos moles eram fonte de enormes benefícios e de áspersas lutas de interesses. Desde fazia dez anos, o diretor imobiliário da zona portuária trocava a cada quinze meses, um indício das guerras de influência que se desenvolviam sem parar em torno da aquisição e a exploração das costas da cidade.

— Aonde quer ir parar? —perguntou Ed.

Lucas sorriu maliciosamente e desdobrou um plano. Em uma esquina se podia ler: Porto de São Francisco, Mole 80.

— Terá que atacar este último bastión!

O vice-presidente queria um trono e Lucas lhe oferecia uma autêntica cerimônia de coroação.

sentou-se de novo para expor seu plano. A situação dos moles era precária. O trabalho era duro e muitas vezes incluso perigoso, e os carregadores tinham um temperamento fogoso. Uma greve podia propagar-se mais depressa que um vírus. Lucas já se encarregou de fazer o necessário para esquentar o ambiente.

— Não entendo do que nos serve isso —disse Ed, bocejando.

Lucas prosseguiu com uma atitude de indiferença:

— Enquanto as empresas de logística e de frete paguem seus salários e seus aluguéis, ninguém se atreverá às desalojar. Mas isso poderia trocar com uma grande rapidez. Bastaria uma nova paralisação da atividade.

— A direção do porto não irá nunca nessa direção. vamos encontrar muita resistência.

— Isso depende das correntes de influência —disse Lucas.

—Talvez —repôs Heurt, balançando a cabeça—, mas para um projeto dessa envergadura, necessitaríamos apoios das altas esferas.

— Precisamente a você não faz falta lhe explicar como se atira dos fios do lobby! O diretor imobiliário do porto está a ponto de ser substituído. Estou seguro de que mostraria um maior interesse por uma prima como despedida.

— Não sei de que fala!

— Ed, você poderia ter sido o inventor da cauda na lapela dos envelopes que circulam por debaixo das mesas! —O vice-presidente se ergueu na poltrona, sem saber se devia sentir-se adulado por esse comentário. Enquanto se dirigia para a porta, Lucas disse a seu chefe—: Na pasta azul encontrará também uma ficha com informação detalhada sobre nosso candidato a uma substanciosa aposentadoria. Passa todos os fins de semana no lago Tahoe e está endividado até o pescoço. Arrume-lhe para me conseguir quanto antes uma entrevista com ele. Imponha um lugar muito confidencial e me deixe a eu fazer o resto.

Heurt folheou com nervosismo os fólhos do relatório. Olhou ao Lucas, estupefato, e franziu o sobreceño.

— Em Nova Iorque se dedicava à política?

A porta se fechou.

O elevador estava naquela planta, mas Lucas deixou que partisse vazio. Tirou o móvel, conectou-o e marcou febrilmente o número de sua rolha de voz. «Não tem nenhuma mensagem nova», repetiu duas vezes a voz de robô. Pendurou e pulsou uma tecla até chegar à tela de mensagens: estava vazia. Desconectou o aparelho e se meteu no elevador. Quando desceu na planta do estacionamento, reconheceu que algo que não acabava de

identificar o turvava: «Um ínfimo batimento do coração no peito que lhe retumbava até nas tēmporas».

Fazia duas horas que durava o conciliábulo. As repercussões da queda do Gómez ao fundo da adega do Valparaíso estavam adquirindo umas proporções inquietantes. O homem seguia em reanimação. Maneta chamava o hospital cada hora para interessar-se por seu estado, mas o diagnóstico seguia sendo reservado. Se o carregador morria, ninguém poderia controlar a cólera que rugia surdamente nos moles. O chefe do sindicato da costa oeste se deslocou até ali para assistir à reunião. levantou-se para servir-se outra taça de café. Zofia aproveitou a circunstância para abandonar discretamente a sala onde se desenvolviam as discussões. Saiu do edifício e se afastou uns passos para esconder-se detrás de um contêiner. a salvo de olhares indiscretos, marcou um número. A mensagem da secretária eletrônica era breve: «Lucas». Imediatamente depois soava o sinal.

—Sou Zofia. Esta noite estou livre. me chame para me dizer como ficamos. Até mais tarde.

Ao pendurar, olhou seu telefone móvel e, sem saber muito bem por que, sorriu.

A última hora da tarde, os delegados haviam posposto por unanimidade o momento de tomar uma decisão. Necessitavam tempo para ver as coisas com mais claridade. A comissão de investigação não publicaria seu relatório sobre as causas do acidente até muito entrada a noite e o Memorial de São Francisco também esperava o exame médico da manhã para pronunciar-se sobre as possibilidades de sobrevivência do carregador. Em conseqüência, levantou-se a sessão e foi postergada até o dia seguinte. Maneta convocaria aos membros da junta assim que recebesse os dois informe, e imediatamente depois se celebraria uma assembléia geral.

Zofia precisava tomar o ar. concedeu-se uns minutos de descanso para caminhar pelo mole. A uns passos, a proa oxidada do *Valparaíso* se balançava em um extremo das amarras; o navio estava encadeado como um animal de mau agouro. A sombra do grande cargueiro se refletia intermitentemente nas manchas oleosas que se ondulavam a capricho da água. Homens uniformizados foram e vinham ao longo dos corredores, realizando toda classe de inspeções. O comandante do casco de navio os observava, apoiado no corrimão de sua atalaia. A julgar pela forma em que lançou o cigarro por cima da amurada, era de temer que as horas seguintes seriam ainda mais movidas que as águas nas que tinha cansado a bituca. A voz do Jules rompeu a solidão do lugar onde reinavam os grasnidos das gaivotas.

—Não entram vontades de dar um mergulho de cabeça, verdade? A não ser que seja o definitivo!

Zofia se voltou e o olhou com ternura. Seus olhos azuis estavam apagados, levava uma barba indecorosa e umas roupas gastas, mas a indigência não lhe subtraía um ápice de encanto. Aquele homem levava a elegância no fundo do coração. Jules tinha fundo as mãos nos bolsos de sua velha calça de tweed com motivos de quadros.

—É príncipe do Gales, mas acredito que faz bastante tempo que o príncipe fez as malas.

—E a perna?

—Segue agüentando ao lado da outra, e isso já é muito.

—foi a que lhe troquem a vendagem?

—E você? Como está?

—Dói-me a cabeça. Essa reunião não se acabava nunca.

—Também te dói um pouco o coração?

—Não. por que?

—Porque às horas às que ultimamente passeia por aqui, duvido muito que venha para tomar o sol.

—Estou bem, Jules, só tinha vontades de tomar um pouco de ar fresco.

—E o mais afresco que encontraste foi em uma doca que empresta a pescado podre. Mas suponho que tem razão: está muito bem!

Os homens que inspecionavam o velho navio desceram pela escala do portalón. Montaram em duas Ford negros (cujas portinholas não fizeram nenhum ruído ao fechar-se) e se afastaram lentamente para a saída da zona portuária.

—Se pensava fazer festa amanhã, te esqueça. Temo-me que será um dia mais agitado ainda que de costume.

—Eu também.

—Bom, onde nos tínhamos ficado?

—No momento em que eu ia discutir com você para levá-lo a que lhe troquem a vendagem. Espere aqui, vou procurar o carro.

Zofia se afastou sem lhe dar oportunidade de replicar.

—Trapaceira! —resmungou Jules.

Depois de ter acompanhado ao Jules de volta ao mole, Zofia partiu a casa. Conduzia com uma mão enquanto procurava o móvel com a outra. Devia estar perdido no fundo de sua grande bolsa, e como não o encontrava, o primeiro semáforo ficou em vermelho. Quando se deteve, derrubou o conteúdo da bolsa no assento do lado e recuperou o aparelho de um confuso montão de coisas.

Lucas tinha deixado uma mensagem: passaria por sua casa a procurá-la às sete e meia. Zofia consultou o relógio; ficavam exatamente quarenta e sete minutos para chegar, saudar o Mathilde e a Reina e trocar-se. Por uma vez, e sem que servisse de precedente, inclinou-se, abriu o porta-luvas e colocou o girofaro azul sobre o teto do veículo. Com a sereia posta, subiu pela rua Terceira a toda velocidade.

Lucas se dispunha a sair do despacho. Tomou a gabardina pendurada em um perchero e a pôs sobre os ombros. Ao apagar a luz, a cidade apareceu em branco e negro atrás do ventanal. Já ia fechar a porta quando soou o telefone. Voltou sobre seus passos para responder à chamada. Ed o informou que a entrevista que tinha solicitado seria às sete e meia em ponto. Na penumbra, Lucas escreveu a direção em uma parte de papel.

—Chamarei-lhe assim que tenha encontrado um terreno de entendimento com nosso interlocutor.

Lucas pendurou sem mais comentários e se aproximou do ventanal. Olhava as ruas que se estendiam abaixo. Desde aquela altura, as fileiras de luzes brancas e vermelhas dos faróis dos carros desenhavam uma imensa telaraña que titilava na noite. Lucas apoiou a frente no cristal; diante de sua boca se formou um círculo de bafo em cujo centro piscava um puntito de luz azul.

Zofia apagou a sereia e guardou o girofaro; havia um sítio livre diante da porta de sua casa e se apressou a estacionar. Subiu os degraus de quatro em quatro e entrou em suas habitações.

— Persegue-te alguém? —perguntou Mathilde.

— Como?

— Ah, mas se pode falar! Se te visse a cara!

— Vou arrumar me, me tem feito tardíssimo. Que tal aconteceu o dia?

— Na hora de comer, fiz uma carreira com o Carl Lewis e lhe ganhei.

— Aborreceste-te muito?

— Passaram sessenta e quatro carros por sua rua. Dezenove eram verdes.

Zofia se aproximou dela e se sentou aos pés da cama.

— Farei todo o possível para voltar mais logo amanhã.

Mathilde olhou de esguelha o relógio que estava sobre o velador e meneou a cabeça.

— Não quero me colocar no que não me importa...

— Vou sair, mas não voltarei tarde. Se não estar dormida, poderemos falar —disse Zofia, levantando-se.

— Falará você ou o farei eu? —murmurou Mathilde enquanto a via desaparecer no dormitório.

Zofia reapareceu dez minutos mais tarde no salão. Uma toalha envolvia seus cabelos molhados e outra seu corpo, ainda úmido. Deixou uma bolsa de asseio sobre o suporte da chaminé e se aproximou do espelho.

— Vai jantar com o Lu? —perguntou Mathilde.

— Telefonou?

— Não, o que vai.

— Então, como sabe?

— Pura intuição.

Zofia se voltou para o Mathilde com ar decidido e pôs os braços em jarras.

— Intuíste, assim sem mais, que vou jantar com o Lucas?

— Se não me equivocar, o que tem na mão direita se chama rímel, e o que tem na esquerda é uma broxa para aplicar ruge.

— Não vejo a relação.

— Quer que te dê uma pista? —disse Mathilde em tom irônico.

— Faria-me muito feliz —respondeu Zofia, ligeiramente irritada.

—É meu melhor amiga há mais de dois anos... —Zofia inclinou a cabeça para um lado e um generoso sorriso iluminou o rosto do Mathilde—. Bom..., e é a primeira vez que te vejo te maquiar.

Zofia se voltou para o espelho sem responder. Mathilde sustentou com indolência o suplemento dos programas de televisão e ficou a lê-lo pela sexta vez no dia.

— Não temos televisão —disse Zofia, estendendo delicadamente com o dedo um pouco de brilho de lábios.

— Melhor, horroriza-me —respondeu Mathilde imediatamente, passando a página.

Dentro da bolsa que Zofia tinha deixado sobre a cama do Mathilde soou um telefone.

— Quer que responda? —perguntou esta com voz inocente.

Zofia se precipitou sobre a bolsa e colocou a mão. Tirou o aparelho e se foi à outra ponta da habitação.

— Não, não quer —resmungou Mathilde, consultando a programação do dia seguinte.

Lucas o sentia muitíssimo, lhe tinha feito tarde e não podia passar a procurá-la. Tinham uma mesa reservada às oito e meia no último piso do edifício do Bank of America, na rua Califórnia. O restaurante de três garfos a cujos pés se via a cidade oferecia uma magnífica vista do Golden Gate. reuniram-se ali. Zofia pendurou, foi à cozinha e abriu o

frigorífico. Mathilde ouviu a voz cavernosa de seu amiga lhe perguntar, com a cabeça médio metida na geladeira:

—O que gosta? Tenho um pouco de tempo para te preparar algo de jantar.

—Uma mistura «omelete-salada-iogurte».

Um momento depois, Zofia tirou o casaco do roupeiro, deu- um beijo ao Mathilde e fechou com suavidade a porta.

Sentou-se ao volante do Ford. antes de arrancar, baixou a viseira e se olhou uns segundos no espelho. Com uma careta dúbia, levantou-a e fez girar a chave de contato. Quando o carro desapareceu ao final da rua, a cortina da janela de Rainha caiu devagar sobre o cristal.

Zofia deixou o veículo à entrada do estacionamento e lhe deu as graças ao aparcacoches com librea vermelha que lhe tendia um resguardo.

— Eu gostaria de ser o homem com o que vai jantar —disse o jovem.

— Muito obrigado —disse ela, ruborizada e feliz.

A porta giratória se moveu e Zofia apareceu no vestíbulo. Depois do fechamento dos escritórios, só ficavam abertos ao público o bar, na planta baixa, e o restaurante panorâmico, no último piso. dirigia-se com decisão ao elevador quando notou uma peculiar sensação de segura na boca. Pela primeira vez, Zofia tinha sede. Consultou a hora em seu relógio e comprovou que tinha chegado com dez minutos de antecipação. Ao ver a barra de cobre detrás da cristaleira da cafeteria, trocou de direção. dispunha-se a entrar no local quando reconheceu o perfil do Lucas, sentado a uma mesa e falando com o diretor dos serviços imobiliários do porto. Retrocedeu, confusa, e voltou para o elevador.

Pouco depois, Lucas se deixava guiar pelo maître até a mesa onde Zofia o esperava. Ela se levantou, lhe beijou a mão e a convidou a sentar-se de cara ao exterior.

Durante o jantar, Lucas fez centenas de perguntas às que Zofia respondeu com outras tantas. Ele saboreava com deleite o menu gastronômico; ela não tocava a comida, limitava-se a apartá-la delicadamente para os borde do prato. As interrupções do garçom lhes parecia que duravam minutos eternos. Quando este se aproximou outra vez, armado com um recogemigas que parecia uma foice a Barbuda, Lucas se sentou ao lado da Zofia e soprou com força sobre a toalha.

— Já está limpo! Pode retirar-se, muito obrigado —lhe espetou ao garçom.

A conversação se reatou imediatamente. Lucas apoiou o braço no respaldo do assento e Zofia notou o calor de sua mão, muito perto de sua nuca.

O garçom se aproximou de novo, provocando a indignação do Lucas, e depositou ante eles duas colheres e um bolo quente de chocolate. Fez girar o prato para apresentar-lhe ficou mais rígido que um pau e anunciou com orgulho seu conteúdo.

— Fez bem em precisá-lo —disse Lucas, irritado—, se não, teríamos podido confundilo com um soufflé de cenouras.

O garçom se afastou discretamente. Lucas se inclinou para a Zofia.

— Não comeste nada.

— Como muito pouco —respondeu ela, baixando a cabeça.

— Prova-o para me agradar. O chocolate é uma parte de paraíso na boca.

— E um inferno para os quadris! —repôs ela.

Lucas não lhe deixou eleição, tomou uma colherada de bolo, a aproximou da boca e depositou o chocolate quente sobre sua língua. No peito da Zofia, os batimentos do coração eram cada vez mais fortes, e ela ocultou seu medo no fundo dos olhos do Lucas.

— Está quente e frio de uma vez, e doce —disse.

A bandeja que levava o sumiller se inclinou ligeiramente e a taça de conhaque escorregou. Quando chocou contra o chão, rompeu-se em sete partes, todos idênticos. Toda a sala se calou, Lucas pigarreou e Zofia rompeu o silêncio.

Ainda tinha duas perguntas que lhe fazer ao Lucas, mas lhe pediu que lhe promettesse que responderia a elas sem rodeios e ele o fez.

— O que fazia com o diretor imobiliário do porto?

— É estranho que me pergunte isso.

— Havíamos dito sem rodeios.

Lucas olhou fixamente a Zofia, que tinha apoiado uma mão na mesa. Ele aproximou a sua.

— Era uma entrevista profissional, igual à outra vez.

— Não é uma verdadeira resposta, mas se antecipa a meu segunda pergunta. A que te dedica? Para quem trabalha?

— Poderia dizer-se que cumpro uma missão.

Os dedos do Lucas tamborilaram nervosamente sobre a toalha.

— Que tipo de missão? —insistiu Zofia.

Lucas apartou um instante os olhos da Zofia; um olhar tinha desviado sua atenção. Acabava de ver o fundo da sala ao Blaise, com seu maligno sorriso na comissura dos lábios.

— O que ocorre?—perguntou Zofia—. Não te encontra bem?

Lucas se tinha transformado. Zofia logo que reconhecia ao homem com o que tinha compartilhado essa velada rica em sentimentos inéditos.

— Não me faça nenhuma pergunta —disse—. Vê o guarda-roupa, recolhe o casaco e volta para casa. Chamarei-te amanhã. Agora não posso te explicar nada, sinto muito.

— O que te passa? —disse ela, desconcertada.

— Parte já!

Zofia se levantou e cruzou a sala. Ouvia os menores ruídos e via os detalhes mais imperceptíveis: um talher ao cair, um entrecocar de taças, um ancião limpando o lábio superior com um lenço quase tão velho como ele, uma mulher mau vestida a que vão os olhos detrás das sobremesas, um homem de negócios que interpreta seu próprio papel lendo um periódico, esse casal que deixou que falar desde que ela se levantou. Apertou o passo; as portas do elevador se fecharam por fim. Tudo nela eram emoções contraditórias.

Correu até a rua, onde o vento a sobressaltou. No carro que fugia, só estava ela e um estremecimento de melancolia.

Quando Blaise se sentou no sítio que Zofia acabava de deixar livre, Lucas apertou os punhos.

— O que, como vão nossos assuntos? —disse Blaise, jovial.

— O que faz aqui? —perguntou Lucas em um tom que não tentava absolutamente ocultar sua irritação.

— Sou responsável pela comunicação interna e externa, assim venho a me comunicar um pouco... com você.

— Eu não tenho que lhe render contas.

— Vamos, vamos, Lucas... Quem falou que contabilidade? vim simplesmente a me interessar pela saúde de meu tutelado, e, por isso vi, parece estar em plena forma. —Blaise adotou um tom tão meloso como falsamente amigável—. Sabia que era você brilhante, mas devo confessar que o tinha subestimado.

— Se isso for tudo o que tinha que me dizer, convido-lhe a largar-se.

— Observei-lhe enquanto a arrulhava com suas serenatas e tenho que reconhecer que no momento da sobremesa me impressionou. meu amigo, é você um gênio!

Lucas escrutinou ao Blaise atentamente, tratando de decifrar o que podia alegrar tanto a aquele perfeito imbecil.

— A natureza não foi muito generosa com você, Blaise, mas não me desespere. Algum dia haverá entre nós uma penitente que tenha feito algo o bastante grave para ser condenada a passar umas horas entre seus braços.

— Não se faça o modesto, Lucas, entendi a jogada e a passo. Sua inteligência nunca deixará de me surpreender.

Lucas se voltou e fez um gesto com a mão para que lhe levassem a conta. Blaise a arrebatou e lhe tendeu um cartão de crédito ao maître.

— Deixe, isto é minha coisa.

— Aonde exatamente quer ir parar? —perguntou Lucas, recuperando a conta de entre os dedos úmidos do Blaise.

— Poderia me outorgar mais confiança. Recordo-lhe que lhe encarregou esta missão graças a mim, assim, posto que os dois sabemos, não joguemos a nos fazer os parvos.

— O que sabemos? —perguntou Lucas, levantando-se.

— Quem é ela!

Lucas voltou a sentar-se muito devagar e olhou fixamente ao Blaise.

— E quem é ela?

— Pois ela é o outro..., seu oponente!

Lucas entreabriu ligeiramente a boca, como se de repente lhe faltasse ar. Blaise prosseguiu:

— A que enviaram contra você. Você é nosso demônio e ela é seu anjo, seu melhor agente. —Blaise se inclinou para o Lucas, que retrocedeu instintivamente—. Não tome assim, homem. Ao fim e ao cabo, meu trabalho é estar informado de tudo. Era meu dever felicitá-lo. A tentação do anjo não é uma vitória para nosso bando, é um triunfo! E disso é do que se trata, não?

Lucas tinha percebido um pingo de temor na última pergunta do Blaise.

— Não é esse seu trabalho, sabê-lo tudo? —repôs Lucas com uma ironia tinta de cólera.

Levantou-se da mesa. Enquanto atravessava a sala, ouviu a voz do Blaise:

—Também tinha vindo para lhe dizer que conecte o móvel. Buscam-lhe! À pessoa com a que contatou nas últimas horas gostaria de muito fazer um trato esta noite.

O elevador se fechou com o Lucas dentro. Blaise viu o prato da sobremesa pela metade, sentou-se e inundou um dedo úmido no chocolate.

O carro da Zofia circulava pela avenida Vão Ness; todos os semáforos que encontrava em seu caminho ficavam em verde. Acendeu a rádio e procurou uma emissora de rock. Seus dedos golpeavam o volante seguindo o ritmo da música e seguiram golpeando cada vez

mais forte até que as falanges começaram a lhe doer. desviou-se no Pacific Heights e estacionou sem esmerar-se muito diante de casa.

As janelas da planta baixa estavam apagadas. Zofia começou a subir para o primeiro piso. Quando pôs o pé no terceiro degrau, a porta da senhora Sheridan se entreabriu. Zofia seguiu o raio de luz que atravessava a penumbra até as habitações de Rainha.

— Lhe tinha advertido isso!

— Boa noite, Rainha.

— Sente-se a meu lado, já me dará as boa noite quando for. Embora, te vendo a cara, é possível que nesse momento nos demos os bom dia.

Zofia se aproximou da poltrona. sentou-se sobre o carpete e apoiou a cabeça no braço do assento. Rainha lhe acariciou o cabelo antes de tomar a palavra:

— Suponho que tem uma pergunta que fazer, porque eu tenho uma resposta que dar.

— Sou absolutamente incapaz de dizer o que sinto.

Zofia se levantou, avançou para a janela e apartou a cortina. O Ford parecia dormir na rua.

— Longe de mim a idéia de ser indiscreta —prosseguiu Rainha—. Enfim, ninguém pode fazer o impossível! A minha idade, o futuro mingua a olhos vista, e quando se tem presbicia como eu, há motivos para preocupar-se. Assim que cada dia que passa Miro ante mim, com a molesta sensação de que a estrada vai acabar na ponta de meus sapatos.

— Por que diz isso, Rainha?

— Porque conheço sua generosidade e também seu pudor. Para uma mulher de minha idade, as alegrias e as tristezas das pessoas às que quer são como quilômetros percorridos na noite que se mora. Suas esperanças e seus desejos nos recordam que depois de nós o caminho continua, que o que temos feito com nossa vida teve um sentido, embora seja ínfimo..., um minúsculo pingo de razão de ser. Assim agora vais contar me o que te passa.

— Não sei!

— O que sente se chama saudade.

— Há tantas coisas que eu gostaria de poder lhe dizer!

— Não se preocupe, me imagino. —Rainha lhe levantou brandamente o queixo com a gema dos dedos—. Vão, quero verte sorrir; basta uma minúscula semente de esperança para que cresça um campo inteiro de felicidade..., e um pouco mais de paciência para lhe dar tempo de crescer.

— Esteve apaixonada alguma vez, Rainha?

— Vê todas essas velhas fotos dos álbuns? Pois não servem absolutamente para nada. A maioria das pessoas que aparecem nelas faz tempo que estão mortas, mas mesmo assim são muito importantes para mim. Sabe por que?... Porque as apreciei. Se soubesse como eu gostaria que as pernas me levassem outra vez ali! Aproveita, Zofia! Corre, não perca tempo! Uma vez as segundas-feiras são duras, outras os domingos são tristes, mas o começo de uma nova semana sempre é uma bênção. —Rainha abriu a mão, sujeitou-lhe o dedo indicador e lhe fez percorrer sua linha da vida—. Sabe o que é o Bachert, Zofia? —Zofia não respondeu e Rainha continuou falando em voz ainda mais baixa—: É a história mais formosa do mundo: o Bachert é a pessoa que Deus te destinou, a outra metade de ti mesma, seu verdadeiro amor. O sentido de sua vida será encontrá-la... e, sobre tudo, reconhecê-la.

Zofia olhou a Rainha em silêncio. levantou-se, deu-lhe um beijo cheio de ternura na frente e lhe desejou boa noite. antes de sair, voltou-se para lhe dizer outra coisa:

- Eu gostaria de muito ver um de seus álbuns.
- Qual? Viu-os todos pelo menos dez vezes!
- O seu, Reina.

A porta se fechou brandamente a suas costas.

Zofia subiu a escada. Quando chegou ao patamar, trocou de opinião, baixou de novo sem fazer ruído e despertou o velho Ford. A cidade estava virtualmente deserta. Baixou pela rua Califórnia. Um semáforo a obrigou a deter-se ante a entrada do edifício onde tinha jantado. O aparcacoches lhe fez um gesto amistoso com a mão, ela voltou a cabeça e olhou Chinatown, que se abria a sua esquerda. Umas maçãs mais abaixo, estacionou o carro junto à calçada, cruzou a esplanada a pé, apoiou uma mão na parede leste da torre piramidal e entrou no vestíbulo.

Saudou o Pedro e se encaminhou ao elevador que conduzia ao último piso. Quando as comporta se abriram, pediu ver o Miguel. A recepcionista o sentia muitíssimo, mas o dia oriental tinha começado e seu padrinho estava ocupado no outro extremo do mundo.

Zofia vacilou um instante e logo perguntou se o Senhor estava disponível.

- Em princípio sim, mas é possível que seja um pouco difícil vê-lo.

Ao ver a expressão intrigada da Zofia, a recepcionista não pôde resistir à tentação de lhe dar uma explicação.

— A você posso dizer-lhe O Senhor tem uma mania uma afeição, se prefere chamá-lo assim: os foguetes. Assobiam-lhe! Entusiasma-lhe a idéia de que os homens lancem tantos ao céu. Não se perde nunca um lançamento. encerra-se em seu escritório, acende todas as telas e ninguém pode falar com Ele. A verdade é que está resultando um pouco problemático desde que os chineses também se dedicam a isto.

- E neste momento há um lançamento? —perguntou Zofia, impassível.

— Salvo que se presente algum problema técnico, a decolagem está prevista para dentro de trinta e sete minutos e vinte e quatro segundos. Quer que lhe transmita uma mensagem? trata-se de algo importante?

- Não, não o incomode, só queria lhe perguntar uma coisa, mas já voltarei.

— Onde estará dentro de um momento? Quando deixo incompleto um memorando, sempre me cai um pequeno rapapólv.

— Provavelmente irei passear pelos moles..., bom, acredito. boa noite ocidentais, ou bom dia orientais, como prefiro.

Zofia saiu da torre. Caía uma fina chuva. Andou sem pressa até o carro e ficou ao volante para dirigir-se ao mole 80, o outro lugar da cidade que era seu refúgio.

Pelo caminho, sentiu desejos de respirar ar puro, de ver árvores, e se encaminhou para o norte. Entrou no parque Golden Gate pelo Martin Luther King até o lago central. Com o passar do passeio, as luzes desenhavam miríades de halos na noite estrelada. Seus faróis iluminaram a pequena cabana de madeira onde os paseantes alugavam barcos os dias de bom tempo. O estacionamento estava vazio; deixou o Ford, caminhou até um banco que ficava sob uma luz e se sentou. Um grande cisne branco que, impulsionado por uma ligeira brisa, deslocava-se sobre a água com os olhos fechados, passou junto a uma rã dormida sobre um nenúfar. Zofia suspirou.

Viu-o avançar pelo final do passeio. O Senhor caminhava indolentemente, com as mãos nos bolsos. Passou por cima da pequena grade e atalhou pela grama, evitando os maciços de flores. aproximou-se e se sentou a seu lado.

- Solicitaste lombriga?
- Não queria incomodá-lo, Senhor.

— Você não me incomoda alguma vez. Tem algum problema?

— Não, uma pergunta.

Os olhos do Senhor se iluminaram um pouco mais.

— Escuto-te, minha filha.

— Os anjos nos passamos o tempo pregando o amor, mas nossos conhecimentos são só teóricos, assim queria saber o que é realmente o amor na Terra.

Ele olhou para o céu e rodeou a Zofia pelos ombros.

— É o mais belo que inventei! O amor é uma parcela de esperança, a renovação perpétua do mundo, o caminho da terra prometida. Criei a diferença para que a humanidade cultivasse a inteligência. Um mundo homogêneo teria sido mortalmente triste! Além disso, a morte não é mais que um instante da vida para quem soube amar e ser amado.

Zofia, nervosa, riscou um círculo no cascalho com a ponta do pé.

— Mas a história do Bachert é certa?

Deus sorriu e tomou a mão.

— Formosa idéia a de que quem encontra a sua outra metade chega a ser mais completo que a humanidade inteira, verdade? O homem em si não é único..., se tivesse querido que fora assim, só teria criado um. Quando começa a amar é quando consegue sê-lo. Possivelmente a criação humana seja imperfeita, mas não há nada mais perfeito no universo que dois seres que se amam.

— Agora o entendo melhor —disse Zofia, riscando uma linha reta justo no centro do círculo.

O Senhor se levantou e se meteu de novo as mãos nos bolsos. Já se dispunha a ir-se quando pôs uma mão sobre a cabeça da Zofia e lhe disse em um tom doce e de cumplicidade:

— Vou revelar te um segredo. A única pergunta que me faço do primeiro dia é: fui realmente eu quem inventou o amor, ou foi o amor o que me inventou ?

Enquanto se afastava a passo ligeiro, Deus olhou seu reflexo na água e Zofia o ouviu resmungar:

— Senhor por aqui, Senhor por lá... Tenho que me buscar de uma vez um nome..., já me envelhecem bastante nesta casa com a barba...

Voltou-se e perguntou a Zofia:

— O que te parece Houston como nome?

Zofia, desconcertada, olhou-o partir. Levava as sublimas mãos cruzadas depois das costas e continuava resmungando sozinho.

— Talvez senhor Houston... Não, não, Houston a secas, é perfeito.

E a voz se perdeu atrás da grande árvore.

Zofia permaneceu sozinho um bom momento. A rã encarapitada no nenúfar a olhava fixamente. Coaxou duas vezes e Zofia se inclinou e lhe disse:

— Croac o que?

Zofia se levantou, foi até o carro e partiu do parque Golden Gate. Na colina do Nob Hill, um sino dava as onze.

As rodas dianteiras deixaram de girar a uns centímetros do bordo e o ralo do radiador do Aston Martin ficou na vertical da água. Lucas baixou e deixou a portinhola aberta. Apoiou o pé direito no pára-choque traseiro, suspirou profundamente e baixou o pé. afastou-se uns passos notando que a cabeça lhe dava voltas. inclinou-se sobre a água e vomitou.

— Não parece que te encontre muito bem.

Lucas se incorporou e olhou ao velho vagabundo que lhe tendia um pacote de tabaco.

— É negro. um pouco forte, mas dadas as circunstâncias... —disse Jules.

Lucas aceitou um; Jules aproximou o acendedor e a chama iluminou os dois rostos um breve instante. O jovem deu uma profunda imersão e imediatamente ficou a tossir.

— É bom —disse, arrojando a bituca ao longe.

— O estômago revoltou? —perguntou Jules.

— Não —respondeu Lucas.

— Então deve ter sido uma contrariedade.

— E você, Jules? Que tal a perna?

— Como o resto. Coxeia.

— Pois troque a vendagem antes de que lhe infecte —disse Lucas afastando-se.

Jules o olhou dirigir-se para os velhos edifícios que havia a um centenar de metros dali. Lucas subiu os degraus da escada ferrugenta e avançou pela galeria que percorria a fachada do primeiro piso.

— Essa contrariedade é loira ou moréia? —gritou-lhe Jules.

Mas Lucas não o ouviu. A porta do único despacho com a janela iluminada se fechou atrás dele.

Zofia não tinha nenhuma vontades de voltar para sua casa. em que pese a que estava encantada de acolher ao Mathilde, sentia falta certa intimidade. Caminhava sob a velha torre de tijolo vermelho que dominava os moles desertos. O relógio embutido no capitel cônico deu a média. aproximou-se do bordo do mole. A proa do velho cargueiro cabeceava à luz de uma lua logo que turvada por um ligeiro véu de bruma.

— Tenho-lhe muito carinho a esse barcucho. Somos da mesma idade. Ele também se cambaleia ao mover-se, e está mais oxidado ainda que eu.

Zofia se voltou e sorriu ao Jules.

— Eu não tenho nada contra ele —disse—, mas o quereria mais se suas escalas estivessem em melhor estado.

— O material não teve nada que ver com este acidente.

— Como sabe?

— As paredes dos moles têm ouvidos, fragmentos de palavras por aqui formam fragmentos de frase por lá...

— Sabe como caiu Gómez?

— Aí reside todo o mistério. Se tivesse sido um homem jovem, poderia acreditar-se que se tratou de um descuido. Desde que ouvimos dizer na televisão que os jovens estão mais caducos que os velhos... Mas eu não tenho televisão e o carregador era um veterano. Ninguém vai tragar se que escorregou sozinho ao pisar em um barrote.

— Possivelmente lhe deu um enjôo.

— É uma possibilidade, mas falta saber o que lhe causou esse enjôo.

— Você tem uma teoria, verdade?

— Eu tenho sobre tudo um pouco de frio; esta asquerosa umidade me coloca até nos ossos. Eu gostaria de prosseguir a conversação, mas um pouco mais longe, junto à escada que leva aos escritórios, ali há uma espécie de microclima. Você molesta que andemos uns metros juntos?

Zofia lhe ofereceu um braço ao ancião. refugiaram-se sob a galeria que percorria a fachada. Jules deu uns passos para instalar-se justo debaixo da única janela ainda iluminada a aquela hora tardia. Zofia sabia que todas as pessoas maiores têm suas manias e que para as querer terá que saber não transgredir seus hábitos.

— Vê? Aqui estamos bem —disse Jules—. É onde melhor se está!

sentaram-se ao pé do muro. Jules alisou as rugas de sua eterna calça príncipe do Gales.

— E respeito ao Gómez? —disse Zofia.

— Ah, eu não sei nada! Mas se escutas, é muito possível que esta ligeira brisa nos conte algo.

Zofia franziu o sobreceixo, mas Jules lhe pôs um dedo sobre os lábios. No silêncio da noite, Zofia ouviu a voz grave do Lucas dentro do despacho, justo em cima de sua cabeça.

Heurt, sentado em uma esquina da mesa de fórmica, empurrou um pequeno pacote envolto em papel de embalar para o diretor dos serviços imobiliários do porto. Terence Wallace estava sentado frente a Lucas.

— Um terço agora, outro quando o conselho de administração tenha votado a favor da expropriação dos moles, e o último assim que firme o contrato exclusivo de comercialização dos terrenos —disse o vice-presidente.

— Seus administradores terão que reunir-se antes de que acabe a semana, de acordo? —acrescentou Lucas.

— É um prazo excessivamente curto —protestou o homem, que ainda não se atreveu a recolher o pacote marrom.

— As eleições se aproximam. A Prefeitura estará encantada de anunciar a transformação de uma zona poluente em bonitas e podas residências. Será como um presente cansado do céu —insistiu Lucas, empurrando o pacote para as mãos do Wallace—. Seu trabalho não é tão complicado! —Lucas se levantou para aproximar-se da janela e a entreabriu antes de acrescentar—: E como muito em breve já não terá necessidade de trabalhar, inclusive poderá rechaçar a ascensão que lhe ofereçam para lhe dar as obrigado por havê-los enriquecido...

— Por ter encontrado uma solução para uma crise anunciada! —disse Wallace com afetação, lhe tendendo um grande sobre branco ao Ed—. Neste relatório confidencial se indica o valor de cada parcela —prosseguiu—. Subam os preços dez por cento e meus administradores não poderão rechaçar sua oferta. —Wallace tomou o pacote e o sacudi alegremente—. Os terei reunido a todas na sextas-feiras como muito tarde —acrescentou.

O olhar do Lucas, que escapava pela janela, foi atraída pela leve sombra que fugia abaixo. Quando Zofia montou em seu carro, pareceu-lhe que o olhava diretamente aos olhos. As luzes traseiras do Ford desapareceram ao longe. Lucas agachou a cabeça.

— Não tem alguma vez arrebatamentos, Terence?

— Não sou eu quem vai provocar essa greve! —repôs este saindo do despacho.

Lucas não quis que Ed o acompanhasse e ficou sozinho.

Os sinos do Grace Cathedral deram as doze. Lucas ficou a gabardina e colocou as mãos nos bolsos. Ao abrir a porta, acariciou com a gema dos dedos a tampa do livrinho do que não se separava. Sorriu, contemplou as estrelas e recitou:

— Haja no firmamento dos céus fogaréus para separar o dia da noite... e que sirvam de sinais para separar a luz das trevas.

»E viu Deus que isto era bom.

E entardeceu e amanheceu...

Quarto dia

Mathilde não tinha parado de queixar-se em toda a noite; a dor não a tinha deixado descansar e não tinha conseguido conciliar o sonho até o amanhecer. Zofia se tinha levantado sem fazer ruído, vestiu-se e tinha saído nas pontas dos pés. Pela janela do patamar entrava um sol esplêndido. Ao pé da escada se encontrou com Reina, que empurrava com um pé a porta de entrada porque levava nas mãos um enorme buquê de flores.

— Bom dia, Reina.

Reina, que sujeitava uma carta entre os lábios, não pôde responder. Zofia se aproximou em seguida para ajudá-la, apoderou-se do imenso ramo e o deixou sobre o console do saguão.

— Como a mimam, Reina!

— A mim não, a ti. Toma, a carta também tem aspecto de ser para ti —disse, lhe tendendo o sobre.

Zofia, intrigada, abriu-o: «Devo-te uma explicação. me chame, por favor. Lucas».

guardou-se a nota no bolso. Reina contemplava as flores com uma expressão entre admirativa e zombadora.

— Este menino sabe como ficar bem! Há mais de trezentas flores, e todas distintas! Não tenho um vaso tão grande!

A senhora Sheridan começou a dar voltas pela casa. Zofia a seguiu com o suntuoso ramo nas mãos.

— Deixa-o junto à pia. Farei Ramos de tamanho normal e já lhe subirá isso quando voltar. Vete, que já vejo que te faz tarde.

— Obrigado, Reina, virei dentro de um momento.

— Sim, sim, claro... Venha, desaparece, ódio verte pela metade, e além disso, já tem a cabeça em outro sítio.

Zofia beijou a sua caseira e saiu de casa. Reina tirou cinco vasos de um móvel e os alinhou sobre a mesa, procurou as tesouras de podar em uma gaveta da cozinha e começou a separar as flores. ficou olhando um largo ramo de lilás e a deixou a um lado. Quando ouviu ranger o parqué sobre sua cabeça, interrompeu seu trabalho para preparar o café da manhã ao Mathilde. Uns instantes depois subia a escada resmungando:

— Hostelera, florista... e que mais? Isto não pode ser!

Zofia estacionou diante do Fisher's Deli. Ao entrar no bar viu o inspetor Pilguez, que a convidou a sentar-se.

— Como está nossa protegida?

— Recupera-se pouco a pouco. A perna lhe dói mais que o braço.

— Normal —disse ele—. Nos últimos tempos já não têm muitos motivos para andar com as mãos.

— O que lhe traz por aqui, inspetor?

— A queda do carregador.

— E o que é o que lhe põe de tão mau humor?

— A investigação sobre a queda do carregador. Quer tomar algo? —disse Pilguez, voltando-se para a barra.

Do acidente do Mathilde, o estabelecimento oferecia um serviço mínimo: fora das horas ponta, terei que armar-se de paciência para conseguir um café.

— Sabe-se por que caiu? —perguntou Zofia.

— A comissão de investigação acredita que a causa foi um barrote da escala.

— Não é uma notícia nada boa —murmurou Zofia.

— Seus métodos de investigação não me convencem. tive um arranca-rabo com o responsável.

— Sobre o que?

— Dava-me a impressão de que repetia a palavra «carcomido» com muito pouco convencimento. O problema —continuou Pilguez, perdido em seus pensamentos— é que o tabuleiro de fusíveis parece não interessar a nenhum dos delegados.

— Que pinta aqui o tabuleiro de fusíveis?

— Aqui, nada, mas junto à adega, muito. Não há muitas razões para que um carregador experiente caia. Ou a escala está podre, e não é que eu diga que acabassem de trocá-la..., ou se trata de um descuido, e isso não encaixa com o Gómez. A não ser que a adega esteja às escuras, coisa que pode ocorrer se a luz se apaga de repente. Em tal caso, o acidente é quase inevitável.

— Sugere que se trata de um ato de sabotagem?

— Sugiro que a melhor maneira de fazer escorregar ao Gómez era apagar os focos enquanto estava na escala. Virtualmente terá que ficar óculos de sol para trabalhar aí dentro quando está iluminado, e o que você crie que passa quando de repente tudo fica sumido na escuridão? Enquanto os olhos se acostumam, perde o equilíbrio. Alguma vez sentou vertigem ao entrar em um cinema depois de ter estado a pleno sol? Imagine o efeito, encarapitado no alto de uma escala de vinte metros!

— Tem provas do que diz?

Pilguez se meteu uma mão no bolso, tirou um lenço e o deixou sobre a mesa. Desdobrou-o, deixando ao descoberto um pequeno cilindro completamente chamuscado.

— Tenho um fusível carbonizado ao que lhe falta uma zero na amperagem —disse em resposta à expressão interrogativa da Zofia.

— A eletricidade não é meu forte.

— Este traste era dez vezes menos potente do necessário para a carga que devia suportar.

— Isso é uma prova?

— Em qualquer caso, é uma prova de má fé. A resistência podia agüentar cinco minutos como máximo antes de saltar.

— Mas todo isso o que demonstra?

— Que a adega do *Valparaíso* não é o único sítio onde não se vê com claridade.

— O que opina disto a comissão de investigação?

Pilguez toqueteaba o fusível sem poder dissimular sua cólera.

— Opina que o que tenho nas mãos não demonstra nada, posto que não o encontrei no tabuleiro.

— Mas você opina o contrário.

— Sim.

— Por que?

Pilguez fez rodar o fusível sobre a mesa. Zofia tomou para examiná-lo com atenção.

— Encontrei-o debaixo da escada; a sobrecarga de tensão deveu fazê-lo saltar e a pessoa que foi eliminar as pistas não o encontrou. No tabuleiro havia um completamente novo.

— Pensa abrir uma investigação criminal?

— Ainda não. Com isso também tenho um problema.

— Qual?

— O motivo. Que interesse podia haver em fazer que Gómez caísse ao fundo desse barcucho? A quem podia beneficiar o acidente? Tem alguma idéia?

Zofia tratou de controlar o mal-estar que a invadia. Tossiu e ficou uma mão diante da cara.

— Nenhuma.

— Nem a mais leve? —insistiu Pilguez, receoso.

— Nem isso —disse ela, tossindo de novo.

— Lástima —disse Pilguez, levantando-se.

Cruzou o bar, saiu depois de ceder o passo a Zofia e se aproximou de seu carro. apoiou-se na portinhola e se voltou para a Zofia.

— Não tente nunca mentir, lhe dá fatal.

Dirigiu-lhe um sorriso forçado e se sentou ante o volante. Zofia correu para ele.

— Há uma coisa que não lhe hei dito!

Pilguez olhou o relógio e suspirou.

— Ontem à noite, a comissão de investigação tinha decidido que o navio estava fora de suspeita, e ninguém tornou a inspecioná-lo após.

— Então, o que pode havê-los convencido de que troquem de opinião durante a noite? —perguntou o inspetor.

— Quão único sei é que o fato de que as suspeitas recaiam sobre o navio vai provocar outra greve.

— No que beneficia isso à comissão?

— Deve haver uma relação. Procure-a.

— Se a houver, é o que provocou a queda do Gómez.

— Um acidente, uma consequência, uma só finalidade —murmurou Zofia, alarmada.

— Começarei por investigar no passado da vítima para descartar outras hipótese.

— Suponho que é o melhor que se pode fazer —disse Zofia.

— E você aonde vai?

— À assembléia geral dos carregadores.

Separou-se do carro. Pilguez pôs o motor em marcha e se afastou.

Ao sair da zona portuária, telefonou a seu escritório. A coordenadora despreendeu depois do sétimo sinal e Pilguez lhe espetou imediatamente:

— Bom dia, aqui as pompas fúnebres, ao detetive Pilguez lhe deu um desmaio. Há falecido tentando reunir-se com você e queríamos saber se preferir que depositemos seu corpo na delegacia de polícia ou o levemos diretamente a casa.

— Vale! Há um esgoto a duas maçãs daqui, depositem-no ali e eu irei ver o assim que me ponham uma ajudante e não tenha que desprender este telefone cada dois minutos — respondeu Nathalia.

— Muito engenhosa!

— O que quer?

— Não te assustaste nem sequer um pouco?

— Não te dá nenhum desmaio desde que te controlo a glicemia e o colesterol. Claro que às vezes sinto falta da época em que te foste comer ovos às escondidas; pelo menos seu mau humor tinha suas horas baixas. Esta encantadora chamada é para saber algo de mim?

— Tenho que te pedir um favor.

— A isso o chamo eu ter mão esquerda! Escuto-te...

— Olhe no servidor central tudo o que possa encontrar sobre o Félix Gómez, 56 da rua Fillmore, carnê de carregador 54.687. Por certo, eu adoraria saber quem te contou que comia ovos às escondidas.

— Eu também trabalho na polícia, sabe? E você come com a mesma delicadeza que falas!

— E isso o que demonstra?

— Quem leva suas camisas à tinturaria? Bom, deixo-te, tenho seis chamadas em espera e talvez há uma urgência de verdade.

Uma vez que Nathalia teve talhado a comunicação, Pilguez conectou a sereia de seu veículo e deu meia volta.

Fazia falta mais de meia hora para que a multidão se calasse; a reunião tinha começado fazia apenas um momento na esplanada. Maneta acabava de ler o relatório médico do Memorial de São Francisco. Gómez tinha sido submetido a três intervenções cirúrgicas. Os médicos não podiam predizer se algum dia chegaria a estar em condições de reincorporar-se ao trabalho, mas as duas fissuras nas vértebras lombares não tinham afetado à medula espinhal. Seguia inconsciente, mas estava fora de perigo. Um murmúrio de alívio percorreu a assembléia, embora isso não atenuou a tensão que reinava. Os carregadores permaneciam de pé frente à tribuna improvisada entre dois contêineres. Zofia se tinha ficado um pouco à parte, na última fila. Maneta pediu silêncio.

— A comissão de investigação concluiu que provavelmente o estado da escala da adega seja a causa do acidente de nosso companheiro.

O responsável sindical tinha o semblante grave. As condições de trabalho que lhes impunham tinham posto em perigo a vida de um de seus companheiros; uma vez mais, um deles tinha pago com sua integridade física.

Um hilillo de fumaça acre aparecia por detrás da porta de um contêiner que confinava com a tribuna da que Maneta se dirigia aos carregadores.

Depois de acender um cigarro, Ed Heurt tinha aberto o guichê do Jaguar. Colocou o acendedor em seu sítio e cuspiu as fibras de tabaco que lhe tinham aderido à ponta da língua. esfregou-se as mãos, encantado de perceber como aumentava a cólera a uns metros dele.

— Não fica mais remedeio que lhes propor uma parada indefinida do trabalho — concluiu Maneta.

Um pesado silêncio planejava por cima de suas cabeças. Uma a uma, as mãos se levantavam; cem braços se elevaram, e Maneta aprovou com um movimento de cabeça a decisão unânime de seus companheiros. Zofia inspirou profundamente antes de tomar a palavra.

— Não o façam! Estão a ponto de cair em uma armadilha!

Viu como a surpresa se mesclava com a cólera nos rostos que se tornaram para ela.

— Não foi a escala o que provocou a queda do Gómez —prosseguiu Zofia, elevando a voz.

— Por que se mete nisto? —gritou um carregador.

— Iria muito bem que sua responsabilidade como chefe de segurança não se questionasse! —vociferou outro.

— Essa afirmação é injusta! —replicou Zofia, sentindo que a agressividade do ambiente se voltava contra ela—. Me reprova constantemente que tomo muitas precauções respeito a seu segundad, sabem perfeitamente!

O murmúrio cessou uns segundos antes de que outro homem interviesse:

— Então, por que se tem cansado Gómez?

— Certamente, por culpa da escala não —respondeu Zofia, baixando a voz e a cabeça.

Um condutor de trator avançou empunhando uma barra de ferro.

— Te largue, Zofia! Aqui não é bem recebida!

De repente se sentiu ameaçada pelos carregadores, que se aproximavam. Deu um passo atrás e tropeçou com um homem que estava detrás dela.

— Intercâmbio de favores —lhe sussurrou Pilguez ao ouvido—. Você explica a quem beneficia esta greve, e eu a saco deste apuro. Acredito que tem uma ligeira idéia sobre o assunto, e nem sequer terá que me dizer a quem tenta proteger. —Zofia voltou a cabeça para o inspetor, que sorria zombador—. Instinto policial —acrescentou este, fazendo rodar o fusível entre os dedos.

Colocou-se diante dela e apresentou sua placa à multidão, que se deteve imediatamente.

— É muito provável que a senhorita tenha razão —disse, saboreando o silêncio que acabava de impor—. Sou o inspetor Pilguez, da brigada criminal de São Francisco, e os rogo que façam o favor de retroceder uns passos. Padeço de claustrofobia.

Ninguém obedeceu e, do estrado, Maneta perguntou:

— Para que veio, inspetor?

— Para evitar que seus amigos cometam uma tolice e caiam em uma armadilha, como diz a senhorita.

— E o que tem que ver isto com você? —insistiu o chefe do sindicato.

— Isto! Isto tem que ver comigo! —disse Pilguez, levantando o braço com o fusível entre os dedos.

— O que é isso? —perguntou Maneta.

— O que deveria ter garantido que não se cortasse a luz na adega onde Gómez caiu.

Todos os rostos se voltaram para Maneta, que elevou a voz.

— Não vejo aonde quer ir parar, inspetor.

— Gómez tampouco podia ver grande coisa na adega, meu amigo.

O pequeno cilindro de cobre descreveu uma parábola por cima da cabeça dos carregadores. Maneta o agarrou ao voo.

— O acidente de seu companheiro se deveu a um ato de sabotagem —prosseguiu Pilguez—. Este fusível é dez vezes menos potente do que deveria ser, vocês comprovem-nos mesmos.

— Por que ia fazer alguém isso? —perguntou uma voz anônima.

— Para que ficassem em greve —respondeu lacónicamente Pilguez.

— Nos navios há fusíveis por toda parte —disse um homem.

— O que você diz não tem nada que ver com o relatório da comissão de investigação —disse outro.

— Silêncio! —gritou Maneta—. Aceitando que diz a verdade, quem se supõe que está detrás disto?

Pilguez olhou a Zofia e suspirou antes de responder ao chefe do sindicato:

— Digamos que esse aspecto da questão ainda não está claro.

— Então vá-se daqui com seus contos chineses —disse um carregador, empunhando um eixo de cabrestante.

A mão do policial descendeu lentamente para seu pistola. A ameaçadora massa se deslocava para eles, como uma maré ascendente que não demoraria para cobri-los. Zofia reconheceu ao homem que a olhava junto ao estrado, diante de um contêiner aberto.

— Eu conheço que ordenou cometer o crime!

A voz serena do Lucas tinha paralisado aos carregadores. Todos os rostos se voltaram para ele. O jovem empurrou a porta aberta do contêiner, que chiou ao girar sobre suas dobradiças e deixou à vista de todos o Jaguar. Lucas apontou com o dedo ao condutor, que fazia girar febrilmente a chave de contato.

— Circulam avultados envelopes para comprar os terrenos nos que trabalham..., depois da greve, é obvio. Perguntem a ele, é o comprador!

Heurt pôs bruscamente a primeira, os pneumáticos patinaram sobre o asfalto e o carro do vice-presidente do A&H começou sua louca carreira entre as gruas para escapar do furor dos carregadores.

Pilguez ordenou a Maneta que contivera a seus homens.

— Mova-se, antes de que isto acabe em um linchamento!

O chefe do sindicato fez uma careta ao tempo que se esfregava o joelho.

— Tenho uma artrite terrível —se queixou—. A umidade dos moles... O que lhe vamos fazer! São salários do ofício!

Maneta se afastou coxeando.

— Vocês dois não se movam daqui —resmungou Pilguez.

O inspetor deixou ao Lucas e a Zofia para correr na direção para a que se precipitaram os carregadores. Lucas o seguiu com o olhar.

Enquanto a sombra do policial se escapulia detrás de um trator, Lucas se aproximou da Zofia e tomou suas mãos entre as suas. Ela vacilou antes de lhe formular uma pergunta.

— Não é um Verificador, verdade? —disse em um tom esperançoso.

— Não. Não sei do que me fala.

— E tampouco trabalha para o governo.

— Digamos que trabalho para algo... comparável. Mas, de todos os modos, devo-te outras explicações.

OuvIU-se um ruído de chapa ao longe. Lucas e Zofia se olharam e ambos puseram-se a correr na direção de onde tinha vindo o estrondo.

— Se lHe jogarem a luva, não dou um centavo por sua pele! —disse Lucas, correndo a pequenas pernadas.

— Então, reza para que isso não aconteça —repôs Zofia, colocando-se a sua altura.

— Ora, de todas formas, não vale grande coisa! —respondeu Lucas, adiantando-a dois passos.

Zofia voltou a apanhá-lo e o deixou atrás.

— Tem bons pulmões! —exclamou Lucas.

— Disso não posso me queixar!

Lucas fez uma careta de dor enquanto redobrava seus esforços para situar-se em cabeça no lance em ziguezague, entre duas pilhas de contêineres, ao que se aproximavam. Zofia acelerou para impedir que a alcançasse.

— Estão ali—disse, sem fôlego mas ainda em cabeça.

Lucas fez um sprint para apanhá-la. ao longe, uma fumaça branca saía pelo ralo do radiador do Jaguar, parecido na força de um carregador. Zofia inspirou profundamente para manter o ritmo.

— Eu me ocupo dele e você dos carregadores... quando me tiver alcançado —disse, dando outro acelerón.

Rodeou a compacta multidão que cercava o veículo, sem voltar-se para evitar perder uns segundos preciosos. deleitava imaginando a cara que devia pôr Lucas a suas costas.

— Isto é ridículo! Não estamos fazendo uma carreira, que eu saiba! —ouviu-lHe gritar, três passos atrás.

A gente contemplava em silêncio o carro vazio. Um dos carregadores chegou correndo: o vigilante não tinha visto passar a ninguém por diante da guarita; Ed seguia apanhado nos moles e sem dúvida estava escondido em um contêiner. A multidão se dispersou e cada um foi em uma direção, decidido a encontrar ao fugitivo. Lucas se aproximou da Zofia.

— Eu não gostaria de estar em seu lugar!

— Diria-se que desfruta com isto! —repôs ela, exasperada—. O que tem que fazer é me ajudar a localizá-lo antes que eles!

— Fiquei-me sem fôlego, mas a culpa não é minha.

— Que cara! —exclamou Zofia com os braços em jarras—. Quem começou?

— Você!

A voz do Jules os interrompeu.

— Sua conversaço parece lHe apaixone, mas se pudessem deixá-la para mais tarde, possivelmente poderíamos salvar uma vida. me sigam!

Jules lhes explicou pelo caminho que Ed tinha saltado do carro justo depois do choque e se precipitou para a saída do porto. A matilha estava aproximando-se perigosamente a ele quando passou à altura do arco número 7.

— Onde está? —perguntou Zofia, preocupada, caminhando junto ao velho vagabundo.

— Debaixo de um montão de trapos.

Ao Jules havia flanco Deus e ajuda convencer o de que se escondesse dentro de seu carrinho.

— Conheci a poucas pessoas tão antipáticas. Podem acreditar que se há posto exigente? —grunhiu Jules—. Mas quando lhe ensinei a água onde os carregadores foram fazer lhe dar um banho, a cor da espuma o convenceu que minha roupa não estava tão suja.

Lucas, que seguia atrasado, apertou o passo para aproximar-se deles e murmurou:

— Sim! foste você!

— Disso nada! —sussurrou ela, voltando a cabeça.

— Você aceleraste primeiro.

— Que não!

— Bom, já está bem —interveio Jules—. O inspetor está com ele. Terá que encontrar uma maneira de tirar discretamente a esse homem daqui.

Pilguez lhes fez um gesto com a mão e os três lhe aproximaram. O inspetor tomou o mando da operação.

—Estão todos na zona das gruas registrando até o último rincão e não demorarão para vir para aqui. Um de vocês pode ir procurar seu carro sem chamar a atenção?

O Ford estava estacionado em mau sítio; provavelmente os carregadores veriam a Zofia quando fora para buscá-lo. Lucas permaneceu em silêncio, desenhando um círculo com a ponta do pé na terra poeirenta do mole.

Jules assinalou ao Lucas com o olhar a grua que estava depositando nos moles, não longe deles, um Chevrolet Câmara em um estado lamentável. Era o sétimo veículo que tirava da água.

— Eu sei onde encontrar carros perto daqui, mas o motor faz um estranho gorgoteo quando o põe em marcha —sussurrou o velho vagabundo ao ouvido do Lucas.

Ante o olhar interrogativo do inspetor Pilguez, Lucas se afastou resmungando:

— Sou procurar o que necessita.

Retornou ao cabo de três minutos ao volante de um espaçoso Chrysler e o estacionou diante do arco. Jules empurrou o carrinho; Pilguez e Zofia ajudaram ao Heurt a sair. O vice-presidente se tombou no assento traseiro e Jules o tampou por completo com uma de suas mantas.

— E façam o favor de levá-la a limpar antes de me devolver isso disse este ao fechar a portinhola.

Zofia se sentou ao lado do Lucas e Pilguez apareceu ao guichê.

— Não se entrettenham.

— Deixamo-lo na delegacia de polícia? —perguntou Lucas.

— Para que? —repôs o policial, contrariado.

— Vai deixar o livre? —perguntou Zofia.

— A única prova que tinha era um pequeno cilindro de cobre de dois centímetros de comprimento, e tive que me desprender dele para tirá-la do apuro. depois de tudo —acrescentou o inspetor, encolhendo-se de ombros—, os fusíveis servem precisamente para isso, não?... para evitar as sobrecargas de tensão... Vamos, larguem-se!

Lucas pôs a primeira e o carro se afastou entre uma nuvem de pó. Enquanto ainda circulava pelos moles, ouviu-se a voz amortecida do Ed:

— Pagará-me isso, Lucas!

Zofia levantou um extremo da manta, desentupindo o rosto congestionado do Heurt.

— Não acredito que tenha escolhido o momento mais oportuno —disse em um tom circunspeto.

Mas o vice-presidente, que pestanejava de um modo incontrolável, acrescentou:

— Está acabado, Lucas! Não tem nem idéia do poder que tenho!

Lucas freou em seco e o carro patinou ao longo de vários metros. Com as duas mãos apoiadas no volante, Lucas se voltou para a Zofia.

— Baixa!

— O que vais fazer? —repôs ela, inquieta.

O tom no que o jovem repetiu a ordem não admitia réplica. Zofia baixou e o guichê se fechou com um chiado. Heurt viu no retrovisor os olhos escuros do Lucas, que pareciam tornar-se negros.

— É você o que não conhece meu poder, amigo! —disse Lucas—. Mas tranquilo, vou fazer lhe uma demonstração agora mesmo.

Retirou a chave de contato e saiu também do veículo. antes de que tivesse dado um passo, todas as comporta se bloquearam. O regime do motor subiu progressivamente, e quando Ed Heurt se incorporou, a agulha da esfera que estava no centro do salpicadero já marcava 4.500 revoluções por minuto. Os pneumáticos patinavam sobre o asfalto sem que o carro se movesse. Lucas cruzou os braços com cara de preocupação e murmurou:

— Algo não funciona, mas o que é?

Zofia se aproximou dele e o sacudiu sem contemplações.

— O que está fazendo?

No interior do habitáculo, Ed se sentiu apanhado por uma força invisível que o esmagava contra o assento. O respaldo foi brutalmente arrancado e propulsado contra o cristal posterior. Para resistir à força que atirava dele para trás, Heurt se agarrou à correia de pele da poltrona; a costura se rasgou e a correia cedeu. agarrou-se desesperadamente ao punho da porta, mas a aspiração era tão forte que as articulações se o amorrataram antes de abandonar sua vã resistência. quanto mais lutava Ed, mais retrocedia. Com o corpo comprimido por um peso desmesurado, afundava-se inexoravelmente para o interior do porta-malas. Suas unhas arranharam a pele do assento sem mais êxito; assim que esteve no interior do bagageiro, o respaldo do assento voltou a ocupar seu lugar e a força cessou. Ed estava às escuras. No salpicadero, a agulha do contador de rotação ricocheteava contra o batente da esfera. No exterior, o rugido do motor se tornou ensurdecador. Sob as rodas fumegantes, a borracha deixava gordurentas marcas negras. Todo o carro tremia. Zofia, angustiada, precipitou-se para liberar o passageiro; ao ver que o habitáculo estava vazio, assustou-se e se voltou para o Lucas, que toqueteava a chave de contato com expressão preocupada.

— O que tem feito com ele? —perguntou Zofia.

— Está no porta-malas —respondeu ele, absorto—. Algo funciona mau... O que esqueci fazer?

— Está completamente louco! Se soltarem os freios...

Zofia não teve tempo de acabar a frase. Lucas, visivelmente aliviado, meneou a cabeça e fez estalar os dedos. No interior do veículo, a alavanca do freio de mão se liberou e o carro se precipitou por volta do mar. Zofia correu até o bordo do mole e se concentrou na parte traseira do veículo, que ainda me sobressaía da água: o porta-malas se abriu e o vice-presidente apareceu dando tapas nas sujas águas que bordeaban o mole 80. Ed Heurt se afastou como um plugue de cortiça à deriva, dando torpes braçadas para a escada de pedra e cuspidando quanto podia. O carro se afundou, arrastando com ele os grandes projetos imobiliários do Lucas, em cujos olhos se lia o apuro de um menino ao que pilharam com as mãos na massa.

— Não tem um pouco de fome? —disse a Zofia, que se aproximava dele com passo decidido—. Com tudo esta confusão, saltamo-nos a comida.

Ela o fulminou com o olhar.

— Quem é?

— Resulta um pouco difícil de explicar —respondeu ele, incômodo.

Zofia lhe arrebatou a chave das mãos.

— Deve ser o filho do diabo ou seu melhor discípulo, para conseguir fazer essas coisas!

Com a ponta do pé, Lucas riscou uma linha reta justo no centro do círculo que tinha desenhado no pó. Agachou a cabeça e respondeu, como envergonhado:

— Então, ainda não te deste conta?

Zofia retrocedeu um passo, logo dois.

— Sou seu enviado..., seu agente de elite.

Ela se tampou a boca com a mão para afogar o grito que escapava de sua garganta.

— Não, você não... —murmurou, olhando ao Lucas por última vez antes de afastar-se correndo.

Ouviu-o gritar seu nome, mas as palavras do Lucas já não eram mais que umas sílabas entrecortadas pelo vento.

— Merda, você tampouco me havia dito a verdade! —disse Lucas, apagando furiosamente o círculo com o pé.

Em seu imenso despacho, Lúcifer apagou a tela de controle e o rosto do Lucas se converteu em um ínfimo ponto branco que desapareceu no centro do monitor. Satã fez girar a poltrona e pulsou o botão do interfone.

—Faça vir ao Blaise imediatamente!

Lucas foi andando até o estacionamento e abandonou os moles a bordo de um Dodge cinza claro. Uma vez cruzada a barreira, procurou no fundo de seus bolsos um pequeno cartão de visita e a introduziu na viseira. Agarrou o telefone móvel e marcou o número da única jornalista a que conhecia bíblicamente. Amy desprendeu depois do terceiro sinal.

— Sigo sem saber por que foi zangada —disse Lucas.

— Não esperava que me chamasse. marcaste um ponto.

— Tenho que te pedir um favor.

— Acaba de perder o ponto. E eu o que ganho?

— Digamos que tenho um presente para ti.

— Se forem flores, guarda-lhe isso

— É uma exclusiva.

— Que te interessa que publique, suponho.

— Sim, algo assim.

— Só se a notícia vai acompanhada de uma noite tão ardente como a última.

— Não, Amy, não pode ser.

— E se renunciar à ducha, a resposta segue sendo não?

— Sim.

— É desesperador que tipos como você se apaixonem.

— Conecta o magnetófono. É sobre um magnata do mundo imobiliário, cujas contrariedades vão converter te na mais feliz das jornalistas.

O Dodge circulava pela rua Terceira. Lucas cortou a comunicação e girou em Vão Ness caminho do Pacific Heights.

Blaise deu três golpes com os nódulos, secou-se as mãos úmidas na calça e entrou.

— Queria lombriga, Presidente?

— Tem que fazer sempre pergunta idiotas cuja resposta conhece? Fica de pé!

Blaise se ergueu, terrivelmente inquieto. O Presidente abriu uma gaveta, tirou uma pasta vermelha e a empurrou para que se deslizasse até o outro extremo da mesa. Blaise foi buscá-la dando pequenas pernadas, retornou imediatamente e ficou plantado diante de seu chefe.

— Crie que te tenho feito vir para olhar como dá voltas por meu escritório, imbecil? Abre a pasta, cretino!

Blaise levantou com nervosismo a lapela de cartão e reconheceu no ato a foto em que Lucas tinha a Zofia entre os braços.

— Eu adoraria utilizá-la para fazer o cartão de felicitação de fim de ano, mas me falta uma lenda —acrescentou Lúcifer, dando um murro na mesa—. Suponho que você me encontrará isso, posto que é você quem escolheu a nosso melhor agente.

— Uma foto sensacional, verdade? —balbuciou Blaise, ao que lhe suava todo o corpo.

— A ver —disse Satã, apagando o cigarro na bandeja de mármore—, ou seu senso de humor é incompreensível, ou me escapa algum detalhe.

— Não pensará que..., enfim, Presidente..., por favor! —repôs Blaise com afetação—. Todo isto estava previsto e está absolutamente controlado. Lucas tem recursos insuspeitados, decididamente é incrível.

Satanás tirou outro cigarro do bolso e o acendeu.

Aspirou uma profunda baforada e expulsou a fumaça diante da cara do Blaise.

— Tenha muito cuidado com o que diz.

— Vamos a pelo cheque mate Y..., bom, agora estamos nos comendo à rainha do adversário.

Lúcifer se levantou e se aproximou do ventanal. Com as duas mãos apoiadas no cristal, ficou uns instantes pensativo.

— Deixa de metáforas, horrorizam-me. Esperemos que diga a verdade, porque as conseqüências de uma mentira seriam infernais para ti.

— Não tem que preocupar-se com nada! —disse Blaise, retirando-se nas pontas dos pés.

Assim que se teve ficado sozinho, Satã voltou a sentar-se em um extremo da larga mesa e acendeu a tela de controle.

— De todas formas, vamos comprovar duas ou três coisas —resmungou, pulsando de novo o botão do interfone.

Lucas circulava por Vão Ness. Diminuiu a marcha para voltar a cabeça na intercessão com a rua Pacific, abriu o guichê, acendeu a rádio e um cigarro. Ao passar sob os pilares do Golden Gate, apagou a rádio, atirou o cigarro, fechou o guichê e se dirigiu em silêncio para o Sausalito.

Zofia tinha estacionado o Ford ao final do estacionamento. Tinha subido pela escada e saído à superfície no Union Square. Atravessou o pequeno parque e caminhou sem rumo. No passeio que cruzava em diagonal, sentou-se em um banco junto a uma moça que estava chorando. Perguntou-lhe o que lhe passava, mas antes de poder ouvir sua resposta, sentiu que se o fazia um nó na garganta.

— Sinto-o —disse, afastando-se.

Vagou pelas calçadas, parando-se ante as cristaleiras das lojas de luxo. Olhou a porta giratória das lojas de departamentos Macy's e, sem sequer dar-se conta, meteu-se por ela. Nada mais entrar, uma garota vestida de cima abaixo com um uniforme amarelo canário lhe ofereceu orvalhá-la generosamente com o último perfume de moda, Canary Wharf. Zofia rechaçou cortesmente o oferecimento com um sorriso apagado e lhe perguntou onde podia encontrar a colônia Habit Rouge.

A jovem não tentou dissimular sua irritação.

— Segundo mostrador à direita —disse, encolhendo-se de ombros.

Quando Zofia se afastou, a vendedora pressionou duas vezes para suas costas o vaporizador amarelo.

— Outros também têm direito a existir!

Zofia se aproximou do expositor. Levantou timidamente o frasco de amostra, desenroscou o plugue retangular e ficou duas gotas de perfume no reverso da boneca. aproximou-se a mão à cara, aspirou a sutil essência e fechou os olhos. Sob suas pálpebras fechadas, a ligeira bruma que flutuava sob o Golden Gate punha rumo ao norte, para o Sausalito; no passeio deserto, um homem com traje negro caminhava sozinho junto à borda do mar.

A voz de uma dependienta a devolveu à realidade. Zofia olhou a seu redor. Mulheres carregadas com bolsas e pacotes foram daqui para lá.

Zofia baixou a cabeça, deixou o frasco em seu sítio e saiu dos armazéns. Depois se dirigiu de carro ao centro de formação para pessoas com transtornos de visão. A lição do dia não foi mais que silêncio; seus alunos o respeitaram durante toda a classe. Quando soou o timbre, levantou-se da cadeira, sobre o estrado, e lhes disse simplesmente «obrigado» antes de abandonar a sala. Retornou a casa e, ao entrar, viu um grande vaso cheio de suntuosas flores que adornava o vestíbulo.

— Impossível subi-lo acima! —disse Reina, abrindo a porta—. Você gosta? Fica bem na entrada, não?

— Sim—disse Zofia mordiscando o lábio.

— O que te passa?

— Reina, você não é das que digam «lhe tinha advertido isso», verdade?

— Não, esse não é meu estilo.

— Então, poderia pôr este vaso em suas habitações, por favor? —pediu-lhe Zofia com a voz quebrada.

Ato seguido subiu ao primeiro piso. Reina a olhou enquanto subia a escada; quando desapareceu de sua vista, murmurou:

— Havia-lhe isso dito!

Mathilde deixou o periódico e olhou a seu amiga.

—Passaste um bom dia?

— E você? —respondeu Zofia, deixando a bolsa ao pé do perchero.

— Vá resposta! Claro que, te vendo a cara, pergunta-a sobrava.

— Estou cansada, Mathilde.

— Vêem te sentar em minha cama.

Zofia obedeceu. Quando se deixou cair sobre o colchão, Mathilde gemeu.

— Sinto-o —disse Zofia, levantando-se—. E a ti que tal te foi o dia?

— Foi te apaixone —respondeu Mathilde fazendo uma careta—. Tenho aberto a geladeira e soltei um bom impropério, já conhece meu senso de humor..., isso tem feito que um tomate se partisse de risada, e depois me lavei a cabeça com um xampu à salsinha.

— Doe-te muito hoje?

— Só durante a classe de aeróbic. Pode te sentar, mas com cuidado.

Mathilde olhou pela janela e imediatamente acrescentou:

— Não, fica de pé!

— Por que? —perguntou Zofia, intrigada.

— Porque vais voltar a te levantar em seguida —respondeu Mathilde sem deixar de olhar para a rua.

— O que acontece?

— Não posso acreditar que te traga outro —disse Mathilde rendo.

Zofia deu um passo atrás com cara de surpresa.

— Está abaixo?

— É uma macacada. Oxalá tivesse um irmão gêmeo para mim! Espera-te sentado no capô do carro com flores. Vamos, baixa! —disse Mathilde, já só na habitação.

Zofia estava na rua. Lucas ficou de pé e lhe tendeu um nenúfar vermelho que me sobressaía orgulhosamente de um vaso de barro.

— Sigo sem saber quais são suas flores preferidas, mas pelo menos esta te incita a me falar.

Zofia o olhou sem dizer nada. Lucas avançou para ela.

— Me deixe pelo menos que te dê uma explicação.

— Uma explicação do que? —repôs ela—. Não há nada que explicar.

Deu-lhe as costas e entrou em casa, deteve-se no meio do saguão para dar meia volta, saiu de novo à rua, aproximou-se dele sem pronunciar uma só palavra, apoderou-se do nenúfar e voltou a entrar em casa. A porta se fechou atrás dela. Reina lhe cortou o passo e confiscou a flor aquática.

— Eu me ocupo dela, e a ti, dou-te três minutos para subir a te arrumar. Paquera e te faça a tiquismiquis, é muito feminino, mas não esqueça que o contrário de tudo é nada. E nada não é grande coisa... Venha, rápido!

Zofia tentou replicar, mas Reina pôs os braços em jarras e disse em um tom autoritário:

— Não há «mas» que valham!

Ao entrar em suas habitações, Zofia foi diretamente ao roupeiro.

—Não sei por que, mas assim que o vi, pressenti que esta noite compartilharia um jantar ligeiro a sós com Reina —disse Mathilde, admirando ao Lucas através da janela.

— Já está bem! —repôs Zofia, exasperada.

— É claro que sim que está bem, mas que muito bem!

— Não me crave, Mathilde, não é um bom momento.

Zofia desprendeu a gabardina do perchero e se dirigiu para a porta sem despedir-se de seu amiga, que disse em tom categórico:

— As histórias de amor sempre acabam arrumando-se... salvo em meu caso.

— Pára de uma vez, quer? Não tem nem idéia do que está dizendo —repôs Zofia.

— Se tivesse conhecido a meu ex, teria-te feito uma idéia do que é o inferno. Vamos, vete e lhe passe isso bem.

Reina tinha posto o nenúfar em uma mesita. Olhou-o atentamente e murmurou:

— Enfim!

Jogando um olhar a seu reflexo no espelho de em cima da chaminé, arrumou-se apressadamente os cabelos chapeados e se dirigiu sem fazer ruído à entrada. Apareceu a cabeça pela porta e lhe disse em voz baixa ao Lucas, que caminhava acima e abaixo pela calçada:

— Já sai.

Para ouvir os passos da Zofia, apressou-se a entrar em suas habitações.

Zofia se aproximou do carro malva no que Lucas estava apoiado.

— Para que vieste? O que quer?

— Uma segunda oportunidade.

— Nunca se tem uma segunda oportunidade para causar uma primeira impressão boa.

— Eu adoraria te demonstrar esta noite que isso é falso.

— Por que?

— Porque sim.

— É uma resposta pouco satisfatória.

— Porque esta tarde voltei para o Sausalito —disse Lucas.

Zofia o olhou. Era a primeira vez que percebia nele certa fragilidade.

— Eu não queria que caísse a noite —prosseguiu—. Não, é mais complicado. «Não querer» sempre formou parte de mim; o que resultava estranho faz um momento era sentir o contrário. Por uma vez quis!

— Quiseste o que?

— Verte, te ouvir, falar contigo.

— E que mais? Que encontre uma razão para te acreditar?

— Deixa que te leve a jantar. Não rechace meu convite.

— Não tenho fome —disse ela, baixando os olhos.

— Nunca tiveste fome. Não sou só eu quem não o há dito tudo... —Lucas abriu a portinhola do carro e sorriu—. Sei quem é.

Zofia o olhou fixamente e subiu ao carro.

Mathilde soltou a cortina, que se deslizou lentamente sobre o cristal. No mesmo momento, um visillo cobriu uma janela da planta baixa.

O carro desapareceu ao final da rua deserta. Circulavam sem dizer nada sob uma fina chuva outonal. Lucas conduzia devagar; Zofia olhava para fora, procurando no céu respostas às perguntas que se fazia.

— Desde quando sabe? —perguntou.

— Há uns dias —respondeu Lucas, incômodo, esfregando-a queixo.

— Maravilhoso! E durante todo este tempo não há dito nada!

— Você tampouco há dito nada.

— Eu não sei mentir!

— E eu não estou programado para dizer a verdade.

— Então, como quer que não pense que tudo é uma montagem, que estiveste me manipulando desde o começo?

— Porque isso seria subestimar-se. Além disso, poderia ser à inversa, todos os contrários existem. A situação atual parece me dar a razão.

— Que situação?

— Este bem-estar transbordante e estranho. Você e eu neste carro sem saber aonde ir.

— O que quer fazer? —perguntou Zofia, com o olhar ausente volta para os pedestres que caminhavam pelas calçadas úmidas.

— Não sei, nem idéia. Estar a seu lado.

— Para já!

Lucas freou em seco e o carro se deslizou sobre o asfalto molhado para acabar sua carreira ao pé de um semáforo.

— Te senti falta de toda a noite e todo o dia. fui até o Sausalito para passear porque te tinha saudades, mas ali também te sentia falta de. Te tinha saudades e era uma sensação agradável.

— Desconhece o significado dessas palavras.

— Só conhecia seu antônimo.

— Deixa de me fazer a corte!

O semáforo ficou em âmbar e depois em verde, depois outra vez em âmbar e depois em vermelho. Os limpador de pára-brisas apartavam a água impondo seu ritmo ao silêncio.

— Eu não te faço a corte —disse Lucas.

— Eu não hei dito que me fizesse —repôs isso Zofia, movendo veementemente a cabeça—, hei dito que me fazia isso. É distinto!

— E posso continuar? —perguntou Lucas.

— Estão nos fazendo gestos com os faróis.

— Que esperem! Está vermelho!

— Sim, pela terceira vez.

— Não entendo o que me passa, claro que já não entendo nada, mas sei que me sinto bem junto a ti e que essas palavras tampouco formam parte de meu vocabulário.

— É um pouco logo para dizer esse tipo de coisas.

— É que em cima há momentos para dizer a verdade?

— Sim, há-os!

— Pois então necessito urgentemente ajuda. Ser sincero é mais complicado ainda do que pensava.

— Sim, ser honrado é difícil, Lucas, muito mais do que crie, e quase sempre é ingrato e injusto; mas não sê-lo é ver e afirmar que se é cego. Resulta muito complicado te explicar tudo isto. Somos muito diferentes um do outro, muito diferentes.

— Complementares —disse ele, esperançoso—, nisso estou de acordo contigo.

— Não, completamente distintos!

— E pensar que essas palavras saem de sua boca... De verdade, eu acreditava que...

— Ah, agora crie?

— Não seja má. Eu pensava que, em todo caso, a diferença... Mas devia estar equivocado, ou mas bem tinha razão, o que, paradoxalmente, é desolador.

Lucas desceu do carro e deixou a porta aberta. O estrondo de buzinas aumentou quando Zofia pôs-se a correr detrás dele sob a chuva. Chamava-o, mas ele não a ouvia; o toró tinha aumentado. Por fim o alcançou e o agarrou de um braço; ele se voltou e a olhou à cara. Zofia tinha o cabelo pego à cara; Lucas lhe apartou com delicadeza uma mecha rebelde da comissura dos lábios e ela fez um gesto de rechaço.

— Nossos mundos não têm nada em comum, nossas crenças são opostas, nossas esperanças, divergentes, nossas culturas, completamente distintas... Aonde quer que vamos, se todo nos enfrentar?

— Tem medo! —disse ele—. Sim, é isso, o terror te paralisa. É você quem, contra as ordens estabelecidas, nega-se a ver, você, que falava de cegueira e de sinceridade. Passa-te o dia pregando, mas as promessas não são nada se não as acompanharem os atos. Não me julgue. Sim, é certo que sou seu oposto, seu contrário, seu disímil, mas também sou seu semelhante, sua outra metade. Não posso te descrever o que sinto porque não conheço as palavras necessárias para qualificar o que me obceca há dois dias, até o ponto de me permitir acreditar que tudo poderia trocar, meu mundo, como você diz, o teu, o deles. Não me importam nada os combates que livre, dão-me absolutamente igual minhas noites negras e meus domingos, sou um imortal que pela primeira vez tem vontades de viver. Poderíamos nos ensinar um a outro, nos descobrir e acabar por parecemos..., com o tempo.

Zofia lhe pôs um dedo sobre a boca para interrompê-lo.

— Em dois dias?

— E três noites! Mas bem valem uma parte de minha eternidade! —respondeu Lucas.

— Já começa outra vez!

Um trovão estalou no céu; o aguaceiro estava convertendo-se em uma ameaçadora tormenta. Lucas levantou a cabeça e olhou a noite, que era mais escura que nunca.

— Depressa! —disse com decisão—. Temos que ir daqui em seguida, tenho um mau pressentimento.

Sem esperar mais, arrastou a Zofia da mão. Assim que as portinholas estiveram fechadas, saltou-se o semáforo, afastando-se dos condutores pegos a seu pára-choque. Girou bruscamente à esquerda e entrou, a salvo dos olhares indiscretos, no túnel que passava sob a colina. O passo subterrâneo estava deserto e Lucas acelerou na larga reta que desembocava nas portas do Chinatown. Os tubos de néon desfilavam por cima do pára-brisa, iluminando o habitáculo com brilhos brancos luzes de alerta. O limpador de pára-brisas se deteve.

— Deve ser uma má conexão —disse Lucas no momento em que as lâmpadas dos faróis estalavam simultaneamente.

— Mais de uma! —repôs Zofia—. Freia, não se vê quase nada!

— Eu adoraria —respondeu Lucas pisando no pedal, que não opunha nenhuma resistência.

Embora tinha levantado o pé do acelerador, o carro tinha alcançado tal velocidade que não se deteria antes do final do túnel, onde se cruzavam cinco advindas. Isso não implicava nenhuma consequência para ele, sabia que era invencível, mas voltou a cabeça e olhou a Zofia. Em uma fração de segundo, apertou o volante com todas suas forças e gritou:

— Te agarre!

Com mão firme, desviou o veículo para a parede até tocar o meio-fio; grandes faíscas saltaram junto ao guichê. Soaram duas detonações: acabavam de arreventá-los

pneumáticos. O carro deu uma série de inclinações bruscas antes de atravessar-se no meio-fio. O ralo do radiador se chocou contra o trilho de segundad, o eixo traseiro se levantou e o veículo começou a dar voltas de sino. O Buick acabou com o teto no chão, deslizando-se inexoravelmente para a saída do túnel. Zofia apertou os punhos e o carro ficou por fim imóvel a tão somente uns metros do cruzamento. Inclusive cabeça abaixo, ao Lucas bastou olhar a Zofia para saber que estava ileso.

— Não te tem feito nada? —perguntou-lhe ela.

— Está de brincadeira? —repôs ele, sacudindo o pó.

— Isto é o que se chama uma reação em cadeia —disse Zofia, contorsionándose para colocar-se em uma postura menos incômoda.

— Provavelmente, assim saíamos daqui antes de que o próximo elo nos caia em cima —respondeu Lucas, dando uma patada à porta para abri-la.

Rodeou a carcasa fumegante para ajudar a Zofia a sair. Assim que ela esteve em pé, agarrou-a pela mão e a levou correndo. Os dois se escabulleron a toda pressa para o centro do bairro chinês.

—Por que corremos tanto? —perguntou Zofia. Lucas continuou sem dizer nada—. Posso ao menos recuperar minha mão? —disse ela, ofegando.

Lucas a soltou e se deteve ante uma ruela iluminada por umas débeis luz.

— Entremos aí —disse, assinalando um pequeno restaurante—. Estaremos menos expostos.

— Expostos a que? O que acontece? Parece uma raposa à espreita açoitada por uma matilha de cães.

— Depressa! —Lucas abriu a porta, mas já que Zofia não se movia nem um centímetro, aproximou-se dela para arrastá-la para o interior. Ela resistiu—. Não é o momento! —insistiu Lucas, lhe atirando do braço.

Zofia, largou-se e o apartou.

— Acaba de fazer que tenhamos um acidente, obriga-me a correr a toda velocidade quando ninguém nos persegue, tenho os pulmões que me estalam e não me dá nem a mais mínima explicação...

— Vêem comigo, não temos tempo de discutir.

—Por que devo confiar em ti?

Lucas retrocedeu para o pequeno local. Zofia o observava, vacilante, mas acabou por segui-lo. A sala era diminuta; havia oito mesas. Lucas escolheu a do fundo, ofereceu- uma cadeira a Zofia e se sentou também. Não abriu a carta que o ancião vestido com traje tradicional lhe apresentava; limitou-se a lhe pedir cortesmente, em um mandarim perfeito, uma infusão que não figurava na carta. O homem se inclinou antes de dirigir-se à cozinha.

— Ou me explica o que acontece, Lucas, ou vou!

— Acredito que acabo de receber uma advertência.

— Não foi um acidente? Do que querem te advertir?

— De ti!

— Mas por que?

Lucas inspirou antes de responder:

— PORQUE O TINHAM PREVISTO TUDO, SALVO QUE NOS CONHECÊSSEMOS.

Zofia tomou uma porção de pão de camarão-rosa do pequeno bol de porcelana azul e o comeu devagar ante o olhar desconcertado do Lucas. Lhe serve uma taça do chá fumegante que o ancião acabava de deixar sobre a mesa.

— Eu gostaria muitíssimo te acreditar, mas o que faria você em meu lugar?

— Levantaria-me agora mesmo e iria daqui.

— Não irás começar outra vez!

— E preferentemente pela porta de atrás.

— E é isso o que desejaria que fizesse?

— Certamente. Sem te voltar sob nenhum pretexto, quando contar três te levanta e cruzamos a cortina. Já!

Agarrou-a pela boneca e a arrastou sem olhares. depois de atravessar a cozinha a toda velocidade, golpeou com o ombro a porta que dava ao pátio e se abriu aconteço empurrando um contêiner de lixo, cujas rodas chiaram. Zofia compreendeu por fim o que ocorria ao ver uma silhueta que se recortava na escuridão. À sombra de figura humana se somava a da arma automática que apontava em sua direção. Zofia teve uns segundos para constatar com um rápido olhar que três paredes os cercavam, antes de que cinco detonações rasgassem o silêncio.

Lucas se equilibrou sobre ela para cobri-la com seu corpo. Zofia tentou apartá-lo, mas ele a imobilizou contra a parede.

O primeiro disparo lhe deu em uma coxa; o segundo lhe roçou a pélvis e fez que lhe dobrassem os joelhos, mas se recuperou em seguida; o terceiro impacto ricocheteou em suas costelas, lhe produzindo uma dor surpreendente; o quarto projétil fez o mesmo contra a coluna vertebral; Lucas ficou sem respiração e lhe custou recuperá-la. Quando o quinto projétil o alcançou, foi como se uma chama lhe queimasse a carne; a quinta bala era a primeira que penetrava em seu corpo..., sob o ombro esquerdo.

O agressor fugiu imediatamente depois de ter cometido o crime. Quando o eco das detonações se apagou, só ficou a respiração da Zofia para turvar o silêncio. A jovem estreitava entre seus braços ao Lucas, cuja cabeça descansava em seu ombro. Ele tinha os olhos fechados e parecia lhe sorrir ainda.

— Lucas... —sussurrou-lhe ao ouvido, embalando seu corpo inerte. Já que não respondia, sacudiu-o um pouco mais forte.

— Lucas, não faça o parvo, abre os olhos! O parecia dormir com a mesma placidez que um menino abandonado ao sonho. E quanto mais invadia o medo a Zofia, mais forte o abraçava. Quando uma lágrima começou a lhe correr pela bochecha, sentiu que uma força inaudita lhe oprimia o peito e se sobressaltou.

— Isto não podia acontecer, somos...

— Invencíveis?... Imortais? Sim! Tudo tem suas vantagens e suas inconvenientes, verdade? —disse Lucas em um tom quase jovial enquanto se endireitava.

Zofia, olhou-o, incapaz de compreender o estado de ânimo que a invadia. Lucas aproximou lentamente o rosto ao dele; ela resistiu até que os lábios dele roçaram os seu em um beijo de sabor opiáceo. Zofia retrocedeu e se olhou a palma avermelhada da mão.

— Então, por que sangra?

Lucas seguiu o hilillo vermelho que lhe corria pelo braço.

— É absolutamente impossível! Isto tampouco estava previsto! —disse.

Logo se desvaneceu.

Zofia o sustentou entre seus braços.

— O que nos está passando? —perguntou Lucas quando voltou em si.

— No que a mim respeita, é bastante complicado. No que respeita a ti, acredito que uma bala te atravessou o ombro.

— Dói-me!

— Talvez te pareça ilógico, mas é normal. Temos que ir ao hospital.

— Nem pensar!

— Lucas, não possuo nenhum conhecimento médico em demonologia, mas eu diria que tem sangue e que está perdendo-a.

— Conheço alguém na outra ponta da cidade que pode me costurar a ferida —disse, apertando o ombro.

— Eu também conheço alguém, e você vais acompanhar me sem discutir, porque a noite já foi bastante agitada. Acredito que hei talher minha quota de emoções.

Zofia o sujeitou e o levou para o beco. Na entrada viu o corpo de seu agressor, que jazia inânime sob um montão de cubos de lixo. Zofia olhou surpreendida ao Lucas.

— Bom, tenho um mínimo de amor próprio —disse ele, passando de comprimento.

Pararam um táxi, que dez minutos mais tarde os deixou na porta da casa da Zofia. Esta o guiou para a escada de entrada e lhe indicou com um gesto que não fizesse ruído. Abriu a porta com mil precauções e subiram a escada em silêncio. Quando chegaram ao patamar, a porta de Rainha se fechou muito devagar.

Petrificado atrás de sua mesa de trabalho, Blaise apagou a tela de controle. As mãos lhe jorravam e tinha a frente banhada em abundante suor. Quando soou o telefone, conectou a secretária eletrônica e ouviu Lúcifer convidando-o em um tom pouco afável ao comitê de crise que se celebraria à hora do ocaso oriental.

— Convém-te chegar pontual, com soluções e uma nova definição de «está tudo controlado!» —concluiu o Presidente antes de pendurar, furioso.

Agarrou-se a cabeça entre as mãos. Tremendo de cima abaixo, desprende o auricular, que lhe escorreu de entre os dedos.

Miguel olhava a parede coberta de telas que tinha em frente. Desprende o auricular e marcou o número da linha direta de Houston. A secretária eletrônica saltou. encolheu-se de ombros e consultou o relógio: dez minutos mais tarde, o *Ariane V* sairia da rampa de lançamento na Guayana.

Depois de ter instalado ao Lucas em sua cama, com o ombro apoiado sobre duas grosas travesseiros, Zofia se aproximou do armário. Tirou a caixa de costura que estava na prateleira superiora, escolheu uma garrafa de álcool do estojo de primeiro socorros do quarto de banho e voltou para dormitório. sentou-se a seu lado, desentupiu a garrafa e inundou o fio de costurar no desinfetante. A seguir tratou de enhebrar a agulha. —O cerzido vai ser um açougue —disse Lucas sorrindo, zombador—. Está tremendo!

— Disso nada! —repôs ela em tom triunfal, ao tempo que o fio passava por fim através do buraco da agulha.

Lucas lhe agarrou a mão e a apartou com suavidade. Acariciou-lhe uma bochecha e a atraiu para si.

— Temo que minha presença resulte comprometedora para ti.

— Tenho que confessar que as noites em sua companhia estão infestadas de sucessos imprevistos.

— Coisas do chefe.

— Por que tem feito que lhe disparem?

— Para me pôr a prova e chegar às mesmas conclusões que você, suponho. Não deveria ter resultado ferido. Perco meus poderes por estar em contato contigo, e quase seria capaz de rezar para que também acontecesse o contrário.

— O que pensa fazer?

— A ti não se atreverá a te atacar.

Zofia olhou ao Lucas ao fundo dos olhos.

— Não refiro a isso. O que faremos dentro de dois dias?

Lucas roçou com a gema dos dedos os lábios da Zofia e ela deixou que o fizesse.

— No que está pensando? —perguntou-lhe a jovem, confusa, reatando a sutura.

— O dia que caiu o muro do Berlim, os homens e as mulheres descobriram que seus cale eram muito parecidas. A ambos os lados as bordeaban casa, circulavam carros por elas, havia luzes que as iluminavam de noite. Suas sortes e desditas não eram as mesmas, mas tanto os meninos do Este como os do oeste se deram conta de que o oposto não se parecia com o que lhes tinham contado.

— Por que diz isso?

— Porque ouço o Rostropovitch tocar o violoncelo.

— Que obra? —perguntou Zofia, acabando o terceiro ponto de sutura.

— É a primeira vez que a ouço. Né, tem-me feito mal!

Zofia se aproximou do Lucas para cortar o fio com os dentes. Apoiou a cabeça sobre seu torso nu e esta vez se abandonou. O silêncio os unia. Lucas deslizava os dedos entre o cabelo da Zofia, lhe embalando a cabeça com carícias. Ela se estremeceu.

— Dois dias passam voando.

— Sim —sussurrou ele.

— Separarão-nos. É inevitável.

E pela primeira vez, tanto Zofia como Lucas temeram a eternidade.

— Poderia-se negociar que te deixasse vir comigo? —disse Zofia com voz insegura.

— Não é possível negociar com o Presidente, sobre tudo quando lhe plantaste cara. De todas formas, muito me temo que o acesso a seu mundo esteja fora de meu alcance.

— Mas antes havia muitos lugares de passagem entre o Este e o Oeste, não? —disse Zofia, aproximando de novo a agulha ao bordo da ferida. Lucas fez uma careta e proferiu um grito—. Esta zona a deixa muito sensível, apenas te hei meio doido. Tenho que te dar alguns pontos mais.

De repente, a porta se abriu e apareceu Mathilde, apoiada na vassoura que lhe servia de muleta.

— Eu não tenho a culpa de que as paredes de sua casa sejam de papel —disse enquanto se aproximava deles coxeando. sentou-se aos pés da cama—. me Dê essa agulha —lhe disse em tom autoritário a Zofia—. E você, lhe aproxime —ordenou ao Lucas—. Miúda sorte tem! Sou canhota. —Costurou as feridas com mão ágil. Três pontos de sutura a cada lado do ombro bastaram para as fechar—. depois de dois anos detrás da barra de um tugúrio, acaba tendo umas aptidões de enfermeira insuspeitadas, sobre tudo quando está apaixonada por chefe. Por certo, sobre essa questão tenho duas ou três coisas que lhes dizer aos dois antes de voltar para minha cama. Depois farei tudo o que possa para me convencer de que estou dormindo e de que manhã pela manhã me partirei de risada recordando o sonho que estou tendo nestes momentos.

Mathilde se dirigiu a sua habitação com a muleta improvisada. Na soleira da porta, voltou-se para olhá-los.

— Dá igual a sejam ou não o que acredito que são. antes de te conhecer, Zofia, pensava que as verdadeiras oportunidades desta Terra só existiam nas novelas más; ao parecer, as reconhecia precisamente por isso. Mas foi você quem me disse um dia que o pior de nós sempre tem umas asas escondidas em algum sítio, que terá que ajudá-lo às abrir em lugar de condená-lo. Assim date uma verdadeira oportunidade, porque se eu tivesse tido uma com ele, asseguro-te que não a teria desperdiçado. Quanto a ti, o ferido, se lhe amassar embora só seja uma pluma, voltarei a te dar os pontos de sutura com uma agulha de fazer meia. E não ponham essa cara. Seja o que seja o que tenham que confrontar, vos proíbo categoricamente aos dois que lhes dêem por vencidos, porque, se o fizerem, o mundo inteiro vai se vir abaixo, ou em qualquer caso, o meu.

A porta se fechou a suas costas. Lucas e Zofia permaneceram calados. Escutaram seus passos sobre o parqué do salão. Da cama, Mathilde gritou:

— Faz muito que te dizia que esses ire de mosquita morta lhe faziam parecer um anjo! Pois já pode deixar de te encolher de ombros! Não era tão parva como parecia!

Agarrou o interruptor do abajur que estava sobre a mesita e deu um brusco puxão do cabo. O disjuntor saltou imediatamente. A luz da lua se filtrou através dos visillos de todas as janelas. Mathilde se tampou a cabeça com o travesseiro. No dormitório, Zofia se acurruco contra Lucas.

O som dos sinos do Grace Cathedral entrou pela janela entreaberta do quarto de banho. O eco da décima segunda badalada se estendeu sobre a cidade.

E entardeceu e amanheceu...

Quinto dia

Estava clareando o quinto dia e os dois dormiam. Até eles chegava o afresco do amanhecer perfumado de outono pela janela aberta. Zofia se acurruco contra Lucas. Os gemidos do Mathilde a tinham tirado de seu agitado sonho. Se desperezó e em seguida ficou imóvel ao precaver-se de que não estava sozinha. Apartou devagar a manta e se levantou vestida com a roupa do dia anterior. Saiu ao salão nas pontas dos pés.

— Dói-te?

— É que estava em uma má postura. Sinto muito, não queria despertar.

— Não se preocupe, estava médio acordada. vou preparar te um chá. —Zofia entrou na cozinha e contemplou o semblante anti-social de seu amiga—. Acaba de ganhar um chocolate quente! —disse, abrindo o frigorífico.

Mathilde apartou a cortina. Na rua, ainda deserta, um homem saía de uma casa com um cão sujeito de uma correia.

— Eu adoraria ter um lavrador, mas só de pensar em que teria que passeá-lo todas as manhãs me entram vontades de me injetar Prozac diretamente em veia —disse Mathilde, soltando a cortina.

— A gente é responsável pelo que domestica —afirmou Zofia—, e não é minha frase.

— Fez bem em precisá-lo. Têm planos, Lu e você?

— Faz dois dias que nos conhecemos! Além disso, chama-se Lucas.

— E eu o que hei dito?

— Não, não temos planos.

— Pois isso não pode ser. Quando se são dois, sempre se têm planos.

— E de onde tiraste isso?

— É assim, há imagens de felicidade que não temos direito a trocar; podemos as colorir, mas sem saímos dos borde. Um e a gente são dois, dois é igual a casal e casal é igual a projetos. É assim e não de outra maneira!

Zofia rompeu a rir. Na chaleira, o leite subiu; verteu-a na taça e removeu devagar o chocolate em pó.

— Toma, bebe em vez de dizer tolices —disse, lhe levando o preparado fumegante—. Onde viu um casal?

— Põe-me frenética! Faz três anos que te ouço falar do amor, que se isto amor, que se aquilo amor... Do que lhe servem todos esses contos de fadas, se te negar desde o começo a interpretar o papel de princesa?

— Que metáfora tão romântica!

— Sim, muito, mas se não te importa, vá a «metaforear» com ele. Advirto-te que, se não fazer nada, assim que tenha a perna em condições lhe roubo isso sem nenhum remorso.

— Já veremos. A situação não é tão singela como parece.

— Conhece alguma história de amor que seja singela? Zofia, sempre te vi sozinha, e foi você quem me dizia: «Somos os únicos responsáveis por nossa felicidade». Pois bem, minha filha, sua felicidade mede um metro oitenta e cinco e pesa setenta e oito quilogramas de puro músculo, assim, por favor, não passe por seu lado. Tratando-se de felicidade, terá que ficar debaixo.

— Muito engenhoso e muito delicado!

— Não, é pragmático. Por certo, acredito que «felicidade» está despertando, assim faz o favor de ir ver o agora mesmo, porque eu gostaria de respirar um pouco de ar. Vamos, desembaraça o salão, comprido!

Zofia meneou a cabeça e voltou para dormitório. sentou-se aos pés da cama e observou o despertar do Lucas. Desperezarse bocejando lhe dava aspecto de felino. O jovem entreabriu os olhos e imediatamente um sorriso lhe iluminou o rosto.

— Faz muito momento que está aí? —perguntou-lhe.

— Que tal o braço?

— Já não noto quase nada —disse ele, efetuando um movimento de rotação do ombro acompanhado de uma careta de dor.

— Agora sem te fazer o macho: que tal o braço?

— Dói-me horrores!

— Então, descansa. Queria te preparar algo, mas não sei que tomadas para tomar o café da manhã.

— Vinte creps e outros tantos cruasanes.

— Café ou chá? —perguntou ela levantando-se.

Lucas a contemplou; seu semblante se escureceu. Agarrou-a da boneca e a atraiu para si.

— Tiveste alguma vez a impressão de que o mundo te abandonaria detrás de si, a sensação de que, ao olhar cada rincão da habitação que ocupa, o espaço mingua, a convicção de que sua roupa se ficou velha durante a noite, de que em cada espelho seu reflexo interpreta o papel de sua miséria sem nenhum espectador, sem que isso te produza já nenhuma sensação de bem-estar, porque pensa que ninguém te quer e que você não quer a ninguém, que toda essa nada não será mais que o vazio de sua própria existência?

Zofia roçou os lábios do Lucas com a gema dos dedos.

— Não pense isso.

— Então, não me deixe.

— Só ia preparar um café. —aproximou-se dele—. Não sei se a solução existe, mas a encontraremos —sussurrou.

— Não devo deixar que me intumescça o ombro. vá tomar banho te, eu me ocuparei do café da manhã.

Ela aceitou de bom grau e desapareceu. Lucas olhou sua camisa pendurada na estrutura da cama: tinha uma manga manchada de sangue seca e a arrancou. aproximou-se da janela, abriu-a e contemplou os telhados que se estendiam a seus pés; na baía soava a sereia de névoa de um grande cargueiro, como em resposta às badaladas do Grace Cathedral. Fez uma bola com o tecido manchado e a arrojou ao longe antes de fechar a janela. Depois deu uns passos por volta do quarto de banho e pegou uma orelha à porta. O ruído da água o reconfortou; respirou fundo e saiu do dormitório.

— Vou fazer café, quer? —perguntou ao Mathilde.

Lhe mostrou a taça de chocolate quente.

— Deixei os excitantes junto com todo o resto, mas ouvi o das creps e me conformarei com dez por cento do bota de cano longo.

— O cinco como máximo —respondeu Lucas, passando ao outro lado da barra—, e só se me disser onde está a cafeteira.

— Lucas, ontem à noite ouvi alguns fragmentos de sua conversação e a verdade é que era para beliscar-se para comprovar se estava acordada. Na época em que me drogava, não digo..., enfim, não me teria feito nenhuma pergunta, mas agora..., bom, não acredito que a aspirina provoque viagens assim. Do que falavam exatamente?

— Tínhamos bebido muito os dois, devemos dizer muitas tolices. Não se preocupe, pode continuar tomando analgésicos sem medo aos efeitos secundários.

Mathilde olhou a jaqueta que Lucas levava no dia anterior; estava pendurada do respaldo de uma cadeira e tinha as costas acribillada de impactos de bala.

— E sempre que pilham uma fatia lhes dá de lhes dedicar ao tiro de pombinho?

— Sempre —respondeu ele, abrindo a porta do dormitório.

— Em qualquer caso, o corte é bom. Lástima que o alfaiate não lhe reforçasse as ombreiras.

— O direi para a próxima vez, confia em mim.

— Confio em ti. Que te sente bem a ducha.

Reina entrou na habitação e, olhando ao Mathilde, deixou o periódico e uma grande bolsa de massas sobre a mesa.

— Acredito que vou dedicar me ao Bed & Breakfast, e que ninguém critique meus cafés da manhã porque poderia me tirar clientes, nunca se sabe. despertaram-se os tortolitos?

— Estão no dormitório —disse Mathilde.

— Quando lhe disse que o contrário de tudo é nada, não pensei que tomaria tão ao pé da letra.

— Você não viu ao animal com o torso nu!

— Não, mas a minha idade não há muita diferença entre isso e um chimpanzé.

Reina dispunha os cruasanes em uma fonte ao tempo que olhava, intrigada, a jaqueta do Lucas.

— Lhes diga que procurem não levar a à tinturaria da esquina. Sou clienta. Bom, volto-me abaixo.

E sem acrescentar nada mais, saiu ao patamar.

Zofia e Lucas se sentaram à mesa para compartilhar o café da manhã em trio. Assim que Lucas teve engolido a última massa, recolheram as coisas e instalaram comodamente ao Mathilde na cama. Zofia decidiu que Lucas a acompanhasse, e o primeiro que tinha que fazer era uma visita aos moles. Desprende a gabardina do perchero; Lucas dirigiu um olhar de asco à jaqueta, cujo aspecto era lamentável. Mathilde comentou que uma camisa com uma só manga lhe parecia muito original para o bairro aonde ia. Ela tinha uma camisa de homem e se oferecia a emprestar-lhe com a condição de que lhe promettesse devolver-lhe tal como a tinha levado; lhe deu as obrigado. Uns minutos mais tarde, dispunham-se a sair à rua quando a voz de Rainha os chamou o ordem. Estava em meio da entrada com os braços em jarras e observava de cima abaixo ao Lucas.

— Vendo-o assim, há boas razões para pensar que é de constituição forte, mas assim e tudo não tente ao demônio expondo-se a passar frio. me acompanhe.

Entrou em suas habitações e abriu seu velho roupeiro. A porta de madeira chiou sobre suas dobradiças. Reina apartou algumas costure para tirar uma jaqueta pendurada de um cabide e a tendeu ao Lucas.

— Está um pouco antiquada, embora, em minha opinião, o príncipe do Gales não passará nunca de moda, e além disso, o tweed abriga muito.

Ajudou ao Lucas a ficá-la americana, que parecia feita a sua medida, e olhou a Zofia pela extremidade do olho.

— Não tente averiguar de quem era, faz o favor. A minha idade, alguém faz o que lhe dá a vontade com suas lembranças.

dobrou-se em dois e se apoiou no suporte da chaminé fazendo uma careta. Zofia se precipitou para ela.

— O que lhe passa, Reina?

— Nada grave, uma simples dor de ventre, não tem por que te alarmar.

— Está branca como o papel, e parece esgotada!

— Faz dez anos que não tomo o sol, e além disso, a minha idade é inevitável levantar-se alguns dias cansada, assim não se preocupe.

— Não quer que a leve a que a veja um médico?

— Só me faltaria isso! Os médicos que fiquem em sua casa, que eu fico na minha! É a única maneira de me levar bem com eles.

Fez-lhes um gesto com a mão que significava «parte, parte, nota-se que os dois têm pressa».

Zofia vacilou antes de obedecer.

— Zofia...

— Me diga, Reina.

— Esse álbum que tinha tantas vontades de ver, acredito que lhe eu gostaria de ensinar isso Mas são fotos muito especiais e quisesse que as visse a luz do entardecer. É a que melhor vai.

— Como quero, Reina.

— Então, vêm ver-me esta tarde às cinco. E sei pontual.

— Virei, o prometo.

— E agora, parte os dois, já lhes entretive bastante com minhas histórias de velha. Lucas, cuide a jaqueta... Apreciava ao homem que a levava mais que a nada no mundo.

Quando o carro se afastou, Reina deixou cair a cortina da janela e resmungou enquanto arrumava um dos Ramos que adornavam a mesa:

— Comida, teto..., só faltava a roupa!

Baixaram pela rua Califórnia. No semáforo do cruzamento com a rua Polk se detiveram justo ao lado do carro do inspetor Pilguez. Zofia baixou o guichê para saudá-lo. O policial estava escutando uma mensagem que lhe transmitiam por rádio.

—Não sei o que passa esta semana, mas todo mundo se está voltando louco. É a quinta briga séria no Chinatown. Os sotaque, que passem um bom dia —disse, ficando em marcha.

O veículo do policial girou à esquerda com a sereia em marcha; o seu se deteve, dez minutos depois, ao final do mole 80. Olharam o velho cargueiro que se balançava indolentemente no extremo das amarras.

— Me ocorreu uma idéia que possivelmente possa evitar o inevitável —disse Zofia—: te levar comigo.

Lucas a olhou, inquieto.

— Aonde?

— Com meus. Vêm comigo, Lucas.

— Como? Por obra e graça do Espírito Santo? —repôs Lucas com ironia.

— Quando a gente não quer seguir trabalhando para uma empresa, tem que fazer justamente o contrário do que se espera dele. Faz que lhe despeçam!

— Você tem lido meu currículo? Crie que posso apagá-lo ou reescribilo em quarenta e oito horas? E embora pudesse, crie de verdade que sua família me receberia com os braços abertos e o coração transbordante de bons sentimentos? Zofia, antes de que tivesse cruzado a soleira de sua casa, uma horda de guardas se equilibraria sobre mim para me devolver ao lugar de que procedo, e duvido muito que fizesse a viagem de volta em primeira classe.

— Dediquei minha alma a outros, a convencer os de que não se resignem nunca à fatalidade, assim agora me toca, chegou-me o momento de saborear a felicidade, de ser feliz. O paraíso é ser dois, e me mereço isso.

— Pede o impossível. Sua oposição é muito grande, jamais deixarão que nos amemos.

— Bastaria um pouco de esperança, um indício. Tão somente você pode decidir trocar, Lucas; lhes dê uma prova de boa vontade.

— Eu gostaria tanto que o que diz fosse verdade e que resultasse tão fácil!

— Então tenta-o, por favor!

Lucas não respondeu e se fez o silêncio. afastou-se uns passos para o estrave ferrugento do grande casco de navio. Cada vez que suas amarras rangiam ao esticar-se, emitindo uns chiados selvagens, o *Valparaíso* adotava o aspecto de um animal que luta para conquistar a liberdade, para escolher sua última morada: um formoso naufrágio em alta mar.

— Tenho medo, Zofia...

— Eu também. Deixa que te leve a meu mundo, guiarei todos seus passos, aprenderei seus despertar, inventarei suas noites, permanecerei junto a ti. Apagar todos os destinos

escritos, costurarei todas as feridas. Os dias que a cólera te domine, atarei-te as mãos à costas para que não te faça mal, pegarei minha boca à tua para afogar seus gritos e nada será nunca mais igual. E se você estiver sozinho, estaremos sozinhos em casal.

Lucas tomou entre seus braços, roçou-lhe uma bochecha e lhe acariciou uma orelha com o timbre grave de sua voz.

— Se soubesse todos os caminhos que tomei para chegar até ti... Não sabia, Zofia, equivoquei-me muitas vezes e sempre tornei a começar com mais alegria ainda, com mais orgulho. Queria que nosso tempo se detivesse para poder vivê-lo, te descobrir e te amar como merece, mas este tempo nos une sem pertencemos. Eu sou de outra sociedade onde tudo é ninguém, onde tudo é único; eu sou o mal e você o bem, eu sou sua diferença, mas acredito que te amo, assim me peça o que queira.

— Sua confiança.

Abandonaram a zona portuária e o carro subiu pela rua Terceira. Zofia procurava uma grande artéria, um lugar de muito trânsito, povoado de homens e de veículos.

Blaise entrou envergonhado, com o semblante macilento, no grande despacho.

— Vem a me dar a classe particular de xadrez? — gritou o Presidente caminhando acima e abaixo junto ao interminável ventanal—. Volta a me definir o conceito de «cheque mate».

Blaise se aproximou uma grande poltrona negra.

— Fica de pé, cretino! Embora não, sente-se, quanto menos te vejo, melhor me sinto! Bem, para resumir a situação, parece ser que nossa elite trocou que jaqueta.

— Presidente...

— Cala! Ouviste-me te pedir que fale? Viu que minha boca dissesse que meus ouvidos desejam escutar o som de sua voz fanhosa?

— Eu...

— Te cale!

O Presidente tinha chiado tão forte que Blaise se encolheu cinco bons centímetros.

— É inadmissível que o percamos para nossa causa —prosseguiu o Presidente— e é inadmissível que percamos sem mais. Levava toda a eternidade esperando esta semana e não vou permitir que o danifique tudo, verme! Não sei qual era sua definição do inferno até agora, mas é possível que tenha uma nova para ti! Segue calado! arruma-lhe isso para que não volte a ver mover-se seus lábios adiposos. Tem algum plano?

Blaise tomou uma folha de papel e escreveu umas linhas a toda pressa. O Presidente lhe arrebatou a nota e a leu enquanto se afastava para o outro extremo da mesa. Se a vitória parecia comprometida, podia-se interromper a partida e começar de novo. Blaise propunha chamar o Lucas antes de que finalizasse o prazo. Lúcifer, furioso, enrugou o papel antes de jogá-lo contra Blaise.

— Lucas me pagará isso muito caro. Traz-o aqui antes do anoitecer, e esta vez que não te ocorra falhar!

— Não virá de bom grau.

— Insinúas que sua vontade é superior à minha?

— Insinúo simplesmente que terá que morrer...

— Deixando a um lado um pequeno detalhe..., faz tempo que está morto, imbecil!

— Se uma bala tiver podido feri-lo, existem outros meios de alcançá-lo.

— Então, encontra-os em vez de falar!

Blaise se eclipsou. Era meio-dia; o sol ficaria ao cabo de cinco horas, o que lhe deixava pouco tempo para redigir um terrível contrato. Para organizar o assassinato de seu melhor agente, não podia deixar nada em mãos do azar.

O Ford estava estacionado na intercessão do Polk e Califórnia, frente a uma grande superfície comercial. A essas horas do dia, a caravana de carros era interminável. Zofia viu um homem maior com um fortificação, que parecia duvidar em aventurar-se a cruzar pelo passo de zebra. Dispunha de muito pouco tempo para atravessar os quatro sulcos.

— E agora o que fazemos? —perguntou Lucas, desanimado.

— Ajuda-o —respondeu ela, assinalando ao ancião.

— É uma brincadeira?

— Absolutamente.

— Quer que ajude a um velho a cruzar uma avenida? Não me parece tão complicado...

— Então, faz-o.

— Muito bem, vou fazer o —disse Lucas, andando para trás. aproximou-se do homem, mas em seguida voltou sobre seus passos—. Não lhe encontro nenhum sentido ao que me pede.

— Prefere começar te acontecendo a tarde animando a pessoas hospitalizadas? Tampouco é uma coisa muito complicada; basta ajudando-os a assear-se, lhes perguntar como vai, tranquilizá-los sobre a evolução de seu estado, sentar-se a seu lado e lhes ler o periódico...

— Está bem! vou ocupar me do velho!

afastou-se de novo... e imediatamente retornou junto à Zofia.

— Advirto-lhe isso, se esse mucoso daí em frente que está jogando com seu telefone com câmara digital faz uma só foto, mando-o a jogar satélite de uma patada no culo!

— Lucas!

— Vale, vale! Já vou!

Lucas, sem nenhum olhar, arrastou de um braço ao homem, que o olhava desconcertado.

— Não acredito que tenha vindo a contar os carros, assim agarra bem forte o fortificação ou fará em solitário a travessia da rua Califórnia!

O semáforo ficou em vermelho e o casal avançou pelo meio-fio. Na segunda raia do passo de zebra, Lucas começou a suar; na terceira, teve a impressão de que uma colônia de formigas se instalou nos músculos de suas pernas; na quarta, deu-lhe uma violenta câibra. Tinha o coração desbocado, e ao ar cada vez lhe custava mais encontrar seus pulmões. antes de chegar ao centro do meio-fio, Lucas se afogava. A zona protegida permitia fazer um alto, de qualquer forma imposto pela cor do semáforo, que acabava de ficar em verde, igual ao semblante do Lucas.

— Encontra-se bem, jovem? —perguntou o ancião—. Quer que o ajude a cruzar? Não se solte de meu braço, já falta pouco.

Lucas agarrou o lenço de papel que o homem lhe tendia para secá-la frente.

— Não posso! —disse com voz trêmula—. Me resulta impossível! Sinto muito, sinto-o muito!

E saiu correndo para o carro onde Zofia o esperava sentada sobre o capô, com os braços cruzados.

— Pensa deixá-lo aí?

— Estive a ponto de me deixar o pele! —disse Lucas, ofegando.

Zofia, sem sequer ouvir o final da frase, precipitou-se entre os carros, que tocavam a buzina, para alcançar a plataforma central. Uma vez ali, agarrou ao ancião.

— Estou envergonhada, terrivelmente envergonhada. É um principiante, era a primeira vez que o fazia —disse, nervosa.

O homem se arranhou a nuca olhando a Zofia cada vez mais intrigado. Enquanto o semáforo ficava em vermelho, Lucas chamou a Zofia.

— Deixa-o aí! —gritou.

— O que diz?

— Ouviste-me perfeitamente! Eu percorri a metade do caminho para ti; agora toca a ti percorrer a outra metade para mim. Deixa-o onde está!

— Tornaste-te louco?

— Não, lógico! Tenho lido em um magnífico livro do Hilton que amar é compartilhar, dar cada um passo para o outro. Você me pediste o impossível e eu o tenho feito por ti; aceita você também renunciar a uma parte de ti mesma. Deixa a esse homem onde está. Ou o viejecito ou eu!

O ancião lhe deu umas palmadas no ombro a Zofia.

— Não quero interrompê-los, mas ao final vão conseguir que chegue tarde. Vamos, vá reunir-se com seu amigo.

E sem esperar mais, o homem cruzou a outra metade da avenida.

Zofia encontrou ao Lucas apoiado no carro; havia tristeza em seu olhar. Lhe abriu a porta, esperou a que se sentasse e se instalou ao volante, mas o Ford permaneceu imóvel.

— Não me olhe assim, sinto muitíssimo não ter podido chegar até o final —disse.

Ela respirou fundo antes de dizer, pensativa:

— Fazem falta cem anos para que cresça uma árvore e só uns minutos para queimá-lo...

— Sim, mas aonde quer ir parar?

— Irei viver a sua casa. Eu acompanharei a ti, Lucas.

— Nem o pense!

— É claro que sim que sim.

— Não te deixarei fazer isso por nada do mundo.

— Vou contigo, Lucas, está decidido.

— Não poderá.

— Foste você quem me há dito que não me subestime. É realmente paradoxal, mas os teus me receberão com os braços abertos. Insígnia-me o mal, Lucas!

Ele olhou longamente sua singular beleza. Zofia, perdida no silêncio de um entre-dos-universos, estava resolvida a empreender uma viagem cujo destino ignorava mas cuja intenção o fazia não temer nada. E pela primeira vez o desejo se voltou mais forte que a consequência, pela primeira vez amar adquiria um sentido distinto de tudo o que tinha podido imaginar. Lucas arrancou e conduziu depressa para os baixos recursos.

Blaise, superexcitado, desprende o telefone e resmungou que o pusessem com o Presidente ou, melhor ainda, que lhe anunciassem seu iminente visita. secou-se as mãos nas calças e retirou a cinta da grabadora. dirigiu-se correndo para o final do corredor todo o depressa que lhe permitiam suas curtas pernas, como um autêntico pato. Imediatamente depois de ter chamado, entrou no despacho do Presidente, que o recebeu levantando uma mão.

— Te cale! Já sei!

— Eu tinha razão! —exclamou o inefável Blaise sem poder conter-se.

— Talvez! —repôs o Presidente com altivez.

Blaise deu um salto de alegria e se golpeou com força a palma de uma mão com o punho da outra.

— Haverá cheque mate! —seguir dizendo em um tom de satisfação—. Porque eu estava no certo, sim, Lucas é um gênio! atraiu a seu agente de elite a nosso bando, que sublime vitória! —Blaise tragou saliva antes de continuar—: Terá que interromper imediatamente o procedimento, mas necessito sua assinatura.

Lúcifer se levantou e ficou a caminhar junto ao ventanal.

— Pobre Blaise, é tão parvo que alguns dias me pergunto se sua presença aqui não é um engano de orientação. A que hora se executará nosso contrato?

— A explosão terá lugar às cinco em ponto da tarde —respondeu seu subordinado, consultando febrilmente o relógio.

Contavam exatamente com quarenta e dois minutos para cancelar a operação que Blaise tinha preparado.

— Não podemos perder nem um segundo, Presidente!

— Temos tempo de sobra, e nos asseguraremos a vitória sem correr o menor risco de redenção. Não trocaremos nada do que estava previsto..., salvo um detalhe —disse Satã esfregando-a queixo—. Às cinco em ponto, traremos-los para os dois.

— Mas como reagirá nosso adversário? —perguntou Blaise, presa do nervosismo.

— Um acidente é um acidente. Por isso sei, não fui eu quem inventou o azar. Prepara uma recepção para quando chegarem. Só tem quarenta minutos!

O cruzamento da Broadway com a avenida Colombus sempre foi o lugar predileto de todos os vícios do gênero humano. Ali se traficava com droga, com corpos de mulheres e de homens abandonados pela vida. Lucas se situou à entrada de uma estreita e sombria ruela. Sob uma escada médio em ruínas, uma jovem prostituta era vítima de maus entendimentos por parte de seu fanfarrão, que lhe estava dando uma surra brutal.

— Olhe atentamente —disse Lucas—. Este é meu universo, a outra cara da natureza humana, essa contra a que você quer lutar. vá procurar sua parte de bondade nesse montão de imundície, abre bem os olhos e verá a podridão, a decadência, a violência em estado puro. A puta que está morrendo ante ti se deixa humilhar e golpear sem opor resistência pelo homem que a vende. Ficam uns instantes de vida; uns golpes mais e entregará sua degradada alma. Essa é a razão desta terrível aposta que nos une. Queria que te ensinasse o mal, Zofia? Com uma classe é suficiente para que toda sua dimensão te pertença e te comprometa para sempre. Percorre essa ruela, aceita não intervir; já verá, não fazer nada é de uma facilidade desconcertante. Faz como eles, segue seu caminho fazendo caso omissa dessa miséria, eu te esperarei ao outro lado. Quando chegar, terá trocado. É o passado do entre-dos-mundos, o passado do que não há esperança de voltar.

Zofia desceu do carro e este se afastou. entrou em uma penumbra em que cada vez lhe resultava mais difícil dar o seguinte passo. Olhou ao longe e tentou com todas suas forças resistir. Sob seus pés, a ruela se estendia até o infinito em um tapete de pelancas dispersadas que sujavam o tortuoso pavimento.

As paredes estavam imundas. Viu o Sarah, a prostituta, prostrada pelos golpes que choviam sobre ela em rajadas. Tinha na boca múltiplas feridas das que emanava um sangue negro como um abismo, sua cabeça se bamboleava, suas costas estava destrocada, suas costelas rangiam uma atrás de outra sob a inundação de golpes, mas de repente ficou a lutar. Lutava para não cair, para não deixar seu ventre a mercê das patadas que acabariam com a pouca vida que ficava. Ao receber um murro na mandíbula, sua cabeça se estrelou contra a parede; o choque foi inusitado, a ressonância no interior de seu crânio, terrível.

Sarah a viu, como um último brilho de esperança, como um milagre concedido a alguém que acreditava em Deus sempre. Então Zofia apertou os dentes, apertou os punhos, seguiu seu caminho... e diminuiu o passo. detrás dela, a mulher apoiou um joelho no chão, sem encontrar já força nem sequer para gemer. Zofia não via a mão do homem, que se elevava como um maço sobre a nuca resignada da prostituta. Entre uma bruma de lágrimas, dominada por umas náuseas indescritíveis, reconheceu no outro extremo da ruela a sombra do Lucas, que a esperava com os braços cruzados.

deteve-se, todo seu ser se imobilizou, e gritou seu nome. Com um grito de dor que não podia imaginar, chamou-o tão forte que rasgou todos os silêncios do mundo, condenou todos os abismos durante uma fração de segundo que ninguém viu. Lucas correu para ela, passou de comprimento, agarrou ao homem e o jogou no chão. Este se levantou imediatamente e se equilibrou sobre ele. Lucas lhe respondeu com uma violência indescritível e o homem se retorceu. Sangrando-se, delatava a tragédia de sua arrogância derrotada, último terror que o acompanhava na morte.

Lucas se agachou ante o corpo inanimado do Sarah. Tomou o pulso, deslizou as mãos por debaixo de seu corpo e a levantou.

— Vêem —disse a Zofia em voz baixa—, não podemos perder tempo. Você conhece melhor que ninguém o caminho do hospital; guíame, eu conduzirei, você não está em condições de fazê-lo.

Tenderam a jovem no assento traseiro, Zofia tirou o girofaro do porta-luvas e conectou a sereia. Eram as quatro e meia, o Ford se dirigia a toda velocidade ao hospital Memorial de São Francisco, estariam ali apenas um quarto de hora mais tarde.

Assim que chegaram a urgências, dois médicos, um deles reanimador, fizeram-se cargo imediatamente do Sarah. A garota tinha a caixa torácica afundada, as radiografias mostraram um hematoma no lóbulo occipital sem lesão cerebral aparente e um politraumatismo facial. Um exploratório confirmaria que sua vida não estava em perigo, embora tinha faltado pouco.

Lucas e Zofia saíram do estacionamento.

— Está mais branca que o papel. Não foste você quem lhe pegou, Zofia, fui eu.

— Fracassei, Lucas, sou incapaz de trocar, como você.

— Se o tivesse conseguido, te teria odiado. O que me atrai de ti é o que é, Zofia, não o que seria para te adaptar a mim. Eu não quero que troque.

— Então, por que tem feito isso?

— Para que compreenda que minha diferença é também a tua, para que não me julgue, como tampouco eu julgo a ti, porque a falta de tempo que nos afasta poderia também nos aproximar.

Zofia olhou o relógio do salpicadero e se sobressaltou.

— O que te passa?

— Vou faltar à promessa que lhe tenho feito a Reina e vou lhe dar um desgosto. Sei que terá feito um chá, que se terá acontecido a tarde preparando doces e que me espera.

— Não é tão grave. Desculpará-te.

— Sim, mas se sentirá decepcionada. Jurei-lhe que seria pontual; era importante para ela.

— A que hora tinham ficado?

— Às cinco em ponto.

Lucas olhou seu relógio; eram as cinco menos dez e o trânsito que havia lhes deixava poucas esperanças de cumprir a promessa da Zofia.

— Chegará com um quarto de hora de atraso como muito.

— Será muito tarde, pôs-se o sol. Ela precisava determinada luz para me ensinar as fotos; era uma espécie de apoio, de pretexto para abrir certas páginas de sua memória. trabalhei tanto para que seu coração se liberasse... Devia-lhe estar a seu lado. A verdade é que já não sou grande coisa.

Lucas olhou de novo seu relógio e acariciou a bochecha a Zofia fazendo uma careta.

— Vamos dar outra vueltecita com o girofaro e a sereia postos. Ficam sete minutos para chegar a tempo, assim não terá que eternizar-se. te grampeie o cinturão!

O Ford se passou imediatamente ao sulco esquerdo e subiu pela rua Califórnia a toda velocidade. No norte da cidade, todos os semáforos se compassaram para formar uma magnífica avenida de luzes vermelhas e deixar livres todos os cruze pelos que aconteciam.

— Já vou, já vou! —respondeu Reina à campanha que avisava do final da cocção.

agachou-se para tirar a bolacha do forno de gás. A bandeja quente pesava muito para que pudesse sustentá-la com uma só mão. Deixou aberta a porta do forno e pôs a bolacha sobre o banco da cozinha. Procurando não queimar-se, passou-o a uma tabela de madeira e, com uma faca larga e fina, começou a cortá-lo. enxugou-se a frente e notou que umas gotas lhe escorregavam pela nuca. Ela nunca suava; devia ser por causa desse terrível cansaço que sentia da manhã. Deixou um momento a bolacha para ir ao dormitório. Uma rajada de ar entrou então na cozinha. Quando retornou, Reina olhou o relógio e se apressou a colocar as taças na bandeja. A suas costas, uma das sete velas dispostas sobre a superfície de trabalho se apagou, a que estava mais perto da cozinha de gás.

O Ford girou em Vão Ness e Lucas aproveitou a curva para consultar o relógio: ainda tinham cinco minutos para chegar à hora. A agulha do velocímetro se deslocou para os números mais altos.

Reina se aproximou do velho armário e abriu a porta, cuja madeira rangeu. Suas mãos, delicadamente manchadas pelos anos, meteram-se sob a pilha de roupa branca de encaixe, antiga, e seus frágeis dedos se fecharam sobre o álbum de tampas de pele esquadrejadas. Fechou os olhos e as cheirou antes de deixar o álbum no chão, sobre o tapete estendido no centro do salão. Só lhe faltava esquentar a água e toda estaria a ponto; Zofia chegaria de um momento a outro. Notou que o coração lhe pulsava um pouco mais depressa e se concentrou em controlar a emoção que a dominava. Voltou para a cozinha e se perguntou onde tinha podido deixar os fósforos.

Zofia se agarrava o melhor que podia da asa de em cima da portinhola. Lucas lhe sorriu.

— Não te pode nem imaginar a quantidade de carros que conduzi sem raiar jamais nenhum! Dois semáforos mais e chegaremos a sua rua. te relaxe, só são as cinco menos dois minutos.

Reina rebuscou nas gavetas do aparador, depois nos do trincherio e por último nos da despensa sem nenhum resultado. Apartou a cortina de debaixo do banco e olhou atentamente nas prateleiras. Ao levantar-se, sentiu uma ligeira vertigem e sacudiu a cabeça antes de seguir procurando.

—Mas onde as terei metido? —resmungou.

Olhou a seu redor e finalmente viu a cajita sobre o rebordo do fogão.

—Se chegar a ser um touro... —disse-se, fazendo girar a chave do queimador.

Os pneumáticos do carro chiaram na curva. Lucas acabava de entrar no Pacific Heights e a casa estava a menos de cem metros. Anunciou-lhe com orgulho a Zofia que chegaria como muito com quinze segundos de atraso. Desconectou a sereia... e, na cozinha, Reina acendeu o fósforo.

A explosão fez estalar imediatamente todos os cristais da casa. Lucas pisou com os dois pés o pedal do freio e o Ford deu um inclinação brusca, evitando pelos cabelos a porta de entrada, que tinha saído disparada para a rua. Zofia e Lucas se olharam, horrorizados: a planta baixa estava envolta em chamas, era-lhes impossível cruzar semelhante muro de fogo. Eram as cinco... e apenas uns segundos.

Mathilde tinha sido projetada ao centro do salão. A seu redor, tudo estava pelo chão: a mesita jazia a seu lado, o quadro de em cima da chaminé se quebrado ao cair, pulverizando mil fragmentos de cristal sobre o tapete. A porta do frigorífico pendurava das dobradiças, o grande abajur se balançava, perigosamente suspensa dos cabos elétricos. Um aroma acre de fumaça se filtrava já através do chão. Mathilde se incorporou e se passou as mãos pela cara para retirar o pó que a cobria. O estuque se rachou de cima abaixo. Separou com decisão os borde e a arrojou longe. Fazendo provisão de todas suas forças, apoiou-se no respaldo da cadeira derrubada e se levantou. Avançou coxeando entre os escombros, tocou a porta de entrada e, como não estava quente, saiu ao patamar e se aproximou do corrimão. Ao aparecer, viu por onde poderia abrir-se caminho entre os numerosos focos do incêndio e começou a baixar a escada fazendo caso omissos das dolorosas pontadas que sentia na perna. No saguão, a temperatura era insuportável; tinha a impressão de que o cabelo e as pestanas lhe foram incendiar de um momento a outro. Diante dela, uma viga ao vermelho vivo se desprende do teto, arrastando em sua queda uma chuva de brasas avermelhadas. O concerto de rangidos de madeira era ensurdecedor, o ar que aspirava lhe queimava os pulmões; cada vez que inspirava, Mathilde se asfixiava. O último degrau despertou muito vivamente a dor, as pernas lhe falharam e caiu quão larga era. No chão, aproveitou o pouco oxigênio que ficava na habitação. Inspirou e exaltou a costa de grandes esforços e se rehízo. A sua direita havia uma enorme brecha na parede; bastaria-lhe arrastar uns metros para salvar a vida. Mas a sua esquerda, à mesma distância. Reina jazia de barriga para cima.

Seus olhares se cruzaram através de um véu de fumaça. Reina lhe indicou com a mão que partisse e lhe assinalou a abertura.

Mathilde ficou em pé com um grito de dor. Apertando as mandíbulas até quase partilos dentes, avançou para Reina. Cada passo atirava um murro em sua carne. Apartou os farrapos de artesanado lambidos pelo fogo e continuou avançando. Entrou nas habitações de Rainha e se tendeu a seu lado para recuperar o fôlego.

— Vou ajudar a levantar-se, você agarre-se a mim —disse, ofegando.

Reina pestanejou em sinal de assentimento. Mathilde passou um braço por debaixo da nuca da anciã e tentou levantá-la.

A dor foi insuportável, uma constelação de estrelas a cegou, perdeu o equilíbrio.

— Te salve você —disse Reina—. Não discuta e sal daqui. Lhe diga a Zofia de minha parte que a quero; lhe diga também que me encantou conversar contigo, que é muito carinhosa. É uma garota maravilhosa, Mathilde, tem um coração de ouro; simplesmente deve tratar de escolher melhor a quem o entrega. Vamos, vete antes de que seja muito tarde. De todas formas, queria que pulverizassem minhas cinzas ao redor da casa, assim mais ou menos se cumpriu minha vontade.

— Acredita que há uma pequena possibilidade de que eu seja menos cabezota que você a sua idade? Recupero o fôlego em dois segundos e voltamos a tentá-lo. Sairemos daqui as duas juntas... ou não sairemos.

Lucas apareceu no oco da porta e avançou para elas. ajoelhou-se diante do Mathilde e lhe explicou como foram sair os três de entre as chamas.

tirou-se a jaqueta de tweed, cobriu-lhe a cabeça a Reina para lhe proteger a cara e tomou em braços. Quando deu o sinal, Mathilde se agarrou a seus quadris e o seguiu perfeitamente pega a seu corpo, que fazia de tela. Uns segundos mais tarde, os três escapavam do inferno.

Lucas continuou sustentando em braços a Reina, enquanto que Mathilde se abandonou entre os da Zofia, que se tinha aproximado correndo a ela. As sereias dos serviços de urgências se aproximavam. Zofia tendeu a seu amiga sobre a grama da casa contígua.

Reina abriu os olhos e olhou ao Lucas com um sorriso malicioso na comissura dos lábios.

— Se me houvessem dito que um jovem tão bonito...

Mas um acesso de tosse lhe impediu de prosseguir.

— Conserve as forças.

— Sinta-te bem o papel de príncipe azul, mas deve estar míope perdido, porque, francamente, a seu redor há coisas muito melhores que a que tem em braços.

— Você possui um grande encanto, Reina.

— Sim, tanto como uma bicicleta antiga em um museu! Não a perca, Lucas; há enganos que um não se perdoa nunca, me acredite. E agora, se tiver a bondade de me deixar no chão, acredito que outro vai vir a me buscar.

— Não diga tolices.

— E você não as faça.

Os serviços de urgências acabavam de chegar. Os bombeiros se ocuparam imediatamente do incêndio. Pilguez correu para o Mathilde e Lucas se aproximou dos dois

homens que empurravam uma maca. Ajudou-os a tombar a Rainha. Zofia se reuniu com ele e subiu à ambulância.

— Veremo-nos no hospital! Deixo ao Mathilde a seu cargo!

Um policial tinha pedido outra ambulância, mas Pilguez fez cancelar a ordem. Para ganhar tempo, levaria ao Mathilde ele mesmo. Ordenou ao Lucas que o acompanhasse e entre os dois a levantaram para instalá-la no assento traseiro do veículo. A ambulância de Rainha já estava longe.

Na ambulância, um torvelinho de luzes azuis e vermelhas cintilava dentro do habitáculo. Rainha olhou pelo guichê e apertou a mão da Zofia.

— É curioso, o dia que vamos, pensamos em tudo o que não vimos.

— Estou aqui, Rainha —murmurou Zofia—. Descanse.

— Todas minhas fotos se queimaram menos uma. Levei-a em cima, escondida, toda a vida. Era para ti, lhe queria dar isso esta noite.

Rainha alargou um braço e abriu a mão, que estava vazia. Zofia a olhou, desconcertada, e Rainha lhe sorriu.

— Pensaste que tinha perdido a presilha, né? É a foto do filho que nunca tive, sem dúvida teria sido a mais bonita. Toma-a e lhe guarda isso junto ao coração; o meu a jogou muito de menos. Zofia, sei que um dia fará algo que me orgulhará para sempre. Queria saber se o Bachert era simplesmente um conto bonito... Direi-te a verdade. Corresponde a cada um fazer que sua história seja verdadeira. Não renuncie a sua vida e luta.

Rainha lhe acariciou uma bochecha com ternura.

— E te aproxime que te dê um beijo. Se soubesse quanto te quero! Deste-me anos de autêntica felicidade.

Estreitou a Zofia entre seus braços e lhe ofereceu nesse abraço todas as forças que ficavam.

— Agora vou descansar um pouco, vou ter muito tempo para descansar.

Zofia respirou fundo para conter as lágrimas. Apoiou a cabeça no peito de Rainha, que respirava lentamente.

A ambulância chegou à entrada de urgências e as comporta se abriram. Levaram-se a Rainha e, pela segunda vez essa semana, Zofia se sentou na sala de espera reservada aos familiares dos pacientes.

No interior da casa de Rainha, as tampas de pele esquartejadas de um velho álbum acabavam de consumir-se.

Comporta-as se abriram de novo para dar passo ao Mathilde, sustentada pelo Lucas e Pilguez. Uma enfermeira se precipitou para eles empurrando uma cadeira de rodas.

— Deixe-o! —disse Pilguez—. Nos ameaçou indo-se se a sentávamos aí!

A enfermeira recitou de cor o regulamento das admissões no hospital e Mathilde se rendeu às razões das asseguradoras sentando-se a contra gosto na cadeira de rodas. Zofia se aproximou dela.

— Como te encontra?

— De maravilha.

Um interno foi procurar ao Mathilde e a levou a um box para examiná-la. Zofia prometeu esperá-la.

— Não muito! —disse Pilguez a suas costas.

Zofia se voltou para ele.

— Lucas me contou isso tudo no carro —acrescentou.

— O que lhe há dito?

— Que certos assuntos imobiliários não só lhe tinham granjeado amigos. Zofia, acredito muito a sério que estão os dois em perigo. Quando vi seu amigo no restaurante faz uns dias, pensei que trabalhava para o governo e não que tinha ido ver a você. Duas explosões de gás em uma semana, em dois lugares onde você estava, é muita coincidência.

— A primeira, a do restaurante, acredito que foi um acidente de verdade —disse Lucas do outro extremo da sala.

— Talvez —respondeu o inspetor—. Em qualquer caso, é um trabalho de profissionais, porque não conseguimos encontrar o menor indício que permita supor que se trata de outra coisa. Os que organizaram isto são demoníacos, e não sei o que pode detê-los enquanto não tenham alcançado seu objetivo. A vocês terá que protegê-los, e terá que me ajudar a convencer a seu amiguinho de que colabore.

— Será difícil.

— Faça-o antes de que ardam todos os bairros da cidade! Enquanto isso, levarei-a a um lugar seguro onde passar a noite. O diretor do Sheraton do aeroporto me deve alguns favores e chegou o momento de que se os cobre. Receberá-a no mais absoluto segredo. Vou chamar o e a acompanharei. vá despedir se de seu amiga.

Zofia apartou a cortina e entrou no box onde estava Mathilde.

— O que lhe hão dito? —perguntou-lhe, aproximando-se dela.

— Nada importante. vão pôr me um estuque novo e querem me ter em observação para assegurar-se de que não inalei muitos fumaças tóxicas. Os pobres! Se soubessem todas as coisas tóxicas que me trouxe, não estariam tão preocupados! Como está Reina?

— Não muito bem. A levaram a unidade de queimados. Está dormindo e não podemos vê-la; puseram-na em uma habitação esterilizada, no quarta andar.

— Virá a me buscar amanhã?

Zofia se voltou de costas e olhou o painel luminoso onde estavam penduradas as radiografias.

— Mathilde, não acredito que possa vir.

— Não sei por que, mas o suspeitava. É o destino dos amigos, alegrar-se de que o outro rompa um dia seu celibato, embora isso signifique a solidão para um. Vou ter saudades muito os momentos que passamos juntas.

— Eu também. Vou de viagem, Mathilde.

— Estará muito tempo fora?

— Sim, bastante.

— Mas voltará, não?

— Não sei.

A tristeza nublou os olhos ao Mathilde.

— Acredito que compreendo. Vive, Zofia, o amor acaba logo, mas as lembranças duram muito tempo.

Zofia abraçou com força ao Mathilde.

— Será feliz? —perguntou esta.

— Ainda não sei.

— Poderemos nos telefonar de vez em quando?

— Não, não acredito que seja possível.

— Tão longe está o sítio aonde te leva?
 — Muito longe. Por favor, não chore.
 — Não choro, é que ainda me picam os olhos da fumaça. Vamos, vete.
 — Cuida —disse Zofia em voz baixa, afastando-se.
 Apartou a cortina e voltou a olhar a seu amiga com os olhos cheios de tristeza.
 — Lhe poderá arrumar isso sozinha?
 — Te cuide você também... por uma vez —disse Mathilde.
 Zofia sorriu e o véu branco caiu de novo.

O inspetor Pilguez ia ao volante e Lucas a seu lado. O motor já estava em marcha. Zofia subiu detrás. O veículo se afastou do hospital e tomou a direção da auto-estrada. Nenhum dizia nada.

Zofia, muito afetada, revivia algumas lembranças projetadas nas fachadas e os cruze que desfilavam depois do guichê. Lucas inclinou o retrovisor para olhá-la; Pilguez fez uma careta e o endireitou. Lucas esperou uns segundos e voltou a deslocá-lo.

— Incomoda-lhe que conduza? —grunhiu Pilguez, colocando-o bem de novo.

Baixou a viseira do lado do passageiro, deixou à vista o espelho e apoiou as mãos no volante.

O carro saiu da auto-estrada 101 à altura do passeio South Airport. Ao cabo de uns instantes, o inspetor estacionava no estacionamento do Sheraton.

O diretor do hotel lhes tinha reservado uma suíte no sexto andar, a última. Tinham sido registrados com o nome do Oliver e Mary Sweet. Pilguez lhes tinha explicado, encolhendo-se de ombros, que não havia nada melhor para chamar a atenção que os Doe e os Smith. antes de despedir-se, aconselhou-lhes que não saíssem da suíte e que chamassem o serviço de habitações para que lhes levassem o que gostasse de comer. Deu-lhes o número de sua busca e lhes informou que iria buscá-los o dia seguinte antes de meio-dia. Se aborreciam, podiam ficar a redigir um relatório sobre os acontecimentos da semana, assim economizariam trabalho a ele. Lucas e Zofia lhe deram as obrigado o suficiente para que se sentisse incômodo e partiu, carrancudo, alternando os «adeus» com alguns «seja vale, seja vale». Eram as dez da noite quando a porta da suíte se fechou atrás deles.

Zofia se meteu no quarto de banho. Lucas se tombou na cama, agarrou o mando a distância do televisor e começou a passar de uma cadeia a outra. Os programas lhe fizeram bocejar em seguida e apagou o aparelho. Ouvia o ruído da água ao outro lado da porta; Zofia estava tomando banho. olhou-se a ponta dos sapatos, colocou bem a volta das calças, juntou os joelhos e atirou da raia. levantou-se, abriu o minibar, fechou-o em seguida, aproximou-se da janela, apartou o visillo, viu o estacionamento deserto e voltou a tombar-se. Observou sua caixa torácica, que se inchava e desinchava ao ritmo de sua respiração, suspirou, examinou a tela do abajur da mesinha de noite, deslocou o cinzeiro ligeiramente à direita e abriu a gaveta. Chamou-lhe a atenção o livro, de tampa dura, com o nome do hotel gravado; tirou-o e começou a ler. As primeiras linhas o sumiram em um completo desconcerto. Prosseguiu a leitura passando as páginas cada vez mais depressa. Ao chegar à sétima, levantou-se fora de si e bateu na porta do quarto de banho.

— Posso passar?

— Um momento —disse Zofia, ficando um penhoar.

Quando abriu, encontrou-o indignado, caminhando acima e abaixo ante a porta.

— O que acontece? —perguntou, inquieta.

— Passa que ninguém respeita já nada! —Agitou o livrinho que tinha na mão e prosseguiu, assinalando a coberta—: Este Sheraton copiou que cabo a rabo o livro do Hilton! E sei do que falo, é meu autor preferido.

Zofia lhe tirou o livro das mãos e o devolveu imediatamente.

— É a Bíblia, Lucas! —Ante sua expressão interrogativa, acrescentou, desanimada—: Esquece-o!

Não se atrevia a lhe dizer que tinha fome, mas ele o adivinhou pela forma em que folheava o folheto do serviço de habitações.

— Há uma coisa que eu gostaria de entender —disse Zofia—. por que põem horários diante do menu de cada comida do dia? O que significa isso? Que passadas as dez e meia da manhã têm que guardar os cereais em uma caixa forte provida de fechadura programada, que não poderão abrir até o dia seguinte? É um pouco estranho, a verdade! E se gosta de comer cereais às dez e meia da noite? E olhe, fazem o mesmo com as creps! Claro que não há mais que olhar a longitude do cabo do secador de cabelo para entendê-lo tudo! que inventou esse sistema devia ser calvo. Tem que te pôr a dez centímetros da parede para te secar uma mecha.

Lucas tomou entre seus braços e a estreitou contra si para acalmá-la.

— Está-te voltando muito exigente!

Ela olhou a seu redor e se ruborizou.

— Pode ser.

— Tem fome.

— Absolutamente.

— Eu acredito que sim.

— Está bem, tomarei um bocado, mas só para te agradar.

— Frosties ou Special K?

— Esses que rangem ao mascá-los.

— Frise Krispies. Eu me encarrego de pedi-los.

— Sem leite.

— Nada de leite —disse Lucas, desprendendo o telefone.

— Mas açúcar sim, muito açúcar.

— Peço-o também.

Quando pendurou, foi sentar se ao lado dela.

— Não pediste nada para ti? —perguntou Zofia.

— Não, não tenho fome —respondeu Lucas.

depois de que o serviço de habitações lhes entregasse o que tinham pedido, Zofia estendeu uma toalha sobre a cama e pôs a comida em cima. Cada vez que tomava uma colherada, dava- outra ao Lucas, que a aceitava de bom grau. Um relâmpago iluminou o céu ao longe. Lucas se levantou e correu as cortinas. Logo voltou a tender-se ao lado dela.

— Amanhã encontrarei uma solução para escapar deles —disse Zofia—. Tem que haver uma maneira.

— Não diga nada —murmurou Lucas—. Tivesse querido acontecer domingos fantásticos, viver manhãs contigo sonhando que haveria muitos mais, mas só fica um dia, e quero que esse o vivamos de verdade.

O penhoar da Zofia se abriu um pouco e ele o fechou. Ela aproximou os lábios aos seus e murmurou.

— Tome.

— Não, Zofia, as pequenas asas que tem tatuadas no ombro lhe sintam muito bem e não quero que as queime.

— Quero ir contigo.

— Mas não assim, não para isso.

Lucas procurou provas o interruptor do abajur. Zofia se acurrucó contra ele.

Em sua habitação do hospital, Mathilde apagou a luz. Essa noite também dormiria justo em cima da cama de Rainha. Os sinos da catedral deram as doze.

E entardeceu e amanheceu...

Sexto dia

Aproximou-se nas pontas dos pés à janela enquanto Lucas seguia dormindo. Tinha aberto as cortinas para descobrir o amanhecer de uma manhã de novembro. Olhou o sol que atravessava a bruma e se voltou para contemplar ao Lucas, que estava desperezándose.

— Dormiste? —perguntou o jovem.

Ela se ajustou o penhoar e apoiou a frente no cristal.

— Pedi-te o café da manhã, não demorarão para trazê-lo. vou arrumar me.

— Tão urgente é? —disse ele, agarrando a da boneca para atrai-la para si.

Zofia se sentou no bordo da cama e lhe aconteceu uma mão pelo cabelo.

— Sabe o que é o Bachert? —perguntou-lhe.

— Soa-me, devi que ler essa palavra em algum sítio —respondeu Lucas, franzindo o sobrecenho.

— Não quero que nos rendamos.

— Zofia, o inferno nos pisa nos talões, só fica até manhã e nenhum lugar aonde fugir. Fiquemos aqui os dois e vivamos o tempo de que dispomos.

— Não, eu não pregarei a sua vontade. Não sou um peão em seu tabuleiro e quero encontrar o movimento que eles não tenham previsto. Sempre há um rebelde que se esconde entre os impossíveis.

— Está falando de um milagre, e essa não é precisamente minha especialidade.

— Mas se supõe que é a minha! —disse ela, levantando-se para abrir ao garçom do serviço de habitações.

Assinou a nota, fechou a porta e empurrou a mesa com rodas até o dormitório.

— Agora estou muito longe de seus pensamentos para que possam me ouvir —disse.

Zofia encheu uma taça de cereais e os cobriu com três sobrecitos de açúcar.

— De verdade não quer leite? —perguntou Lucas.

— Não, obrigado, abranda-os.

Olhou pela janela a cidade que se estendia ao longe e sentiu que a cólera a invadia.

— Não posso olhar estas paredes a meu redor e me dizer que agora são mais imortais que nós! Põe a cem!

— Bem-vinda à Terra, Zofia!

Lucas entrou no quarto de banho e deixou a porta entreabrida. Zofia apartou a bandeja, pensativa. levantou-se, ficou a caminhar pelo saloncito, retornou ao dormitório e se tendeu na cama. O livro que estava sobre a mesinha de noite atraiu sua atenção e ficou em pé de um salto.

— Conheço um sítio! —gritou.

Lucas apareceu a cabeça pela porta entreaberta. Uma nuvem de bafo lhe envolvia o rosto.

— Eu também conheço um montão de sítios.

— Falo a sério, Lucas.

— Eu também —disse ele em tom brincalhão—. Pensa me dar algum detalhe mais? Nesta posição estou a metade quente e a metade frio. Há uma grande diferença de temperatura entre as duas habitações.

— Conheço um sítio na Terra onde advogar por nossa causa.

Parecia tão triste e tão alterada, tão frágil em sua esperança, que Lucas se inquietou.

— Que sítio é esse?

— O verdadeiro teto do mundo, a montanha sagrada onde todos os cultos convivem e se respeitam, o monte Sinai. Estou segura de que, de lá encima, poderei seguir lhe falando com meu Pai e talvez O me ouça.

Lucas olhou o relógio do vídeo.

— Averigua os horários. Visto-me em um momento.

Zofia se precipitou para o telefone e marcou o número de informação de transportes aéreos. A secretária eletrônica lhe prometeu que um operador a atenderia. Impaciente, olhou pela janela a uma gaivota que empreendia o vôo. Um momento depois, tinha várias unhas mordiscadas e ninguém tinha atendido sua chamada. Lucas lhe aproximou pelas costas e a rodeou com os braços para murmurar:

— Quinze horas de vôo como mínimo, às que terá que acrescentar dez de diferença horaria... Quando chegarmos, nem sequer poderemos nos dizer adeus na calçada do aeroporto porque já nos terão separado. É muito tarde, Zofia, o teto do mundo está muito longe daqui.

O auricular do telefone voltou a ocupar seu sítio. Zofia se voltou para inundar seus olhos no fundo dos do Lucas e se beijaram pela primeira vez.

Muito mais ao norte, a gaivota se posou sobre outro corrimão. Desde sua habitação do hospital, Mathilde deixou uma mensagem no móvel da Zofia e pendurou.

Zofia retrocedeu uns passos.

— Sei de uma maneira —disse.

— Não renunciará, verdade?

— À esperança? Jamais! Estou programada para isso. Acaba logo de te arrumar e confia em mim.

— Mas se não fazer outra coisa!

Dez minutos mais tarde, saíram ao estacionamento do hotel e Zofia se deu conta de que necessitavam um carro.

— Qual? —perguntou Lucas, desinteressado, olhando o parque de veículos estacionados.

A pedido da Zofia, conformou tomando emprestado» o mais discreto. Enfiaram imediatamente a auto-estrada 101, esta vez em direção norte. Lucas perguntou aonde foram, mas Zofia ia distraída procurando o móvel na bolsa e não lhe respondeu. antes de ter tempo de marcar o número do inspetor Pilguez para lhe dizer que não fosse buscá-los, soou o aviso da rolha de voz.

«Sou eu, Mathilde, queria te dizer que não se preocupe. Dei-lhes tanto a lata esta manhã que me deixarão sair antes de meio-dia. chamei a Maneta; virá a me buscar para me levar a casa, e me prometeu que passará todas as noites a me levar o jantar até que me recupere... Ao melhor o alargo um pouco... O estado de Reina não evoluiu, não pode receber visitas, dorme. Zofia, há coisas que dizemos nas relações amorosas e não nos atrevemos a dizer nas de amizade, mas bom, lá vai: foste muito mais que a luz de meus dias ou a cúmplice de minhas noites, foste e segue sendo meu amiga. Vá aonde vá, boa sorte. Já te sinto falta de.»

Zofia pulsou o botão com todas suas forças e o móvel se apagou; deixou-o cair dentro da bolsa.

— Vê para o centro da cidade.

— Aonde vamos? —perguntou Lucas.

— Te dirija para o Transamerica Building, a torre em forma de pirâmide da rua Montgomery.

Lucas parou no borda.

— A que joga?

— Não sempre se pode contar com as vias aéreas, mas as do céu seguem sendo inescrutáveis. Arranca!

O velho Chrysler seguiu seu caminho no silêncio mais absoluto. Deixaram a 101 na saída da Terceira rua.

— Hoje é sexta-feira? —perguntou Zofia de repente, com ar de preocupação.

— Por desgraça! —respondeu Lucas.

— Que horas são?

— Pediste-me um carro discreto e, como vê, este não dá nem a hora. Enfim, são as doze menos vinte.

— Temos que nos desviar um pouco, devo cumprir uma promessa. Vê o hospital, por favor.

Lucas girou para subir pela rua Califórnia e, dez minutos mais tarde, entraram no recinto do complexo hospitalar. Zofia lhe pediu que estacionasse diante da unidade de pediatria.

— Vêem —disse detrás fechar a portinhola de seu lado.

A seguiu pelo vestíbulo até as portas do elevador. Ela o tirou da mão, entraram e pulsou um botão. A cabine subiu até o sétimo andar.

No corredor onde outros meninos jogavam, viu o pequeno Thomas. O lhe sorriu, lhe devolveu a saudação com um tenro gesto e lhe aproximou. Zofia reconheceu ao anjo que estava a seu lado e se deteve. Lucas notou então que lhe estreitava a mão. O menino agarrou de novo a do Gabriel e continuou seu caminho para o outro extremo do corredor sem apartar nem um momento o olhar dela. Na porta que dava ao jardim de outono, o menino se voltou por última vez. Abriu a mão e depositou um beijo na palma para enviar o soprando. Fechou os olhos e, sorrindo, desapareceu na pálida luz da manhã. Zofia fechou também os olhos.

— Vêem —murmurou Lucas, atirando dela.

Quando o carro saiu do estacionamento, Zofia sentiu náuseas.

— Falava de certos dias nos que o mundo nos joga em cima? —disse—. Hoje é um desses dias.

Circularam pela cidade sem intercambiar uma palavra. Lucas não tomou nenhum atalho, ao contrário, escolheu os caminhos mais largos. Conduziu pela costa e se deteve. Levou-a a caminhar pela praia debruada de espuma.

Uma hora mais tarde, chegaram ao pé da torre. Zofia deu três voltas ao edifício sem encontrar um sítio para estacionar.

— As multas dos carros roubados não se pagam —disse Lucas, elevando os olhos ao céu—. Estaciona em qualquer sítio.

Zofia estacionou junto à calçada reservada para carga e descarga. dirigiu-se para esta entrada e Lucas a seguiu. Quando o ladrilho se deslocou, Lucas retrocedeu instintivamente.

— Está segura do que faz? —perguntou, inquieto.

— Não! me siga!

Percorreram os corredores que conduziam ao grande vestíbulo. Pedro estava atrás do mostrador e se levantou o vê-los.

— Miúdo descaramento, trazê-lo aqui! —exclamou, indignado.

— Necessito sua ajuda, Pedro.

— É que não sabe que todo mundo te está procurando e que todos os guardiães da Morada andam detrás de vós? O que tem feito, Zofia?

— Não tenho tempo de lhe explicar isso

— É a primeira vez que vejo alguém com pressa aqui.

— Tem que me ajudar, só posso recorrer a ti. Devo ir ao monte Sinaí, me deixe acessar ao caminho que conduz ali por Jerusalém.

Pedro se esfregou o queixo olhando-os aos dois.

— Não posso fazer o que me pede, não me perdoariam isso. Em troca —disse, afastando-se para a outra ponta do vestíbulo—, é possível que tenha tempo de encontrar o que buscas enquanto informo ao serviço de segurança de que estão aqui. Olhe no compartimento central do console.

Zofia se precipitou atrás do mostrador e abriu todas as gavetas. Confiando em seu instinto, escolheu uma chave e arrastou consigo ao Lucas. Quando a introduziu na porta camuflada na parede, esta se abriu. Então ouviu a voz do Pedro a suas costas:

— Zofia, é um caminho sem retorno, sabe o que faz?

— Obrigado por tudo, Pedro!

O homem meneou a cabeça e atirou de um punho que pendurava no extremo de uma cadeia. Os sinos do Grace Cathedral soaram e Zofia e Lucas logo que tiveram tempo de entrar no estreito corredor antes de que todas as portas do grande vestíbulo se fechassem.

Uns instantes mais tarde, saíram por uma abertura praticada na cerca de um solar.

O sol alagava com seus raios a pequena rua bordeada de edifícios de três ou quatro pisos com a fachada descolorida. Lucas pôs cara de preocupação ao olhar a seu redor. Zofia se dirigiu ao primeiro homem que passou por seu lado.

— Fala nossa língua?

— Tenho pinta de idiota? —repôs o homem, ofendido, afastando-se.

Zofia não se desanimou e se aproximou de outro pedestre que se dispunha a cruzar.

— Estou procurando...

antes de que tivesse tempo de acabar a frase, o homem já tinha chegado à calçada de em frente.

— A gente não é muito acolhedora para viver em uma cidade Santa! —disse Lucas com ironia.

Zofia fez caso omisso do comentário e abordou a uma terceira pessoa, um homem completamente vestido de negro, sem dúvida alguma um religioso.

— Pai —disse—, pode me indicar o caminho para ir ao monte Sinaí?

O sacerdote a olhou de cima abaixo e partiu encolhendo-se de ombros. Lucas, apoiado em uma luz com os braços cruzados, sorria. Zofia se voltou para uma mulher que caminhava em sua direção.

— Senhora, estou procurando o monte Sinaí.

— Não tem nenhuma graça, senhorita —respondeu a transeunte, afastando-se.

Zofia se aproximou do vendedor de salazones que estava arrumando a cristaleira de sua loja enquanto falava com um repartidor.

— Bom dia, algum de vocês poderia me indicar como ir ao monte Sinaí?

Os dois homens se olharam, intrigados, e reataram sua conversação sem emprestar a menor atenção a Zofia. Ao cruzar a rua, esta esteve a ponto de ser atropelada por um automobilista, que lhe deu um sonoro buzina.

— São do mais encantados —disse Lucas em voz baixa.

Zofia girou sobre si mesmo em busca de alguma ajuda. Sentiu que o sangue lhe subia à cabeça, recolheu uma caixa de madeira vazia do comércio, baixou ao meio-fio para plantar-se no meio do cruzamento, subiu ao pequeno estrado improvisado e, com as mãos em jarras, gritou:

— Teria alguém a amabilidade de me emprestar atenção um minuto? Tenho que fazer uma pergunta importante.

A rua se paralisou e todas as olhadas convergiram nela. Cinco homens que passavam em comitiva se aproximaram e disseram ao unísono:

— Qual é a pergunta? Nós temos uma resposta.

— Devo ir ao monte Sinaí. É urgente.

Os rabinos formaram um círculo a seu redor. consultaram-se uns aos outros e, gesticulando muito, intercambiaram opiniões sobre a direção mais apropriada que indicar. Um homem baixinho se deslizou entre eles para aproximar-se da Zofia.

— Me acompanhe —disse—, tenho um carro, posso levá-la. Ato seguido, dirigiu-se para um velho Ford estacionado a uns metros dali. Lucas se separou da luz e se somou ao cortejo.

— Dêem-se pressa —acrescentou o homem, abrindo as portinholas—. Deveriam haver dito de entrada que se tratava de uma urgência.

Lucas e Zofia tomaram assento detrás e o carro saiu disparado. Lucas olhou a seu redor, franziu de novo o sobrecenho e se inclinou para a Zofia para lhe dizer ao ouvido:

— Seria mais prudente tomar-se no assento. Parece-me uma estupidez deixar que nos descubram quando estamos a ponto de chegar.

Zofia não tinha nenhuma vontades de discutir. Lucas se encolheu e ela apoiou a cabeça em seus joelhos. O condutor jogou uma olhada pelo retrovisor. Lucas lhe devolveu um amplo sorriso.

O carro circulava a toda velocidade, sacudindo aos passageiros. Uma meia hora mais tarde, freou em seco em um cruzamento.

— Ao monte Sinaí queriam ir e ao monte Sinaí os trouxe —disse o homem voltando a cabeça, encantado.

Zofia, sem sair de seu assombro, incorporou-se. O condutor lhe tendia uma mão.

— Já? Acreditava que estava muito mais longe.

— Pois resulta que estava muito mais perto —respondeu o condutor.

— Por que me tende a mão?

— Que por que? —disse o homem, levantando a voz—. Porque do Brooklyn a 1.470 da avenida Madison são vinte dólares!

Zofia olhou pelo guichê e abriu os olhos com assombro ao descobrir que a grande fachada do hospital Monte Sinaí de Manhattan se elevava ante ela. Lucas suspirou.

— Sinto muito, não sabia como lhe dizer isso

Pagou ao taxista e fez sair do veículo a Zofia, que não dizia nem meia palavra. Foi cambaleando-se até o banco da parada do ônibus e se sentou, abobalhada.

— Equivocaste-te que monte Sinaí —disse Lucas—. escolheste a chave da pequena Jerusalém de Nova Iorque.

ajoelhou-se ante ela e tomou suas mãos entre as suas.

— Zofia, deixa-o já... Se em milhares de anos não conseguiram resolver qual deve ser a sorte do mundo, de verdade crie que tínhamos alguma possibilidade em sete dias? Amanhã a meio-dia separarão, assim não percamos nem um minuto do tempo que fica. Conheço muito bem a cidade. me deixe converter este dia em nosso momento de eternidade.

Arrastou-a e caminharam pela Quinta Avenida em direção a Central Park.

Levou-a a um pequeno restaurante do Village. O jardim traseiro estava vazio naquela época do ano e pediram que lhes servissem ali uma comida de festa. Foram até o SoHo, entraram em todas as lojas, trocaram-se dez vezes de roupa e lhes deram os objetos do instante anterior a quão vagabundos encontravam pela rua. Às cinco, a Zofia gostou de passear sob a chuva; Lucas a fez descer pela rampa de um estacionamento, acendeu o acendedor debaixo de um alarme contraincêndios e subiram tirados da mão sob um toró único. Escaparam correndo para ouvir as primeiras sirenes dos bombeiros. secaram-se ante a grade de um gigantesco extrator de ar e se refugiaram em um multicine. O que importava o final dos filmes! Para eles, só contava o princípio. Trocaram sete vezes de sala sem perder nenhuma só pipoca durante suas carreiras pelos corredores. Quando saíram, a noite já tinha cansado sobre o Union Square. Um táxi os deixou na rua Cinquenta e sete. Entraram em umas lojas de departamentos que fechavam tarde. Lucas escolheu um smoking negro; ela se inclinou por um moderno traje de jaqueta.

— Os pagamentos com cartão não os carregam até final de mês —lhe sussurrou ao ouvido ao ver que não se decidia a ficar uma estola.

Saíram pela Quinta Avenida e atravessaram o vestíbulo do grande edifício que bordeava o parque. Subiram até o último piso. Da mesa que lhes atribuíram, a vista era sublime. Provaram todos os pratos que ela não conhecia e Zofia saboreou as sobremesas.

— Isto não te faz engordar até passados uns dias —disse, escolhendo o soufflé de chocolate.

Eram as onze da noite quando entraram em Central Park. Soprava uma suave brisa. Passearam pelos caminhos bordeados de luzes e se sentaram em um banco, sob um grande

salgueiro. Lucas se tirou a jaqueta e cobriu a Zofia os ombros. Ela olhou o puentecito de pedra branca cuja abóbada ficava justo sobre o passeio e disse:

— Na cidade a que queria te levar há um grande muro. Os homens escrevem desejos em partes de papel e os introduzem entre as pedras. Ninguém está autorizado a retirá-los.

Um vagabundo passou pelo caminho, saudou-os e sua silhueta desapareceu na penumbra, sob o arco do puentecito. Transcorreu um momento em silêncio. Lucas e Zofia olharam o céu; uma imensa lua redonda difundia ao redor deles uma luz chapeada. Suas mãos se juntaram. Lucas depositou um beijo na palma da Zofia, aspirou o perfume de sua pele e murmurou:

— Um só instante de ti valia todas as eternidades.

Zofia se acurrucó contra ele.

Logo, Lucas tomou a Zofia entre seus braços e, na intimidade da noite, amou-a meigamente.

Jules entrou no hospital. Foi até os elevadores sem que ninguém reparasse nele; os Anjos Verificadores sabiam fazer-se invisíveis quando queriam... Pulsou o botão do quarta andar. Quando passou por diante da sala de guarda, a enfermeira não viu a silhueta que avançava na penumbra do corredor. deteve-se ante a porta da habitação, colocou-se bem as calças de tweed com estampado príncipe do Gales, chamou brandamente e entrou nas pontas dos pés.

Aproximou-se, levantou a gaze que rodeava a cama onde Reina dormia e se sentou a seu lado. Reconheceu a jaqueta que estava no perchero e a emoção lhe nublou o olhar. Acariciou o rosto de Rainha.

— Joguei-te tanto de menos... —sussurrou Jules—. Dez anos sem ti são muitos.

Depositou um beijo em seus lábios e a pequena tela verde que estava sobre a mesinha de noite rubricou a vida de Rainha Sheridan com uma larga raia contínua.

A sombra de Rainha se levantou e os dois partiram da mão...

... Em Central Park era meia-noite e Zofia dormia com a cabeça apoiada em um ombro do Lucas.

E entardeceu e amanheceu...

Sétimo dia

Em Central Park soprava uma tênue brisa. A mão da Zofia escorregou sobre o respaldo do banco e caiu. O frio do amanhecer a fazia estremecer-se. Amodorrada, subiu o pescoço do casaco e recolheu as pernas aproximando os joelhos ao peito. A claridade do alvorecer se filtrava através de suas pálpebras fechadas. reanimou-se. Não longe de ali, um pássaro chiou em uma árvore; Zofia reconheceu o grito de uma gaivota empreendendo o voo. estirou-se e seus dedos procuraram provas a perna do Lucas. Sua mão foi subindo pelo

assento de madeira sem encontrar nada. Zofia abriu os olhos para descobrir a solidão de seu despertar.

Imediatamente começou a chamar, sem que ninguém lhe respondesse. Então se levantou e olhou a seu redor. Advinda-las estavam desertas; o rocio, intacto.

— Lucas... Lucas... Lucas...

Sua voz soava cada vez mais inquieta, mais frágil, mais desamparada. Girava sobre si mesmo gritando o nome do Lucas até sentir vertigem. Um murmúrio de folhas delatava que a brisa era a única presença.

Zofia se aproximou febrilmente até o puentecillo, tiritando de frio. Caminhou junto ao muro de pedra branca e encontrou uma carta metida em um interstício.

Zofia:

Quando dorme está preciosa. Esta última noite, reanima-te e te estremece; eu te estreito contra mim, tampo-te com meu casaco. Me teria gostado de poder te tampar com ele todos os invernos. Suas facções estão serenas, acaricio-te uma bochecha e, pela primeira vez em minha vida, sinto-me triste e feliz de uma vez.

É o fim de nosso momento, o princípio de uma lembrança que para mim durará eternamente. Quando estávamos juntos, havia em cada um de nós tanta perfeição e tanta imperfeição ao mesmo tempo...

Partirei-me ao amanhecer, afastarei-me passo a passo para seguir desfrutando da cada segundo de ti, até o último instante. Desaparecerei detrás desta árvore para me render à razão do pior.

Deixando que acabem comigo, proclamaremos a vitória dos teus e, sejam quais sejam as ofensas, perdoarão-lhe. Retorna, meu amor, retorna a sua casa, que é onde deve estar. Me teria gostado de tocar as paredes de sua morada com aroma de sal, ver através de suas janelas as manhãs que amanhecem sobre horizontes que não conheço, mas que sei que são os teus. obtiveste o impossível, trocaste uma parte de mim. Agora queria me colocar em seu corpo e não voltar a ver jamais a luz do mundo a não ser através do prisma de seus olhos.

Onde você não existe, eu tampouco existo. Nossas mãos unidas inventavam uma de dez dedos; a tua, ao posar-se sobre mim, voltava-se minha, até tal ponto que quando seus olhos se fechavam, eu dormia.

Não esteja triste, ninguém poderá nos roubar nossas lembranças. Agora me basta fechar os olhos para verte, deixar de respirar para notar seu aroma, me pôr de cara ao vento para perceber sua respiração. Assim, disposta atenção: ali onde esteja, perceberei suas risadas, verei o sorriso de seus olhos, ouvirei sua voz. Saber simplesmente que está em algum sítio da terra será, em meu inferno, meu pequeno rincão de paraíso.

Você é meu Bachert.

Quero-te.

Lucas

Zofia se acurrucó lentamente sobre o tapete de folhas apertando a carta entre os dedos. Levantou a cabeça e olhou o céu coberto de tristeza. No meio do parque, o nome do

Lucas soou como jamais se ouviu soar na Terra: com os braços estirados o máximo possível para o céu, Zofia rasgava o silêncio e sua chamada interrompia o curso do mundo.

— Por que me abandonaste? —murmurou.

— Tampouco terá que exagerar! —respondeu a voz do Miguel, que apareceu sob o arco do puentecillo.

— Padrinho...

— Por que chora, Zofia?

— Preciso-te —disse a jovem, correndo para ele.

— Vim a te buscar, Zofia, tem que voltar comigo, isto se acabou.

Tendeu-lhe a mão, mas ela retrocedeu.

— Não vou voltar. Meu paraíso já não está em casa.

Miguel avançou para ela e lhe aconteceu um braço pelos ombros.

— Quer renunciar a tudo o que seu Pai te deu?

— Do que servia me dar um coração e deixá-lo vazio, padrinho?

Ele se colocou frente a ela e lhe pôs as mãos sobre os ombros; olhou-a atentamente e sorriu, cheio de compaixão.

— O que tem feito, Zofia?

Ela inundou os olhos nos seus. Com os lábios contraídos pela tristeza, sustentou-lhe o olhar e disse:

— Amei.

Então a voz de seu padrinho se fez mais débil, seu olhar se voltou evanescente e a luz do dia atravessou seu rosto à medida que este desaparecia.

— Me ajude —suplicou Zofia.

— É uma aliança...

Zofia não ouviu o final da frase porque ele tinha desaparecido, já não voltaria a ouvi-lo.

—... sagrada —disse ela, afastando-se só pela avenida.

Miguel saiu do elevador, passou por diante da recepcionista saudando-a com um gesto impaciente e avançou apressadamente pelo corredor. Bateu na porta do grande despacho e entrou sem esperar resposta.

— Houston, temos um problema!

A porta se fechou a suas costas.

Uns minutos mais tarde, a voz ensurdecadora do Senhor fez tremer as paredes do edifício. Miguel saiu pouco depois e indicou a quantos encontrava a seu passo que tudo ia sobre rodas e que podiam voltar para seu posto de trabalho. meteu-se atrás do mostrador de recepção e olhou nervosamente pela janela.

Em seu imenso despacho, o Senhor observava, iracundo, o tabique de em frente. Abriu a gaveta de sua direita e, dentro de este, o compartimento secreto; logo desconectou bruscamente o dispositivo de segundad do interruptor.

Deu um murro sobre o botão e o tabique se deslizou devagar sobre um trilho, deixando à vista o despacho do Presidente. As duas mesas formaram uma sozinha, desmesurada, e eles estavam um em cada ponta, cara a cara.

— Posso fazer algo por ti? —perguntou o Presidente, deixando seu baralho.

— Não posso acreditar que te tenha atrevido!

— Atrevido a que? —sussurrou Satã.

— A fazer armadilhas!

— Ah, ou seja que fui eu o que tem feito primeiro armadilhas —replicou o Presidente com arrogância.

— Como pudeste atentar contra o destino de nossos enviados? É que já não tem limites?

— Isto é o mundo ao reverso! Era o último que me faltava por ouvir! —disse Satã em tom zombador—. foste você quem começou a fazer armadilhas, amigo.

— Que eu tenho feito armadilhas?

— É claro que sim!

— Que armadilhas tenho feito eu?

— Não adote esse ar inocente comigo!

— Mas o que é o que tenho feito? —perguntou Deus.

— Voltaste para as andadas —disse Lúcifer.

— Com o que?

— COM OS HUMANOS!

Deus tossiu e se acariciou a ponta do queixo olhando a seu adversário.

— Vais deixar imediatamente de persegui-los.

— E se não o faço, o que?

— Se não o fizer, serei eu quem persiga a ti.

— Ah, sim? Tenta-o, a ver o que acontece. vai ser muito divertido. Você que crie, que os advogados residem em sua casa ou na minha? —replicou o Presidente, pulsando o botão de sua gaveta.

O tabique começou a fechar-se com lentidão. Deus esperou a que estivesse semicerrado e respirou fundo. Então, do outro extremo da mesa, Satã ouviu sua voz lhe gritando:

— VAMOS SER AVÓS!

O tabique se deteve no ato. Deus viu o semblante aterrorizado de Satã, que se tinha inclinado para olhá-lo de novo.

—O que há dito?

—Ouviste-me perfeitamente!

—Menino ou garota? —perguntou Satã com inquietação, em voz baixa.

—Ainda não o decidi!

Satã se levantou de um salto.

—Espera, vou! Esta vez temos que falar de verdade!

O Presidente se aproximou rodeando a mesa, cruzou a divisão e se sentou ao lado do Senhor no outro extremo da mesa. Seguiu uma larga conversação que se prolongou..., prolongou-se..., prolongou-se até a noite...

E depois amanheceu e houve...

... Uma eternidade

Em Central Park soprava uma tênue brisa...

Um montão de folhas se formou redemoinhos ao redor de um banco, em um dos lados da avenida peatonal. Deus e Satã se sentaram no respaldo. Viram-nos chegar de longe. Lucas e Zofia foram da mão. Com a outra, os dois empurravam o cochecito dobro. Passaram por diante deles sem vê-los.

Lúcifer suspirou, emocionado.

— Você dirá o que queira, mas a menina é mais bonita! —disse.

Deus se voltou para olhar o de marco em marco com expressão zombadora.

— Acreditava que havíamos ficado de que não falaríamos dos meninos.

Levantaram-se e caminharam juntos pela avenida.

— De acordo — disse Lúcifer—, em um mundo totalmente perfeito ou imperfeito, nos teríamos zangado. Esqueçamo-lo! Mas agora que estamos sozinhos cara a cara, me pode dizer isso Começou a fazer armadilhas o quarto ou o quinto dia?

— Mas por que te empenha em acreditar que fiz armadilhas? —Deus lhe pôs uma mão sobre o ombro a Lúcifer e sorriu—. O que me diz do azar?

Houve um entardecer... E muitos outros amanheceres.

